

JOSIMAR FARIA DUARTE

**CORPOS, NARRATIVAS E IMAGENS DO GÊNERO
MASCULINO NA REVISTA *MEN'S HEALTH***

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de Magister Scientiae.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2014**

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da Biblioteca Central da UFV

T

D812c Duarte, Josimar Faria, 1985-
2014 Corpos, narrativas e imagens do gênero masculino na revista Men's Health /
Josimar Faria Duarte. - Viçosa, MG, 2014.
115f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Rita de Cássia Pereira Farias.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Masculinidade. 2. Corpo. 3. Mídias. 4. Representações. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22. ed. 305.3

JOSIMAR FARIA DUARTE

**CORPOS, NARRATIVAS E IMAGENS DO GÊNERO
MASCULINO NA REVISTA *MEN'S HEALTH***

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de Magister Scientiae.

APROVADA: 7 de Abril de 2014

Prof^a. Dr^a. Haudrey Germiniani Calvelli

Prof^a. Dr^a. Amélia Carla Sobrinho Bifano

Prof.^a Dr.^a. Rita de Cássia Pereira Farias
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Geras pela bolsa de mestrado que me concedeu entre os anos de 2012 e 2014.

Sou grato ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa por ter possibilitado a realização desse trabalho, por meio das discussões realizadas nas disciplinas cursadas, viabilizadas pelas professoras Maria de Fátima, Rita Farias, Amélia Bifano, Simone Mafra, Junia Sousa e Karla Teixeira, e por meio do atendimento cordial de seus funcionários, sobretudo, Aloísia e Lena.

Agradeço à professora Sheila Doula pelas discussões realizadas em sua disciplina, Teoria das Representações Coletivas, oferecida em 2013 pelo departamento de Extensão Rural/UFV.

As professoras Ana Paula e Maria de Fátima pelos apontamentos realizados durante o exame de defesa do projeto. A primeira professora agradeço também por ter aceitado a co-orientação desse estudo. Já a segunda pelos diálogos esclarecedores que tivemos em encontros realizados na disciplina Estudos da Família.

As professoras Amélia Bifano e Haudrey Calvelli por terem aceitado participar da banca de defesa. Do mesmo modo, a Maria de Fátima e Douglas Mansur que aceitaram ser suplente da banca.

Agradeço ainda aos colegas de mestrado, especialmente aos que leram trecho desse trabalho e contribuíram com sugestões e indicações bibliográficas.

Sou grato também aos praticantes de musculação que colaboraram relatando suas experiências. Gostaria de lembrar com reconhecimento aos funcionários da academia de ginástica na qual realizei esse estudo, Andreia e Vaninha.

Aos meus pais, José Antônio e Teresinha, minha irmã Josiane e as minhas sobrinhas, Clara, Mariana e Celina, sou grato pelo apoio afetivo.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	iv
ABSTRACT	vi
INTRODUÇÃO.....	2
Representações <i>Men's Health</i> : Notas Sobre o Universo Empírico	15
Fontes de Estudo	19
Participantes.....	29
Procedimentos.....	30
Corpos, Mídias e Poder: Uma Questão de Gênero?	33
Poder	33
Mídias	38
Corpo	43
Gênero e Poder na Revista <i>Men's Health</i>	55
Mulheres	60
Homens	71
Corpo e Autocuidado Masculino.....	80
Ser belo!	82
E se você não envelhecesse?.....	87
Penso! Logo emagreço!	90
Magro é seu passado!.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
FONTES PRIMÁRIAS	108
APÊNDICES	111

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Duplo estilo para brilhar.....	12
Figura 2. Desenho corporal feito em 12/07/2013	45
Figura 3. Loucademia MH.....	52
Figura 4. Capa da revista Men's Health em setembro de 2012.....	56
Figura 5. Fotografia publicada na reportagem Mixer editado por Theresa Dino	64
Figura 6. Derrape nas cursas.....	66
Figura 7. Conquiste o peito dela.....	67
Figura 8. Cara da capa	72
Figura 9. Capa da revista <i>Men's Health</i> em junho de 2012	75
Figura 10. Visual quente sem torrar os tubos!.....	85
Figura 11. Men's Health Ciência.....	87

RESUMO

DUARTE, Josimar Faria, M. Sc. Universidade Federal de Viçosa, abril de 2014. **Corpos, Narrativas e Imagens do Gênero Masculino na revista *Men's Health***. Orientadora: Rita de Cássia Pereira Farias. Co-Orientadora: Ana Paula Silva.

Este trabalho tem por finalidade problematizar as representações corporais masculinas significadas mediante a repetição e ritualização do discurso “o prazer de ser homem”, emitido pela revista *Men's Health*. Busca-se detectar, definir e analisar uma maneira de estilização do corpo em que a hipertrofia muscular configura-se enquanto espaço simbólico de identidade masculina, o que produz sentidos, significados e efeitos de dominação, que se somam a outras formas tradicionais de submeter às pessoas a patologização social. Posto isto, definimos por objetivo entender como homens que se preocupam com as formas corporais constroem as imagens de si e para si, assim como delineiam os elementos sociais e culturais que influenciam suas visões. Desse modo, procurou-se analisar como os indivíduos (re)elaboram, (re)significam e (re)interpretam, conforme seus interesses sociais e culturais, as imagens corporais que circulam na atualidade. Para tanto, considerou-se a importância das imagens corporais que circulam por meio da mídia impressa no processo de subjetivação e socialização dos gêneros. Recorremos a uma metodologia de narrar tais imagens. Nosso desafio foi fazer com que essas imagens não fossem tratadas como exemplares de um contexto, mas como campo de análise. Portanto, cabe perguntar: quais imagens corporais são consideradas “perfeitas” na mídia impressa para o gênero masculino? Como alcançar um corpo socialmente aceito? Como essas imagens reverberam no cotidiano de alguns leitores? Os resultados demonstram que as imagens corporais podem ser entendidas como importante segmento pedagógico de difusão de ideias de um tipo de masculinidade que assimila a condição de identidade atrelada aos corpos musculosos.

ABSTRACT

DUARTE, Josimar Faria, Sc. Universidade Federal de Viçosa, april, 2014. **Bodies, Narratives and Images of Gender in Male Men's Health magazine.** Advisor: Rita Pereira Farias. Co-Advisor: Ana Paula Silva.

This paper aims to problematize the male body representations meant by repetition and ritualization of discourse “the pleasure of being a man ”, issued by the magazine Men's Health. Seeks to detect, define and analyze a way of styling the body where muscle hypertrophy is configured as a symbolic space of masculine identity, which produces meanings, meanings and effects of domination, which when added to other traditional forms to submit to social pathologizing people. Having said that, we define the objective of understanding how men who care about the bodily forms construct images of themselves and for themselves, as well as outline the social and cultural elements that influence their views. Thus, we sought to examine how individuals (re) establish, (re) mean and (re) interpret as their social and cultural interests, bodily images that circulate today. To this end, we considered the importance of body images that circulate through the print media in the socialization of gender subjectivity and process. We use a methodology to narrate such images. Our challenge was to make these images were not treated as specimens of a context, but as a field of analysis. Therefore, it is worth asking: what body images are considered "perfect " in print for males ? How to achieve a socially acceptable body? Since these images reverberate in everyday some readers? The results show that body image can be understood as important educational segment disseminating ideas of a type of masculinity that assimilates the condition of identity linked to muscular bodies.

Aquelas pessoas que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história. Nem os professores de Oxford nem a Academia francesa têm sido plenamente capazes de represar, de aprisionar e fixar significado, de forma independente do jogo da invenção e da imaginação humana.

(Joan Scott, 1995, p. 71).

INTRODUÇÃO

O trabalho em tela tem por finalidade problematizar algumas representações corporais masculinas significadas mediante a repetição e ritualização do discurso “o prazer de ser homem”, emitido pela revista *Men’s Health* e resignificadas por alguns de seus leitores praticantes de musculação em uma academia de ginástica na cidade de Viçosa/MG¹. Busca-se detectar, definir e analisar uma maneira de estilização do corpo em que a hipertrofia muscular configura-se enquanto espaço simbólico de identidade² masculina, o que produz sentidos, significados e efeitos de dominação, que se somam a outras formas tradicionais de submeter as pessoas a patologização social.³

Esse tema, ao ser explorado de modo sistemático, apresenta contribuições relevantes aos estudos em Economia Doméstica, permitindo-nos pensar pedagogias, modalidades de intervenções, mecanismos de representações e de imposições de valores que reforçam a desigualdades sexuais. Sabe-se, que atualmente é através dessas reflexões que o poder público identifica situações reais de discriminações para construção de suas políticas de igualdade de gênero.⁴

¹Trata-se de uma pequena cidade localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, à aproximadamente 226 km da capital do Estado, Belo Horizonte. A população conta com um número fixo de aproximadamente 72.244 habitantes e mais uma população flutuante de aproximadamente 20.000 pessoas. A escolha por pesquisar em uma pequena cidade justifica-se pelas possibilidades de proximidade entre pesquisador e seu objeto, o que consiste em apreender, “a apresentação pública e, logo, a oficialização de uma representação privada de sua própria vida, pública ou privada, implica um aumento de coações e censuras específicas”. (BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 189).

²Como o conceito de identidade é amplo é preciso esclarecer que neste trabalho usamos este termo nos referindo a posição política que um indivíduo assume em sociedade. De acordo com Hall, pode-se considerar que os homens ao longo da construção de si enquanto sujeito histórico percorreu três formas de se conceber a identidades, que, em resumo são: o sujeito do iluminismo, cuja identidade era fixa, baseado numa concepção de pessoa humana centrada, unificada, dotada das capacidades de razão. Posterior a esta, emergiu a noção de sujeito sociológico, que refletia e crescia na interação com o meio, numa noção de que o núcleo interior do sujeito não é autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com o meio. É, pois, na interação com as outras pessoas que o sujeito modifica o seu núcleo essencial. Por fim, Hall, observa que vivemos em um momento de crise das identidades, que o sujeito não tem mais uma identidade unificada e estável, mas vive hoje em meio a várias identidades, percorrer as várias, numa noção do sujeito fragmentado, numa ideia de que o sujeito possui muitas identidades, sendo algumas delas até mesmo contraditórias. (HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999).

³Trata-se de um processo social que envolve um conjunto de indivíduos divididos em “estigmatizados” e ‘normais’, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos [...] o estigmatizado não são pessoas e sim perspectivas que são geradas em situações sociais” (GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963, p. 117).

⁴ UNIFEM. Convention for the suppression on the traffic in persons and of the exploitation of the prostitution of others. New York: United Nations Development Fund for Women, 2003. Disponível em: <<http://www.unifem.undp.org/>>.

Em termos de documentação, deixamos nossas contribuições na exploração de fontes impressas e orais que ainda não foram suficientemente analisadas. Em relação à primeira, trata-se de 19 edições da revista *Men's Health* datadas entre 2011 e 2013. Documentos produzidos em papel LCW fosco, na dimensão 275 mm de altura e 208 mm de largura, com aproximadamente 120 páginas, encadernada em costura sólida com aproximadamente 4 mm de espessura, tendo uma capa de papel couché brilhante nas mesmas dimensões citadas. Tais fontes devem ser classificadas como parte integrante do que em Arquivística denominam-se acervos públicos, por uma razão simples, serem documentos impressos. A segunda, por sua vez, é composta por documentos particulares, construídos a partir de entrevistas compiladas em aparelho digital de áudio.

Os documentos citados são importantes recursos para compreensão das problemáticas de gênero, o que tem suscitado acalorados debates sobre os processos, mecanismos e formas de corporificação do poder. De modo genérico, tais discussões remetem às problemáticas que envolvem os lugares de memória, as representações culturais e o conhecimento dos universos mentais, como emoções, sentimentos e sensibilidades. Também não se pode ignorar o espaço cultural em que os indivíduos nascem, crescem, pensam, agem, trabalham e morrem. Tais questões têm sido discutidas de forma interdisciplinar, da mesma forma como classe, raça/etnia e geração.⁵

Está na ordem do dia, em nossa fin de siècle, a adoção desse conceito enquanto componente analítico para a compreensão das relações construídas politicamente, socialmente e historicamente entre homens e mulheres. A opção por essa categoria vem se enunciando a partir das perspectivas que as relações que se estabelecem são desiguais e permeadas por violências e opressões entre tais atores, que pela genitália são classificados entre machos e fêmeas, proprietários e expropriado, fortes e fracos, ativos e passivos, numa escala de importâncias que condiciona as oportunidades dos indivíduos nas várias esferas da vida social, como na política, mercado, trabalho, outras.

Partindo-se dessa constatação, portanto, inicia-se um primeiro debate sobre as possibilidades metodológicas dos usos de exemplares de tal revista enquanto fontes para uma investigação científica que visa discorrer sobre a comunicação e dominação das mídias sobre as identidades de gênero. As perguntas são inúmeras, tais como: Estas são fontes confiáveis?

⁵PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: O uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. 2005; 24 (1): 77-98.

Estamos aptos a lidarmos com tais fontes? Como lê-las sem “comprar” os discursos que as construíram enquanto verdades essenciais? Embora delinear essas respostas não seja tarefa simples, podemos assinalar de imediato que elas são fontes valiosas para termos uma dimensão importante da vida social e dos processos sociais.⁶ Desde que os saberes articulados, construídos nas edições enquanto realidades, não sejam tratadas para comprovar fatos e verdades, mas, com possibilidades de percebermos em nível arqueológico que “cada luta se desenvolve em torno de um foco de poder”. É, pois, essa a responsabilidade social de nosso ofício: Dar voz aos excluídos e marginalizados sociais. “Falar deles publicamente é uma luta, não porque ninguém ainda tinha tido consciência disto, mas porque falar a esse respeito [...] é um primeiro passo para outras lutas contra o poder”.⁷ Tarefa, essa, que requer alguns cuidados minuciosos e críticos das fontes. Por isso, devemos refletir brevemente sobre as possibilidades de um conhecimento construído a partir de revistas.

Como se sabe, revistas são publicações de cunho informativo, jornalístico ou de entretenimento, publicadas em intervalos regulares de tempo. No Brasil, até a década de 1970 as pesquisas que se utilizavam desse material eram escassas. Isso, porque, o rigor da ciência metódica de Gabriel Monod, que dominava o cenário acadêmico, considerava como fontes de sustentação científica somente documentos escritos em que foram registrados os acontecimentos políticos e militares. Desse modo, um conhecimento feito a partir de revistas não era visto como legítimo. No entanto, havia vários estudos em História da Imprensa que abordavam o papel das revistas ilustradas na vida cívica.⁸

Maria Celestina Mira aponta que para época a carência de estudos antropológicos feitos por meio de revista se explica pelo próprio padrão médio de produção e mercado, que até os anos de 1950 estavam voltados para a industrialização de bens padronizados, principalmente na siderurgia, metalúrgica e química farmacêutica. Com isso, as edições das revistas eram limitadas a algumas classes e tratavam de temas gerais para homens, mulheres, adultos, jovens e crianças. Em média, elas eram lidas por quatro pessoas dentro de uma mesma casa. Veja-se, por exemplo, O Cruzeiro, “revista da família brasileira”, considerada pelo Ibope de 1950 como mais lida, com tiragens semanais de aproximadamente 700.000 exemplares. Em cada edição havia reportagens para mulheres e homens, crianças,

⁶MENESES, U. T. B. de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, 2003, vol.23, n.45, p. 11.

⁷FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. 75-76.

⁸LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-116.

adolescentes e adultos, patrões e os criados, o que sugere as limitações de circulação desses bens, que de fato só veio a ampliar e popularizar-se no pós-1960, em partes pela falência econômica do modelo “fordista”, que motivou vários movimentos políticos de esquerda e de contracultura.⁹

De fato, a crescente perspectiva de “crise” do modelo industrial abriu horizonte para os questionamentos de pesquisas sobre as virtudes de uma sociedade padronizada e estruturada. Os valores conservadores das famílias foram postos em xeque pelos jovens, que voltaram-se para os ideais “antissocial”, “culturas marginais”, “liberdade sexual”, “individualismo”, e outros protestos políticos contra a “cultura dominante”. Em resposta a esses movimentos, o mercado editorial passou a produzir revistas quinzenais e mensais voltadas exclusivamente para pessoas de sexos distintos, idades, classes sociais, entre outros, como, por exemplo, as revistas femininas Cláudia, Manequim e Capricho e masculinas como Quatro Rodas e Playboy.¹⁰

À medida que a produção de revistas diversificou e avolumou-se, é que ocorreram as primeiras mudanças no panorama acadêmico de incorporação das mesmas enquanto fontes, em partes influenciadas pelas novas metodologias que dominavam os estudos históricos na Europa, como a Escola dos Annales e a História Social Inglesa. Segundo Tânia Regina de Luca, isso ocorreu de forma ambígua entre os pesquisadores brasileiros: alguns viram esses documentos como testemunhos oculares, outros acreditavam que as informações retiradas dessas fontes deveriam ser trianguladas com outras, de diferentes naturezas, para comprar as hipóteses de estudos em ciências sociais.¹¹

Foi somente nos anos de 1980, com o lançamento da *Faire de l'histoire*, pela tradução da obra *La Nouvelle Histoire* organizada por Le Goff e Nore, que revistas passaram a ser entendidas enquanto ferramentas que possibilitam termos contatos com as práticas sociais e representações culturais que se processam no tempo e no espaço. Sem haver a necessidade da triagem de documentos para validar hipótese, pois através da leitura de rastros e fragmentos deixados nesses documentos podemos identificar as marcas da ação do homem, ainda que de modo sutil, numa tentativa de,

⁹MIRA, M. C. O leitor e a banca de revista: O caso da Editora Abril. Campinas, SP: [S/n], 1997.

¹⁰Ibid.

¹¹LUCA, T. R. de. Op. cit.

Reconstituir a hierarquia de interesses das pessoas que vivem num dado período. Há outra especificidade do trabalho com o passado: a de destacar essas “configurações de silêncio” de que falava Michel Foucault, as supressão das massas, adormecidas, até mesmo painéis inteiros de história que, não se sabe por que razão, caíram subitamente no esquecimento.¹²

Sendo assim, podemos dimensionar a relevância da pesquisa ao considerar-se que recentemente os discursos patriarcais¹³, que em épocas atrás defendiam a premissa de que os homens brancos tinham que ser brutos, rústicos e sistemáticos, para ocuparem o poder, foram questionados por instituições sociais e médicas que buscaram afirmar o corpo “saudável”, sem marcas de magreza, gordura, flacidez ou moleza, enquanto realidade psíquica e social. Neste sentido, basta observamos, a partir de revistas, televisão, filmes e comerciais, como as mídias tem nos apresentado mensagens que dizem que os homens vivem em um processo de transformação de seus comportamentos, sob a égide da “boa forma” corpórea, frequentemente associada a corpos musculosos, definidos por exercícios físicos,¹⁴ como confirmam vários depoimentos concedidos para esta pesquisa, como no seguinte:

Para um homem ser belo, ele tem que ter um corpo bem definido. Não pode ser aquilo muito musculoso. Mas, bem definido. Tipo um corpo fitness. Uma barriga sequinha, com os músculos bem marcadinhos. Os braços definidos. O ombro em harmonia. O peitoral todo desenhado. As pernas também. Nada de perna fina! Tudo tem que está harmônico. Não existe coisa mais feia que aqueles caras cones. Grandão em cima e fino em baixo. Eu não gosto. Me preocupo em ficar bem harmônico. Venho à academia pelo menos três vezes na semana. Malho o corpo todo! Quando não venho fico triste. Tenho até vontade de chorar! As pessoas elogiam muito minha força de vontade. Também os resultados. Falam que estou forte. Que estou ficando fortão. Fico muito feliz. Minha mãe quando me vê fica muito satisfeita com meus

¹²CORBIN, A. *Historien du sensible, entretiens avec Gilles Heuré*. Paris: La Découverte, 2000.

¹³ Segundo Antônio Cândido, o patriarcalismo refere-se ao domínio masculino sobre a família. No passado brasileiro “o domínio do chefe era quase que absoluto, correspondendo às necessidades de organização social em um imenso país que prescindia de controle e era caracterizado por uma economia que dependia da iniciativa em larga escala e do comondo sobre uma numerosa força de trabalho constituída por escravos. Era um tipo de organização social no qual a família necessariamente era o grupo dominante em um processo de sociabilização e integração”(CANDIDO, A. *The Brazilian family*. In: LYNN SMITH, T. e MARCHANT, A. *Brazil: portrait of half a continent*. New York: Dryden, 1951, p. 291-312).

¹⁴ Segundo esses argumentos, os homens contemporâneos têm frequentado academias de musculação, clínicas estética, feito cirurgias plásticas, lipoaspirações, colocado silicone, consumindo hormônios, anabolizantes e cultivando o bronzado, numa busca incansável pelo corpo perfeito e musculoso. Para definir esse comportamento surgiu na publicidade e na indústria cultural o termo metrosexual, que é constantemente utilizado para se referir a um conjunto de homens que gastam a maior parte de seu tempo e orçamento na produção de suas imagens. A possibilidade de mudar a aparência com a ajuda de técnicas e químicas é recorrentemente coligado à conquista de respeito por si mesmo. O embelezamento masculino é associado aos cuidados pessoais, às medidas de saúde física e psíquica. Neste sentido, aparece na mídia um novo olhar sobre a masculinidade, que valoriza as formas corporais na modelagem dos comportamentos e emoções (FLOCKER, M. *The Metrosexual: guide to style – a handbook for the modern man*. New York: Da Campo Press, 2003).

resultados. Ela gosta que eu malhe direitinho. Só não gosta quando uso suplemento. Tem medo de que possa prejudicar a saúde. Mas, é tudo tranquilo. Na própria *Men's Health* tem várias reportagens científicas que comprovam não ter problema nenhum [...] Leio essa revista desde a academia que eu malhava na minha cidade. Tem uns treinos interessantes. É uma boa revista. Mas, tem muita foto de homem sem camisa. Eu não gosto disso não!¹⁵

Já no mercado¹⁶ cresceu o número de produtos e serviços voltados para a hipertrofia muscular dos corpos masculinos, tais como aparelhos de ginásticas, suplementos alimentares, shakes, massagens modeladoras, pacotes em academias de ginásticas e em clínicas cirúrgicas. Com isso, são cada vez mais corriqueiros os relatos de homens preocupados em terem músculos excessivos, e, para isso, dedicam horas em exercícios de levantando de pesos em aparelhos para conseguirem a “definição muscular ideal”.¹⁷ Muitos também adquirem remédios, suplementos alimentares ou fórmulas naturais que prometem trazer o corpo “sarado”, dedicam-se, assim, a “dieta para gigantes”.¹⁸ Somam-se a esses, o fato de vários programas de televisão exibem truques para se entrar em “forma”, ao tempo em que revistas populares apresentam modelos que se dedicam ao fisiculturismo.¹⁹

Sem dúvida, as mídias têm contribuído na concretude de um imaginário no qual o embelezamento do corpo masculino é feito pela musculação. Em revistas, por exemplo, são ordinárias mensagens nas quais se lê: “Corpo definido a jato!”²⁰ ; “Abdome sarado em 5 passos”²¹ ; “Sarado à base de esporte”²²; “Ganhe um corpo 10% + forte”²³; “Forte sem sair de casa”²⁴; e “Vire um paredão”²⁵. Por outro lado, são cada vez mais triviais informações sobre homens que têm a saúde afetada pelo consumo de esteroides, anabolizantes e hormônios, utilizados para aumentar o tamanho muscular, a “força” e a “resistência” física. Também se

¹⁵Entrevista 12: Estudante de Engenharia Mecânica. 22 anos, 1,70 m de altura e 84 kg. Data: 13/09/2013.

¹⁶Entende-se por mercado o sistema político-cultural de equilíbrio de poder no qual os agentes sociais realizam trocas de bens materiais e simbólicos, da “propensão do homem de barganhar, permutar e trocar uma coisa pela outra” (POLANYI, K. A grande Transformação: as origens de nossa época. Rio de Janeiro, Campus, 1980, p. 63)

¹⁷Super Treino. 2010, nº 47, Editoria Multiesportes, Dezembro, p. 1.

¹⁸Ibid, loc cit.

¹⁹No dicionário, “fisiculturismo” é uma prática esportiva que visa, através da musculação, à melhor definição muscular, ou seja, volume, simetria, proporção e definição da fibra muscular (FERREIRA, A.B. H. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986).

²⁰*Men's Health*. 2011. nº 67, Editora Abril, novembro, p. 1.

²¹*Men's Health*. 2011. nº 66, Editora Abril, outubro, p. 1.

²²*Men's Health*. 2012. nº 70, Editora Abril, fevereiro, p. 1.

²³*Men's Health*. 2012. nº 74, Editora Abril, junho, p. 1.

²⁴*Men's Health*. 2012. nº 72, Editora Abril, abril, p. 1.

²⁵*Men's Health*. 2012. nº 75, Editora Abril, julho, p. 1.

inserir nesse panorama os distúrbios psicológicos de adolescentes gerados pelo sentimento de não adequação corporal²⁶.

Todos estes pontos remetem a uma sociedade em que os desvios corporais de peso, sejam eles a obesidade ou anorexia, são considerados doenças a serem tratadas pelo Estado, indústrias, famílias e por profissionais da área da saúde.²⁷ Além disso, esses “corpos” encontram sentidos em sociedades tidas como mais liberais e democráticas, onde as pessoas julgam que eles estão livres de preconceitos morais, religiosos e políticos. Desse modo, os corpos são o mais valioso patrimônio humano, que devem ser cuidados por cada pessoa como símbolos da vitória da cultura sobre a natureza²⁸ e como vestígios das identidades de grupos estabelecidas no mundo cibernético.²⁹ Mas, cada vez mais os sociólogos, a exemplo de Le Breton³⁰, nos questionam se os corpos estão realmente livres. Como falar em liberdade dos mesmos se há constantes preocupações em modelá-los conforme os parâmetros sociais? Como pensar em liberdade desses em meio às várias técnicas e tecnologias para condicionar, modificar e construir as formas corporais?

Alinhando, portanto, nosso pensamento aos dos sociólogos Le Breton³¹, Goldenberg³², Malysse³³ e Mauss³⁴, os quais consideram que há uma liberdade dos corpos e não para os corpos, é que aceitamos o desafio de tratar de uma temática que não esteve no âmbito de nossa formação acadêmica em história. Além disso, o fácil acesso as fontes documentais da revista *Men's Health*, nos instigam, enquanto pesquisadores, a ampliarmos a nossa noção de objeto e expandirmos nosso conceito de documento, para que a ciência seja escrita “com

²⁶Algumas matérias jornalísticas afirmam que homens de classe média e alta consomem anabolizantes na busca de um corpo perfeito. As pesquisas realizadas “provam” que essas substâncias degeneram a saúde do coração, do cérebro e elevam o risco de morte súbita. Já os psicólogos afirmam que as preocupações com a forma corporal de adolescentes causam danos cerebrais irreversíveis, afetando a memória e o raciocínio (REPPOLD, C.T.; HUTZ, C.S. Investigação psicodiagnóstica de adolescentes: Encaminhamentos, queixas e instrumentos utilizados em clínicas-escolas. *Avaliação Psicológica*, 7(1), 2008, p. 85-91).

²⁷SANT'ANA, D. B. de (org.). *Política do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

²⁸CAILLOIS, R. *Os jogos e os homens*. Lisboa, Portugal, 1990

²⁹SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

³⁰LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

³¹Ibid.

³²GOLDENBERG, M. *O corpo como capital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

³³MALYSSE, S. Em busca dos (H) alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: M.GOLDENBERG (org.), *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro, Record, 2002.

³⁴MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

tudo que, pertence ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser homem”.³⁵

Cabe, assim, destacar que inicialmente, pensamos a revista *Men's Health* apenas como fonte de um estudo sobre beleza masculina midiática. Acreditávamos que a mesma podia subsidiar o pensamento em voga a respeito do consumo da beleza, na qual a indústria cultural propõe a esse público o consumo de produtos estéticos, para se sentirem melhores aos olhos dos outros.³⁶ Porém, conforme as mesmas foram lidas, relidas e confrontadas com os referenciais teóricos sobre gênero e corporalidade, observamos que havia nessas mensagens uma educação do gênero masculino na qual, por meio da produção de uma moral de culto aos corpos musculosos, os homens eram incentivados a negar imagens físicas que demonstrassem fragilidade e/ou passividade. Logo, as estampas de homens musculosos nas edições não eram apresentadas apenas como o resultado estético das academias e das pistas esportivas, mas pintavam os valores e o modo de pensar da equipe editorial sobre o comportamento de gênero, nos quais os braços e ombros musculosos eram representados como símbolos de autonomia, respeito e sociabilidade de uma masculinidade.

Assim sendo, em nossa pesquisa estamos lidando como os modos pelos quais o poder se efetiva mediante a atualização de modelos sexuais que conferem sentido à subjetividade. Um tema polêmico para os estudos de gênero, área de investigação que é carregada de estereótipos e pontos de discussões sobre as construções das identidades femininas e/ou masculinas. Isso, porque, como afirma Lynn Hunt, “sem alguma discussão de gênero, nenhum relato de unidade e diferença culturais pode estar completo”.³⁷ Como alerta Scott, o uso do termo gênero, ao invés da categoria homem/mulher, sugere a desconstrução da natureza polarizada das relações entre os sexos.³⁸

De tal modo, superar a dicotomia sexual construída dentro do reducionista biológico heteronormativo, próprio da dominação patriarcal, é problematizar as identidades sociais, questionando-as não só do ponto de vista histórico e conceitual, mas compreendendo as maneiras pelas quais os corpos ganham significados complexos dentro de um quadro regulatório altamente rígido. Dessa maneira, “os historiadores devem antes de tudo examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus

³⁵FEBVRE, L. Combates pela história. Lisboa: Editorial Presença. 1989, p. 428.

³⁶GARCIA, W. O corpo contemporâneo: a imagem do metrosssexual no Brasil. Revista Virtual de Humanidades, 2004, 11:1-15.

³⁷HUNT, L. A nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.24.

³⁸SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, n. 20(2), 1995, p. 71-100

achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas”.³⁹

Com esse entendimento de gênero, ou seja, como conceito acadêmico que surgiu a partir das feministas de 1970, é que delimitamos nosso objetivo central, que consiste em perceber os modos como homens que se preocupam com as formas corporais constroem as imagens de si e para si, assim como delinear os elementos sociais e culturais que influenciam suas visões. Desse modo, procura-se analisar como os indivíduos (re)elaboram, (re)significam e (re)interpretam, conforme seus interesses sociais e culturais, as imagens corporais que circulam na atualidade.

Como objetivos pontuais, podemos citar:

- a) - Identificar quais são as representações corporais produzidas enquanto modelo de identidade sexual masculina.
- b) - Analisar como alguns leitores da revista se apropriam das representações criadas pela equipe editorial.
- c) - Esclarecer quais condutas masculinas são propostas pela revista *Men's Health*.

Tomando então como pressuposto básico ser impossível pensar estes objetivos sem avaliar os aspectos educacionais. Afinal, como afirmou Simone de Beauvoir⁴⁰ não nascemos com um gênero, ele não nos é designado definitivamente, mas corresponde a algo que aprendemos, é que acreditamos ser importante pensar a família, instituição lembrada por sociólogos e antropólogos como capaz de ditar e moldar a conduta do sujeito de gênero por meio de pedagogias. Portanto, cabe perguntar: A família, associação humana baseada em laços consanguíneos e rituais, impõe ao corpo masculino um sistema de reconhecimento excludente que vulnerabiliza de maneira direta formas tidas como gordas ou magras, afeminadas ou femininas.

Na revista *Men's Health*, por exemplo, o professor de Educação Física de 29 anos, 1,80 m de altura, e 79 kg, desabafou: “O processo é difícil. Eu achava que nunca seria magro”. Isso após vivenciar várias experiências de ouvir gozações de colegas e familiares pelas suas formas físicas. A partir desse confronto social com seu corpo, ele resolveu mudar.

³⁹Ibid, p. 81.

⁴⁰BEAUVOIR, S. de. O segundo sexo: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Para isso, encontrou no apoio no irmão para perder 39 kg em dois anos: “Ele também estava acima do peso e insistiu para que eu o acompanhasse na academia”.⁴¹

Sendo assim, com base em tais considerações, que julgamos interessante prestar atenção na importância da família no processo de performatividade do corpo masculino, pois como apontou Judith Butler⁴² no âmbito da formação da subjetividade, os membros que compõem essa associação intervêm de forma direta em prol das normas sexuais de gênero, mais precisamente demonstrando representações consolidadas socialmente dentro de discursos fálicos naturalizados no binarismo de gênero e na heterossexualidade. Sob tal perspectiva, podemos questionar a construção dos corpos masculinos, afinal eles não devem ser pensados como a priori ou naturais, mas, como construções discursivas de instituições sociais como a família. Neste sentido é que cabe pensarmos as técnicas de gênero, que são, nas palavras de Teresa de Lauretis, “[...] estratégias discursivas por meio das quais o gênero é construído”. Neste sentido, os discursos associados ao autocuidado corporal têm função pedagógica para imprimir, regular e negociar uma identidade de gênero.⁴³

Atualmente, a questão da identidade de gênero está sendo discutida em vários campos do conhecimento científico. Em essência, o argumento é que a mesma não é apenas marcada pela construção da sexualidade, mas, socialmente construída por meio de dispositivos culturais e políticos que dão sentido aos corpos como sendo de “homem” ou “mulher”. Por meio da análise da fotografia internacional da *Men's Health Best Fashion*, publicada em outubro de 2012, podemos entender melhor essa reflexão (Figura 01).

⁴¹*Men's Health*. 2009. nº 36, Editora Abril, Abril.

⁴²BUTLER, J. *Cuerpos que importan: Sobre los limites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires: Paid's, 2005.

⁴³LAURETIS, T. de. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



Figura 1. Duplo estilo para brilhar

Fonte: *Men's Health Best Fashion* (nº 135, outubro de 2012, p. 21).

O retrato produzido pelo fotógrafo Mário Príncipe, mostra a figura de dois homens de idade entre 18 e 25 anos. O primeiro é o modelo Janathan Sampaio, vestindo um colete, calça, camisa e gravata em tons escuros. O outro é Kelvin Sampaio, que está trajando uma cueca modelo Box de cor escura e linha horizontal branca. Eles encontram-se de pé em um cenário simples: um tecido escuro em suporte de metal. A ideia fundamental dessa representação, feita por profissionais, consiste em firmar um tipo de identidade de gênero pelo corpo enquanto linguagem. Logo, não cabe diante dela a pergunta: “é um homem ou uma mulher?” Pelas formas físicas sabemos estar diante de homens. É, pois, como afirmou Goelner:

Filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exibem ou pelo que ocultam. Dizem também de nossos corpos e, por vezes, de forma tão sutil que nem mesmo percebemos o quanto somos capturadas/os e produzidas/os pelo que lá se diz.⁴⁴

Assim sendo, o corpo é uma linguagem produzida como “verdade” essencial sobre algo construído no plano das ideias. O que faz com que no senso comum sejam eles tratados pela descrição de características tidas como naturais. O que revela uma estratégia de poder que retira do corpo o caráter fabricado enquanto campo de inteligibilidade, regulação e legitimidade do sujeito de gênero.

Nesse discurso o corpo é colocado não como algo indistinto do homem, mas como uma posse, um atributo, um outro, um alter ego. O homem é a fantasia desse discurso, o sujeito suposto. A apologia ao corpo é, sem que tenha consciência, profundamente dualista, opõe o indivíduo ao corpo e, de maneira abstrata, supõe uma existência para corpo que poderia ser analisada fora do homem concreto.⁴⁵

No entanto, cabe ressaltar que as marcas usadas para caracterizar e descrever um corpo como masculino ou feminino está sempre mudando com o passar do tempo, além de serem influenciadas pela idade, a posição social, características regionais, dentre outros marcadores.

Tendo em vista o que foi exposto, no texto que segue, iremos discutir sobre algumas imagens usadas como forma de descrever e caracterizar homens jovens e urbanos. Sempre exaltando a ideia de virilidade, sexualidade, beleza, saúde e satisfação sexual dessas

⁴⁴GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L. (Org). Corpo, Gênero e sexualidade, Petrópolis – RJ. Ed. Vozes, 2010, p. 29.

⁴⁵LE BRETON, D. A sociologia do corpo. Op. cit., p. 10.

representações construídas pela revista *Men's Health*. As análises estão apresentadas em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, que intitulamos de **Representações *Men's Health*: notas sobre o universo de pesquisa**, apresentamos as fontes documentais que foram levantadas durante a pesquisa. Iniciamos essa apresentação com a tarefa de conceituar o termo masculinidade. O balanço teórico nos leva a concordar que há modelos múltiplos de masculinidade, o que nos leva ao entendimento desse conceito como sendo polifônico e plural. A partir dessa constatação delimita-se como objetivo mapear através da Revista *Men's Health* um modelo de masculinidade associado à ideia de juventude, beleza, saúde e sucesso urbano. De modo a entender essa construção descreveremos que nosso universo empírico é composto por dois conjuntos de documentações: 19 edições da revista *Men's Health* e entrevistas com 19 de seus leitores praticantes de musculação em uma academia de ginástica na cidade de Viçosa/MG. Chega-se, assim, a um debate sobre a metodologia usada para alinhar essas fontes. Optou-se, para tanto, pelos pressupostos teóricos de representações de Roger Chartier.

No capítulo **Corpos, Mídias e Poder: Uma Questão de Gênero**, por sua vez, procuramos definir os conceitos usados em nossa análise. O primeiro deles é o de poder, que tem sido discutido por autores como Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Em seguida faremos a definição do conceito mídias, enquanto circularidade cultural entre a “cultura dominante” e as “massas sociais”. Posteriormente discutiremos o que é um corpo e em que medida esse opera enquanto construção de poder prático.

Passando para o Capítulo III, **Gênero e Poder na Revista *Men's Health***, tecemos algumas considerações sobre o conceito acadêmico de gênero. Após isso, procuramos discutir quais modelos de comportamento de gênero são expressos nos discursos da revista em análise. Nesse sentido, discutimos em princípio as representações da figura feminina na revista. Em seguida apresentamos o modelo de masculinidade hegemônica da mesma.

Por fim, no Capítulo IV, titulado **Corpo e Autocuidado Masculino**, analisamos como o corpo musculoso é significado e resinificado enquanto símbolo de beleza, saúde e sucesso para o gênero masculino. Com isso, ele é representado enquanto um estilo de vida, sobre promessas de que os feios ficaram belos, os velhos jovens, os gordos magros, os magros definidos, num processo de mudança do interior pelo exterior.

Apresentadas essas questões preliminares de nossa pesquisa, bem como a estrutura de nosso texto, vamos então a ele.

CAPÍTULO I

Representações *Men's Health*: Notas Sobre o Universo Empírico

Tema recorrente nos estudos que se dedicam ao entendimento das diferenças percebíveis entre os sexos, a masculinidade tem sido assunto de vários debates e discussões. Parece, no entanto, ser consenso entre os pesquisadores, Bardinter⁴⁶, Nolasco⁴⁷, Almeida⁴⁸, Almeida⁴⁹, Dorais⁵⁰ e Ceccarelli⁵¹ à definição, segundo a qual, trata-se de um processo construído culturalmente, historicamente e socialmente em contextos distintos. Por isso, é necessário o entendimento de suas expressividades, suas formas originais tanto de identidades, quando de exercícios de poder.

Assim sendo, a masculinidade deve ser analisada em seu caráter ímpar e particular, tendo em vistas as representações culturais, mutáveis e historicamente localizadas. Faz-se necessário também analisar as outras condições que contribuem para que os modelos possam ser construídos, bem como se firmam nas múltiplas dimensões da sociedade. Dentre estas, se destacam as condições econômicas, as dimensões ritualísticas e simbólicas, que fazem com que os padrões de comportamentos dos gêneros sejam sociabilizados e referenciados na vida psíquica dos indivíduos.⁵²

Quando se pretende analisar os discursos de dominações, um tema muito em voga, e de tamanha relevância é a questão da masculinidade hegemônica, definida como um “[...] modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito de discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino [...]”⁵³. Devemos, assim, refutar veemente a possibilidade de abordá-la sob o ponto de vista do biológico, ideia que a mesma estaria ligada a força do falo, rijo e potente, numa

⁴⁶BADINTER, E. XY: sobre a Identidade Masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

⁴⁷NOLASCO, S. O Mito da Masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

⁴⁸ALMEIDA, M. I. M. Masculino/Feminino: Tensão Insolúvel. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

⁴⁹ALMEIDA, M. V. de. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa, Fim de Século, 1995.

⁵⁰DORAIS, M. O Homem Desamparado. São Paulo: Loyola, 1994.

⁵¹CECCARELLI, P. R. A Construção da Masculinidade. In Percurso: Revista de Psicanálise, ano X, nº 19, 2º semestre de 1997, pp. 49-56.

⁵²ALMEIDA, M. V. de. Senhores de si. Op. cit.

⁵³Ibid, p. 17.

simples negação do órgão feminino, classificando como doença ou defeito genético qualquer comportamento masculino que não demonstre a heterossexualidade, força, atitude, coragem, potência e resistência. Neste caso, a masculinidade não deve ser entendida como condição natural, definida pelo pênis, ou seja, como a simples imagem estereotipada dos homens como animais machos. Deve se atentar também que a mesma não é singular, estrutural e generalizada, mas plural, multifacetada e particularizada, logo temos modelos culturais, sociais, históricos e individuais de masculinidades, construídas para orientar as condutas dos homens.

Interessante também pontuar a “crise” da masculinidade, segundo a qual os homens contemporâneos vivem em tensões de identidade do modelo patriarcal e falocêntrico, destes como únicos provedores dos lares, “caçadores” e sexualmente ativos. Isso teria se acentuado com os avanços tecnológicos, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, os movimentos feministas e a busca dos homossexuais por direitos reconhecidos por leis, gerando, assim, mudanças nas definições das identidades para além da simples negação da feminilidade.⁵⁴

De fato, não temos um modelo de identidade hegemônico de masculinidade, há uma diversidade de formas e estilos que fomenta nos representantes desse sexo o sentimento de pertencimento. Logo, a mesma está inserida em complexos jogos de forças desiguais, dinâmicos em seus elementos sociais, individuais, locais e globais⁵⁵, envoltos nas múltiplas dimensões do poder, nas suas hierarquias e desigualdades das condições sexuais.⁵⁶

Com isso, na atualidade os homens, não a larga massa, mas os adeptos de processos estéticos corporais passam por diversas mudanças na afirmação de uma identidade. Muitos se perguntam: o que eu sou? Marombeiro⁵⁷ ou metrossexual⁵⁸? Principalmente os habitantes dos meios urbanos, que mais diretamente participam desse processo de elaboração mental de uma identidade que se firma como negação da “natureza” bruta, formas rudes, sistemáticas e até “desprezíveis” da condição masculina. Daí que os homens procuram outras formas de produzir discursos sobre suas próprias masculinidades para além da afirmação do órgão genital.

⁵⁴ CONNELL, R. *Masculinities*. Sydney: Allen & Unwin, 1995.

⁵⁵ SILVA, S. G. da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2006, vol.26, n.1, pp. 118-131.

⁵⁶ STOLLER, R. *Masculinidade e Feminilidade: Apresentações de Gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

⁵⁷ BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

⁵⁸ Para Michael Flocker (2003), são homens que usam cremes, perfumes e vinhos, numa mistura de metrópole e heterossexual. Para esse autor, esses são seres que não reprimem seus lados femininos e gastam tempo e dinheiro cuidando da aparência.

Para Michel Foucault, a busca dos indivíduos por uma essência ou identidade inata, determinada pelo sexo (masculino ou feminino), como se esse fosse capaz de agir como modelador da condição humana, não se trata de uma descoberta do “eu”, mas, sim, de produções de discursos, que se localizam fora do sujeito, que vão, [...] transformá-lo em signo de outra coisa e atravessar-lhe a espessura para encontrar o que permanece silenciosamente aquém dele, e sim, pelo contrário, mantê-lo em sua consistência, fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria”.⁵⁹ Sendo assim, os sujeitos desejanter, ao afirmarem-se mediante a um conjunto de características que os unem, e não as diferenças que os singularizam, tem conscientemente dissolvida à condição do “eu” num conjunto universal de “[...] discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos”.⁶⁰

É importante entender que as identidades masculinas estão imersas nos discursos de poder. O fato de consideramos que existe características de comportamento e de personalidades que ligam os homens na condição de masculinidades, que se materializam nos pequenos detalhes das vidas dos sujeitos, estamos, conseqüentemente, interpretando-os como dotados de desejos de “ser”, de parecer ou se assemelhar com algo valorizado nos subconjuntos sociais que perpassam os indivíduos.

Erving Goffman, por sua vez, considera que os indivíduos não só desejam pertencer aos subconjuntos sociais, mas descobrem-se parte dos mesmos pelos estigmas⁶¹, pois “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”.⁶² De tal modo, os indivíduos são marcados em grupos, independentemente das vontades. Num processo muito parecido com o feito pelo ferro quente sobre o gado. Neste sentido, as masculinidades podem ser vistas como construções de poder prático, que separam alguns homens como ideais ao gênero, enquanto outros são entendidos como “fracassados”.

Masculinidade, portanto é um conceito que não se limita à condição cultural de ser homem, que facilmente se confunde com a qualidade de ser sexualmente ativo, mas, sim, uma metáfora de poder e da capacidade de ação. Logo, esta é construída no tempo e no espaço,

⁵⁹FOUCAULT, M. A arqueologia do Saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 55.

⁶⁰FOUCAULT, M. 1982 Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, p. 7.

⁶¹Para Goffman os estigmas são sinais sobre os quais a sociedade procurar “[...] mostrar algo de mal e incomum no estatuto moral do apresentado”. (GOFFMAN, E. 1963. Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 11).

⁶²GOFFMAN, E. 1963. Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 11-12.

variando de acordo com as culturas, lugares e as características individuais dos homens. Assim, elas não são singulares ou hegemônica, dada pelo biológico, e sim plural e multifacetada, diretamente ligadas às sociedades. Por isso, cada coletividade constrói características dos comportamentos do gênero masculino, definindo atributos hegemônicos e subordinados das condições desses, que são alteradas ao longo do ciclo da vida ou pelas diferentes situações cotidianas. Desse modo, não existe um modelo único de masculinidade; ela deve ser entendida e analisada em pluralidade.⁶³

Honra, dinheiro, beleza, saúde e sucesso definem modelos culturais de masculinidades expressos nos discursos das fortes esferas do poder social, que visam normatizar as práticas, tais como as ciências, mídias, religiões, famílias e outras instituições, que se manifestam nas várias esferas do cotidiano, nas brincadeiras, conversas informais, trabalhos, lazeres, relacionamento afetivos e amorosos.⁶⁴ Estes discursos buscam ocupar mentes e corações, definindo para os homens as identidades de gênero enquanto modelos de comportamento tidos como bem sucedidos ou, como definiu Marx Weber, como tipos ideais.⁶⁵ Transmitem a ideia de que o indivíduo, ao assemelhar-se a esses modelos sejam socialmente aceitos, ao ponto de darem provas das sexualidades, numa racionalidade a fim de proteger as identidades de gênero.

De tal modo, os corpos, enquanto instrumentos que dão sentido às identidades, relacionando-se diretamente às representações das quais podemos observar, “[...] tanto na percepção social quanto na linguagem” como “o gênero masculino se mostra como algo não marcado, de certa forma neutra, ao contrário do feminino, que é explicitamente caracterizado”.⁶⁶

Para compreendermos essa relação entre corpos e as identidades de gênero, portanto, discute-se a partir da revista *Men's Health* um modelo de masculinidade baseada na composição da aparência “musculosa”, expressa por jovens praticantes de musculação, urbanos e de classe média.

⁶³ ALMEIDA, M. V. de. Senhores de si. Op. cit.

⁶⁴ FOUCAULT, M. Op. cit.

⁶⁵ Instrumento de análise das tipologias da sociedade. WEBER, M. Burocracia. In: GERTH, H. M. W. (org.). Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982. p. 229-282.

⁶⁶ BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 18.

Fontes de Estudo

As fontes de sustentação empírica utilizadas nesse trabalho foram 19 edições impressas da revista *Men's Health*, construídas e divulgadas no Brasil entre 2011 e 2013. Trata-se, pois, de um periódico mensal dirigido a homens de 18 a 40 anos, com abordagens de cunho informativo, jornalístico e de entretenimento.

A revista, que nos referimos, foi idealizada nos Estados Unidos em 1987, pelo jornalista Mark Bricklin, enquanto produto de mercado que se distanciava da até então mais famosa revista voltada para o público masculino, a *Playboy*, composta por ensaios fotográficos de mulheres nuas.

Atualmente, a MEN'S HEALTH disputa o primeiro lugar com a PLAYBOY entre todas as revistas masculinas do país. As inúmeras iniciativas de manchar nosso conteúdo e posicionamento – relacionamento bobo, eu diria – soam hoje piadas velhas. Você, leitor, deixou conservadores a gente supostamente esclarecida (alunos e luminares da academia, que escreveram dezenas de teses sobre a “revista para metrosssexuais”) isolados no próprio preconceito. Em nome da equipe da MH, valeu! Chegamos à disputa pela liderança em circulação por dois motivos: 1) um conteúdo que propõe uma vida legal, já no futuro, a partir de pequenas mudanças nos hábitos e na maneira de pensar do homem; 2) a reverberação desse conteúdo em leitores ávidos por informação de qualidade, gente sem frescura, sem âncora no passado, que não precisa do aval de ninguém para desenhar o próprio destino.⁶⁷

Como evidencia o excerto, o cuidado com o corpo masculino é o elemento mais importante dos conteúdos abordados nas reportagens da revista. Logo nas capas, há fotografias de modelos denominados o cara da capa que, na maioria das vezes, são anônimos, sendo retratados em poses sensuais, seminus, exibindo a região abdominal, peitoral e braçal. Em geral, são dispostos no centro de um painel branco, que trazem o nome da revista em tons de vermelho, preto, prata, amarelo, azul, laranja ou verde.

Na época em que essa revista começou a circular nos Estados Unidos, os profissionais da saúde buscavam combater aos desvios corporais de peso, tais como a obesidade ou anorexia, além de conter o consumo de bebidas alcoólicas, drogas e outros estimulantes. Nos meios de comunicação eletrônica, por exemplo, era diariamente apresentadas campanhas de combate ao tabagismo, ao sedentarismo e à adoção das atividades desportiva.⁶⁸ Nessa ocasião,

⁶⁷*Men's Health*. 2013. n° 84, Editora Abril, Abril, p. 12.

⁶⁸SANT'ANA. D. Op. cit.

a imagem do culturista Arnold Schwarzenegger aparecia com frequência nas produções cinematográficas de Hollywood, exibindo um corpo forte e musculoso como símbolo de beleza, sucesso e felicidade, um ideal que foi seguido por homens de diferentes status sociais.⁶⁹

Nesse cenário, a revista *Men's Health* firmou-se no mercado estadunidense enquanto veículo de informação sobre qualidade de vida, conquistando um público masculino preocupado com o “condicionamento físico sem neura, nutrição sem cartilha radical, moda sem vitimar o usuário, que falasse de carreira pra ganhar grana”.⁷⁰ Atualmente a revista ampliou sua circulação espacial com a publicação de edições próprias em 38 países.⁷¹ sendo considerada “a revista masculina mais lida no mundo”.⁷²

No Brasil, a publicação nacional foi lançada em maio de 2006, numa época em que os interesses convergentes entre as principais instituições sociais estavam voltados para a popularização dos esportes, por causa da copa do mundo. “Para muita gente na época, revista masculina com homem na capa era um tiro no pé”, relata Airton Seligman, diretor da redação, “para evitar a rejeição do leitor mais conservador, deixei o cara da capa com camiseta [...] só no quarto número o cara MH, com calção de banho, na praia e com uma garota nos ombros, apareceu sem camisa”.⁷³

Hoje a revista está com 83 edições publicadas⁷⁴, sendo um magazine com mensagens sobre saúde, fitness, sexo, relacionamento, nutrição, carreira e moda, com tiragens mensais de aproximadamente 159.290 exemplares e uma circulação líquida de aproximadamente 99.220 exemplares⁷⁵, chegando a “120 mil exemplares impressos e digitais vendidos por mês, um marco no cenário de publishing hoje” (abril, 2013, p. 12). As informações veiculadas são construídas por uma equipe editorial composta pelo diretor da redação Airton Seligman, os editores Cesar Candido dos Santos e Theresa Dino, os designers gráficos Gluliane Tirabosso e

⁶⁹Super Treino. 2010, nº 47, Editoria Multiesportes, Dezembro, p. 39.

⁷⁰*Men's Health*. 2008. nº 25, Editora Abril, Maio, p. 10.

⁷¹África do Sul; Alemanha; Austrália; Bulgária; Cazaquistão; Croácia; China; Coreia do Sul; Espanha; Estados Unidos; Filipinas; França; Grécia; Holanda; Índia; Indonésia; Itália; Malásia; Polônia; Reino Unido; Romênia; Rússia; Servia e Montenegro; Singapura; Tailândia; Turquia; Ucrânia; Portugal; Argentina; Aruba; Chile, Colômbia; Costa Rica, Curaçao; Equador; El Salvador; Guatemala; Honduras; México; Nicarágua; Panamá; Peru; República Dominicana; Venezuela e Brasil.

⁷²APCT/Bareme.

⁷³*Men's Health*, 2013, nº 86, p. 14

⁷⁴Entre maio de 2006 e março de 2013.

⁷⁵Dados da IVC.

Guilherme Carvalhos, os repórteres Luca Cantro e Majorie Zoppei e por colaboradores que variam entre as edições.

As edições da revista, por sua vez, são organizadas em aproximadamente 150 seções, entre fixas e diversificadas, e ocupam entre menos de meia página até cinco laudas. Tais seções são organizadas em grupos classificados em a) **Capa**, onde estão retratados modelos masculinos anônimos, sendo que eventualmente aparecem artistas famosos ou casais; b) **Sexo**, com dicas para que os homens heterossexuais tenham vidas sexuais ativas; c) **Cabeça de homem**, com dicas que visam melhorar o cotidiano masculino, abordando as relações entre os homens e o ambiente físico, tecnológico, econômico e político; d) **Fitness**, com reportagens que trazem receituários para que o público alcance uma “boa forma” e uma “saúde perfeita”, associadas a um corpo “bonito”, “sarado” e “musculoso”; e) **Saúde**, com reportagens sobre o bem estar masculino, com conteúdos sobre medicina, cuidado com os corpos e atividades desportivas, que visam melhorar a “qualidade de vida”; f) **Nutrição**, com reportagens sobre alimentos, cardápios e dicas de alimentação tidas como saudáveis; g) **Guia de estilo**, com dicas de moda, serviços e produtos para cuidar da imagem física.

A revista também disponibiliza espaços para que os leitores expressem suas opiniões. Um desses é a seção mixer, na qual são publicados relatos de leitores que se consideram felizes por conquistar corpos parecidos com os dos modelos que estampam as capas. Nestes relatos, eles enfatizam a perda de peso e/ou ganho de massa muscular. Nessas reportagens há fotos de leitores, com suas idades, altura e profissão, mostrando o antes e o depois da transformação, destacando, a quantidade de peso adquirido ou perdido, sempre ressaltando o ganho de massa magra, assim como, relatos das tentativas anteriores e atuais para conquistar o corpo tido como ideal.

Os relatos publicados nessa seção nas edições 66 (outubro de 2011) e 84 (abril de 2013) dão uma ideia do perfil dos leitores da *Men's Health* no Brasil. Mostram que muitos deles interpretam as mensagens construídas pela equipe editorial como indicadores dos cuidados corporais necessários para estar “a um passo da capa MH” (2012, nº 136, p. 36), colocando o ideal corpóreo como o centro de suas vidas, construindo significados que colocam a “fachada sarada” (2013, nº 83, p. 110) como um ideal a ser perseguido, conforme demonstra-se na tabela 1.

Leitor	Idade (anos)	Estado civil	Tom de Pele	Ocupação	Cidade	Objetivo na academia
Giancarlo Gaeta	47	Casado	Branco	Proprietário de academia de Jiu-jítsu	São Paulo	Perca de Peso/Barriga Ganho de Massa magra
André P. Jardim	36	Solteiro	Branco	Engenheiro Civil	Rio de Janeiro	Perca de Peso Ganho de Massa magra
Francisco R. Almeida	28	Solteiro	Branco	Bancário e Músico	Curitiba	Ganho de peso Ganho de Massa Magra
Renato Chocair Cunha	37	Casado	Branco	Modelo fotográfico e de passarela	São Paulo	Perda de Peso Ganho de Massa magra
Rogério Buglia	30	Solteiro	Branco	Administrador de Empresas	São Paulo	Ganho de Peso. Ganho de Massa magra
Rafael A. Pereira	29	Casado	Branco	Gerente de Compras	Maringá	Ganho de peso Ganho de Massa Magra
Afonso Júnior	26	Casado	Branco	Funcionário Público	Florianópolis	Perda de Peso Ganho de Massa Magra
Krishna S. F. Pinto	29	Solteiro	Branco	Advogado	Rio de Janeiro	Ganho de peso Ganho de Massa Magra
Fábio A. Fidelis	34	Casado	Branco	Dentista	São Paulo	Perda de Peso Ganho de Massa magra
Diogo R. Paixão	25	Solteiro	Branco	Consultor técnico	São Paulo	Ganho de peso Ganho de Massa Magra
Renan L Silva	28	Casado	Branco	Professor	São Paulo	Perda de Peso Ganho de Massa magra
Thiago A. Canonice	29	Solteiro	Branco	Gerente Comercial	Maringá	Ganho de peso Ganho de Massa Magra

Marcos A. da Silva	43	Casado	Branco	Empresário	Pombal	Perda de Peso Ganho de Massa magra
Leonardo Oliveira	24	Solteiro	Branco	Assistente financeiro	São Paulo	Ganho de peso Ganho de Massa Magra
Francisco Verrone	28	Casado	Branco	Advogado	S. Caetano do Sul	Perda de Peso Ganho de Massa Magra
Heron L. da Silva	30	Casado	Branco	Técnico de Informática	Vitória	Perda de Peso Ganho de Massa Magra
Renan Silva	28	Solteiro	Branco	Estudante	São Paulo	Perda de Peso Ganho de Massa Magra
Daniel T. Gomes	30 anos	Solteiro	Branco	Estatístico	São Paulo	Perda de Peso Ganho de Massa Magra

TABELA 1. PERFIL DOS LEITORES DA SEÇÃO MIXER.

Fonte: Dados compilados a partir das informações da *Men's Health*.

Homens jovens (entre 25 e 47 anos), brancos (100%), casados (56.25%) residentes na região Sudeste (75%) e Sul (25%), com formação superior e que ocupam posições profissionais de significativo reconhecimento financeiro, são os leitores selecionados para contar suas experiências na seção mixer da revista *Men's Health*. Tal fato faz com que as mensagens dessa revista operem como “[...] efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc) [...]”. Para Pierre Bourdieu, isso se explica pelo fato do poder simbólico “se exercer não na lógica pura das consciências cognoscentes”, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos ‘habitus’.⁷⁶ que fundamentam, “aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma”.⁷⁷

Sendo assim, deve-se considerar que as mensagens dessa revista circulam, através de sistemas simbólicos em meio à diversidade de raça, hábitos e costumes sociais, procurando, por via da produção de consenso, impor e legitimar uma forma de masculinidade hegemônica, carregada de um triplo estigma de região, cor e classe. É como afirma Bhabha, a “posições do sujeito - de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual - que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno”.⁷⁸

Cabe aqui uma importante ressalva. Os dados do IVC (Instituto Verificador de Circulação) apontam que esse periódico tem ampla circulação entre o público masculino de classe média e alta, principalmente do sudeste do país. Fato que talvez explique a escolha da equipe editorial em publicar relatos de leitores dessa classe e região.

Devemos considerar, ainda, que mais do que gênero da mídia impressa, as edições da revista *Men's Health* constituem-se enquanto registro das relações de forças que se estabelecem em nossa época. Também se deve considerar que as edições são carregadas de narrativas e imagens que nos permitem evidenciar as práticas sociais e as representações culturais referentes à “boa forma” masculinas como relativas a um corpo magro, alto, musculoso. Ou seja, o comportamento que se processa na sociedade contemporânea, construído com base no corpo alter ego, “subtraído do homem que

⁷⁶Segundo Pierre Bourdieu o conceito de habitus refere-se a “um operador, uma matriz de percepção e não uma identidade ou uma subjetividade fixa” (BOURDIEU, P. Op. cit., p. 19).

⁷⁷Op. cit., p. 49.

⁷⁸BHABHA, H. O local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 19.

encarna à maneira de um objeto, esvaziado de seu caráter simbólico, o corpo também é esvaziado de qualquer valor”.⁷⁹ Assim sendo, nas edições dessa revista estão registradas as representações do gênero masculino que tentam dar conta das novidades que surgiram no atual século, marcado pelas aceleradas mudanças ocorridas pela popularização das tecnologias de comunicação eletrônicas virtuais, responsável por dissipar uma identidade do corpo masculino baseada na força do pênis, rijo e potente.⁸⁰

Desse modo, as edições da revista são importantes fontes de pesquisas sociológicas, passíveis de seriação e quantificação que nos permite evidenciar “[...] como o gênero opera, como essa operação marca as narrativas, bem como o que nelas se expressa.”⁸¹ Neste sentido, procuramos, por meio das edições da revista, indícios que circunscreve a capilaridade do poder “[...] fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”,⁸² vinculado às identidades dos sujeitos nas interações culturais, visando perpetuar relações de solidariedade ou de dominação e exclusão. Focalizamos no material empírico as manifestações de sistemas simbólicos que visam impor e legitimar as diferenças sociais entre os sexos, construídas sobre papéis sexuais que podem “[...] apenas servir para naturalizá-los, enrijecendo-os”.⁸³

Neste sentido, as atividades laboratoriais realizadas envolveram leituras das edições, transcrições e fichamentos, o que resultou em separação das informações por similitude e contrastes. Essa tarefa é mais complexa do que podemos imaginar, pois, como nos ensina Marco Morel: “A circulação de palavras – faladas, manuscritas ou impressas – não se fecham em fronteiras sociais”⁸⁴, não marcam uma dada sociedade, contexto social ou classe, não ficam “estanque a um círculo de letrados”. É como afirmou Pierre Bourdieu: “Usar uma palavra no lugar de outra é mudar a visão do mundo social e, com isso, contribuir para transformá-lo”.⁸⁵ Por isso, a leitura atenta das palavras impressas abrem fragmentos que informam sobre as relações sociais e as práticas culturais, visto que,

⁷⁹LE BRETON, D. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. 3ª ed., Campinas, Papirus, 2008, p. 15.

⁸⁰SILVA, F. R. da. A representação de homossexuais nas revistas DOM e Junior. IN: Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-fabio-representacao-dos-homossexuais.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2010.

⁸¹KOFES, S.; PISCITELLI, A.. Memória de Histórias Femininas, Memórias e Experiências. Cadernos Pagu (8/9), 1997, p.352.

⁸²SCOTT, J. Op. cit., p. 72.

⁸³PEDRO, J. M. 1994. Relações de gênero na pesquisa histórica. Revista Catarinense de História. n. 2, p. 42.

⁸⁴MOREL, M. As transformações dos espaços públicos e a empresas: Atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840). Rio de Janeiro: Hucitec, 2006, p. 25.

⁸⁵BOURDIEU, P. O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000, p. 62.

Ler, em um texto, outro; remeter uma imagem a outra, associar diferentes significantes para remeter a um terceiro oculto, portador de um novo significado. Tudo isso multiplica a capacidade de interpretação e faz parte das estratégias metodológicas que dão condições ao historiador para aplicar seu referencial teórico ao empírico das fontes.⁸⁶

Para a análise detalhada do conteúdo da documentação segmentamos a coleta de dado em dois momentos. Primeiramente, pontuamos o conteúdo escrito dos documentos conforme o tipo de reportagem. Posteriormente, analisamos as fotografias que estampavam as edições, transformando as imagens em textos. A partir da descrição da cena de forma segmentada, observamos a forma de retratar o ambiente físico, as roupas, a posição dos corpos, os gestos e expressões fisionômicas dos modelos, bem como as cores usadas na composição da cena.

Já os dados coletados foram interpretados com base no modelo teórico de representações de Roger Chartier, que chama a atenção para a necessidade, justamente, de “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.⁸⁷ Assim, as representações do mundo social são formulações mentais construídas por grupos com bases nas atitudes e vivências coletivas, sendo para os pesquisadores meios para se captar as visões de mundo, de determinados agentes, em momentos históricos específicos. Desse modo, é necessário identificar,

[...] as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes as classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.⁸⁸

Cabe, portanto, salientamos a importância de se perceber que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico

⁸⁶PESAVENTO, S. J. Esta História que chamam micro. In Guazzelli, C. A. B; et all (org.) Questões de teoria e metodologia da História. Porto Alegre: Editora Universalidade/ UFRGS, 2009, p. 234.

⁸⁷CHARTIER, R. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

⁸⁸ Ibid, Loc. cit.

fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”.⁸⁹ Logo, as representações são formulações referentes aos segmentos sociais construídas por grupos específicos, que visam produzir consensos e controlar as relações sociais estabelecidas em determinados territórios, forjando relações de contenções ou de mitigação do poder.

Apropriando-nos desse arcabouço teórico-metodológico de representações, interpretamos o conteúdo da *Men's Health* enquanto construções da equipe editorial, que procura-se regular o comportamento masculino a partir da aparência corporal. Assim, por meio da palavra impressa, busca-se, “impor” e “legitimar” para os leitores o formato do rosto, o cumprimento do cabelo, as formas de gesticular, falar e sorrir.

Tudo indica, portanto, que na revista *Men's Health* o corpo “musculoso” está diretamente ligado ao universo dos sentidos e sentimentos. Focalizado como lugar do estar no mundo, meio pelo qual se tecem as relações sociais, em situações que trazem prazeres imediatos nas experiências materiais, biológicas e culturais, ou seja, é um ponto de encontro entre o indivíduo e a sociedade.⁹⁰ De tal modo, para compreender a dimensão das práticas discursivas da *Men's Health* como recurso de poder, seja como forma de tentar legitimar um modelo hegemônico de masculinidade, seja como molduras na construção de um conformismo social, que outorga ao primeiro sexo um papel superior; devemos considerar como autor e leitores dialogam na produção de discursos, negociando pontos de vista.

Neste sentido, Antônio Cândido nos informa que os meios de comunicações impressos estimulam coletivamente a recalescência de modelos hegemônicos. As conclusões sobre o poder que estes têm nas relações de força que se estabelecem em determinado território requerem cautela.⁹¹ No caso da revista *Men's Health* é necessário pensar a equipe editorial, os autores, a classe social a qual se dirige e o contexto histórico. Além disso, é necessário pensar o vocabulário, os meios pelo qual são divulgadas as mensagens, e também como essas são apropriadas pelos leitores, para se compreender que os artigos, além de informar, participam ativamente da realidade de seus receptores, gerando um contínuo diálogo social. Isso exigiu um segundo momento de nossa pesquisa, em que buscamos entender autor e leitor de modo dialógico. Em

⁸⁹ Loc. cit.

⁹⁰ LE BRETON, D. A sociologia do Corpo. Op. cit.

⁹¹ CANDIDO, A. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967

outras palavras, conceber como as representações construídas e veiculadas pela revista são re-significadas por alguns de seus receptores. Para tal, fizemos algumas entrevistas com praticantes de musculação e leitores da *Men's Health* em uma academia de ginástica na cidade de Viçosa, MG.

Com uma população de aproximadamente 72.244 habitantes, tal cidade ocupa lugar de destaque no Estado pela qualidade do ensino superior. O que atrai para o município, principalmente pessoas jovens, que durante várias épocas do ano se instalam em moradas improvisadas, como repúblicas e alojamentos estudantis. Também se sabe que é esse transito de pessoas que movimenta a economia do município. Empresas como academias de ginásticas, faculdades, escolas, imobiliárias, restaurantes, bares e similares, são organizadas para atender essa especificidade, visto que no período de recesso escolar é notória a queda na economia do município.

Nesta cidade, a rede de academia de ginástica possui 11 estabelecimentos comerciais cadastrados no Conselho Regional de Educação Física. Desses escolhemos por aquele frequentado por um público de classe econômica menos abastada e composto principalmente por estudantes universitários, a fim de evidenciar como as mensagens da revista *Men's Health* atingem diretamente não só os homens de classe média e alta, principal público que aparece nas páginas da revista relatando suas trajetórias corporais. A partir desse critério chegou-se a um estabelecimento comercial que funciona entre as segundas e sábados, das 7:00 até as 22:00 h, sendo que a taxa de mensalidade é cotada entre R\$32,00 e R\$54,00 reais, valores considerados acessivos à pessoas de diferentes classes econômicas e sociais da cidade. Atualmente, esta academia é frequentada diariamente por um número de 294 usuários, de ambos os sexos, com idades entre 15 e 64 anos.

Apesar de ser um estabelecimento voltado para uma classe “popular”, tal academia de ginástica se localiza em um bairro de classe média, no centro dessa cidade, na Avenida Peter Henry Rolfs, no trajeto de acesso a instituição considerada como referência educacional, política, cultural e social na cidade, que é a Universidade Federal de Viçosa.

Cabe, aqui, uma ressalva importante. Poderíamos escolher qualquer outra academia de ginástica, visto que, como afirma Geovani Levi “[...] lo ideal es no tener ningún interes específico por la localidade que se estudia. Es una tarea instrumental,

se busca uma escala reduzida como laboratório, para devenirs al problema general".⁹² Logo, a escolha do espaço de pesquisa não interfere na análise, pois estamos apenas usando lentes mais potentes para observamos um processo mais amplo. Veja-se, portanto, o perfil de nossos entrevistados.

Participantes

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa⁹³, os dados foram coletados por meio de entrevistas com leitores da revista em uma academia de ginástica na cidade. Para termos acesso a esses foi necessária à intervenção de pessoas que trabalhavam nesse estabelecimento, que nos indicou 25 possíveis leitores e viabilizou seus contatos. Um primeiro contato foi feito por telefone, explicando os pontos principais e os convidando a partir da pesquisa. Alguns se recusaram, enquanto 21 aceitaram e marcaram horários para realização das gravações, que foram feitas no período de julho e outubro de 2013, na recepção da referida academia. Consistia, inicialmente, na realização de um desenho de seu corpo, e, posteriormente, na resposta oral de dois tipos de perguntas: Primeiro, 1) sobre seu status social, indicando cor, altura, peso, profissão, etc. (Apêndice 01). Depois, 2) Seus relatos sobre cuidados com o corpo, a revista, saúde, beleza, bem estar, família, etc (Apêndice 02).

Dos participantes, a idade encontra-se no intervalo entre 18 e 31 anos, sendo a média = 25, com desvio padrão= 6; com peso entre 62 Kg e 104 Kg, sendo a média = 83 kg, com desvio padrão = 21 kg; e, altura entre 1,72 cm e 1,90 cm. Em relação ao tom de pele 23,8 % (5) dos entrevistados declaram-se brancos, 33,3% (7) negros e 42,9 % (9) pardos. O estado civil era de 90,5 % (19) solteiros e 9,5% (2) casados. A escolaridade corresponde a 14,2 % (3) com ensino médio; 28,5% (6) ensino superior completo; e demais 52,3% (11) superior incompleto. Profissionalmente 62,1% (13) eram estudantes universitários, 14,2 % (3) autônomos; 4,7% (1) funcionários públicos e 19 % (4) não declaram vínculo. 38% (8) declaram residir com a família (9,5% (2) com mãe e irmãos; 9,5% (2) com esposa e 19,0% (4) com pais e irmãos); 4,7% (1) sozinhos, 14,2% (3) alojamento estudantil público universitário e os demais 47,8 (9) em repúblicas

⁹² LEVI, G. Antropologia I microhistória. Manuscrits, n. 11, p. 15-28, janeiro, 1993, p. 15.

⁹³CAAE: 15127313.0.0000.5153

universitárias. As rendas declaradas estão dentro do intervalo entre R\$400 reais e R\$7.000,00 reais, com média de 1.200 reais (dois salários mínimos). Em relação aos meios de acesso a revista, 76,1% (16) eram assinantes, 9,5 % (2) tinham acesso à edição impressa por compras esporádicas em bancas, 9,5% (2) por meio de compra da edição virtual, 4,5 % (1) por empréstimos de amigos de república. 100% (21) ressaltaram que acesso as edições também podem ser feitas gratuitamente por meio de downloads na internet. Cabe acrescentar que, apesar de não fazer parte de nossa investigação dois dos entrevistados (9,5%) declaram-se gays. Para análise dos dados duas gravações foram eliminadas devido a problemas técnicos que impediram que fossem completadas.

Como pode ser evidenciado, o perfil dos entrevistados apontam para ligeira distinção ao público-alvo da revista detalhado na tabela I, composto primordialmente por homens brancos, casados, classe média alta, heterossexuais, entre 25 a 40 anos. Buscamos, assim, por meio da comparação evidenciar as diferentes formas como as ideias globais *Men's Health* são apropriadas no contexto local, tendo em vista, sempre, a relação entre corpo, beleza, saúde, sucesso e felicidade.

Procedimentos

Traçar as representações de um conjunto de homens praticantes de musculação exige alguns cuidados específicos de pesquisa, entre os quais: pensar o porquê se trabalhar com as representações de um grupo seletivo e qual a melhor forma de estruturação e visualização desses dados. Como se sabe, a pertinência desse tipo de estudo teve início com Émile Durkheim, em uma abordagem teórica sobre os modos pelas quais as sociedades constroem e expressam a realidade coletiva, visto que as representações ao serem contextualizadas revelam valores e significados intrínsecos à noção de poder, “traduzem a maneira como o grupo se pensa nas relações com os objetos que o afetam”.⁹⁴ Assim, os modos pelas quais se criam mentalmente imagens da realidade externa não se reduzem ao processo de significação, pois englobam os interesses específicos de uma classe ou grupo, o que faz com que as representações sejam “maneiras de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e dotadas de um poder coercitivo em virtude do qual se lhes impõe”.⁹⁵

⁹⁴DURKHEIM, É. Educação e sociologia. 11 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978, p. 79.

⁹⁵Ibid, p. 88.

Max Weber também demonstra-nos que as representações revelam a influência da coletividade na formação das ideias individuais. Para ele, “as ‘imagens mundiais’ que foram criadas pelas ideias determinam como manobreiros, as linhas ao longo das quais a ação foi impulsionada pela dinâmica dos interesses”.⁹⁶ De tal modo, é importante entendermos que as representações são configuradas em sociedades e radicadas dentro de interesses sociais, culturais e econômicos de grupos. Logo, o estudo empírico das representações deixa-nos entender os significados políticos, morais e religiosos que agem em determinada sociedade.⁹⁷

Desse modo, como afirma Denise Jodelet, as representações são construções sociais sobre objetos e pessoas, de conteúdos imagéticos, caracteres simbólicos e significantes, congruentes a sensações de ideias, logo elas são construções das propriedades do pensamento autônomas e criativas “[...] sobre o mundo à nossa volta”.⁹⁸

Serge Moscovici entende que as representações são construções mentais baseadas no senso comum. “Representando-se uma coisa ou uma noção, não produzimos unicamente nossas próprias ideias imagens: criamos e transmitimos um produto progressivamente elaborado em inúmeros lugares segundo regras variadas”. De tal modo, quando analisamos as representações estamos lidando com códigos, signos e significados que configuram um sistema de comunicação entre indivíduo e sociedade, permitindo-nos perceber as trocas simbólicas que ocorrem nas relações interpessoais e nos ambientes sociais.⁹⁹

Já para Roger Chartier a importância de se estudar as representações de um grupo está em podemos identificar mudanças nas práticas sociais, visto que elas são reflexos das experiências compartilhadas, conscientemente ou inconscientemente, que traçam nos indivíduos um estilo de vida, que nada mais é que dispositivos incorporados pelos sujeitos nos processos de socialização. Assim, em cada representação mapeada podemos compreender e refletir como o comportamento particular se inscreve em um contexto mais amplo, numa “consciência de si e dos outros”.¹⁰⁰

⁹⁶Apud. MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: JOCHELOVICH, G. P. (org). *Texto em representações sociais*. Rio de Janeiro: Vozes; 1994, p. 94

⁹⁷JODELET, D. *Representações sociais: um domínio em expansão*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2001.

⁹⁸Ibid, p. 17.

⁹⁹MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (org). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2001, p. 63.

¹⁰⁰CHARTIER, R.. O Mundo Como Representação. In: *Estudos Avançados* 11 (5), 1991, p. 166.

Portanto, a opção por trabalhar as representações construídas por um grupo de praticantes de musculação deve-se às possibilidades de entendermos significados que não restringem os sujeitos a rótulos superficiais. Assim sendo, o diálogo entre os signos linguísticos e imagéticos desse grupo com os fornecidos pela revista *Men's Health* nos possibilita construir “[...] uma passarela entre o mundo individual e social”, percebendo as práticas sociais que se operam no interior da sociedade.¹⁰¹

Com essa perspectiva, foram analisadas as formas como um mesmo discurso veiculado pela revista *Men's Health* é utilizado pelos indivíduos de forma diferente na afirmação de suas masculinidades. Desse modo, cada representação construída não deve ser tratada como exemplar de um contexto, mas campo de análise, em que “cada sistema de disposições individuais é uma variante estrutural dos demais [...], o estilo pessoal não é senão um desvio em relação ao estilo próprio de uma época ou de uma classe”.¹⁰²

Veja-se, portanto, a influência da revista *Men's Health* na construção de um modelo de masculinidade baseada na aparência do corpo “musculoso”.

¹⁰¹MOSCOVICI, S. Op. cit., p. 64.

¹⁰²LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA; J. A. (orgs.), Usos & abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 174.

CAPÍTULO II

Corpos, Mídias e Poder: Uma Questão de Gênero?

Analisar a revista *Men's Health* sob as perspectivas apontadas por Roger Chartier oferece-nos um conjunto de pistas sobre a capilaridade do poder que se processa na vida social. Por isso, não devemos “[...] reduzir os debates intelectuais a mera condição de aparentes confrontos de poder”, mas, através das leituras de rastros e fragmentos identificar as marcas que se manifestam através de “[...] estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”.¹⁰³

Neste caso, podemos a partir do conteúdo da documentação entender as narrativas e imagens usadas pela equipe editorial como formas de dominação de gênero, cor e classe, na medida em que são estas formulações mentais construídas para influenciar a ação dos leitores, num claro processo de disciplinamento dos corpos e relações intersubjetivas. Entretanto, essa dominação não é imposta pela revista, e, sim resultado de um intenso diálogo com os receptores de seus discursos. Mas, para que se possa ter essa compressão, e colocar “ordem no caos”, como afirma Lévi-Strauss¹⁰⁴, primeiramente é importante destacarmos algumas considerações acerca dos conceitos poder, mídia, corpo, que adotamos no decorrer deste trabalho, provenientes da Sociologia e da Antropologia, assim como de áreas afins, como da História e da Filosofia.

Poder

Inicialmente, buscamos no pesquisador Michel Foucault o conceito de poder, para compreendermos como as representações corporais estão dentro das estratégias

¹⁰³CHARTIER, R. A História Cultural. Op. cit., p. 16.

¹⁰⁴LÉVI-STRAUSS, C. As estruturas elementares do parentesco. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 1982.p.69-91.

sociais de controle. O poder está no centro das análises empreendidas nas obras de Foucault, que propõe que esse seja visto em sua complexidade, em sua atribuição e em seu funcionamento onipresente.

A condição de possibilidade do poder, em todo caso, o ponto de vista que permite tornar seu exercício inteligível até em seus efeitos mais “periféricos” e, também, enseja empregar seus mecanismos como chave de inteligibilidade do campo social, não deve ser procurada na existência primeira de um ponto central, num foco único de soberania de onde partiriam formas derivadas e descendentes; é o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis. Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro.¹⁰⁵

Nesta visão, o poder não é exercido a partir de um ponto central, como, por exemplo, uma sede no Estado, pois há diversos poderes multiplicados na sociedade, podendo ser o poder social, o econômico, o militar, o político, entre outros. Portanto, existe um sistema complexo de relação e revezamento de micropoderes que são exercidos pela repressão e pela regulação, que organiza o cotidiano, sendo mediado pela persuasão, sedução e consentimento. Estes, portanto, orientam a forma como os homens vivem em sociedade, e continuamente transformam as macrorelações ou microrelações.

Desse modo, o exercício dos poderes não se resume ao uso dos constrangimentos e da tomada de decisão; é também um conjunto de estratégias nas quais a educação e as formas de representações têm uma importância maior na convenção disciplinar.

Os dispositivos de proteção e de repressão que os poderes estabelecidos levantam para preservar o lugar privilegiado que se outorgaram a si mesmos no campo simbólico demonstram o caráter imaginário, mas não ilusório, desses bens tão protegidos.¹⁰⁶

Assim, o poder é um maquinário cujas forças trazem energia aos motores e cujas engrenagens são exercidas para controlar os comportamentos. Desse modo, entende-se que os poderes exercidos em nome do controle são simbólicos. Nessa arqueologia, a loucura, a sexualidade e a punição são conversões disciplinares, que orientam os tipos de relações sociais.

¹⁰⁵FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Op. cit., p. 103.

¹⁰⁶Id. *História da Sexualidade: vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 247.

Outro autor que nos ajuda a penetrar na raiz dessa questão é Pierre Bourdieu, com o conceito de poder simbólico, uma imposição de valores criados por instituições sociais para conservar a ordem política e legitimar a divisão social a partir do diálogo. Para esse autor:

O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente performativa de nomeação que oriente e estructure as representações, a começar pelas representações do corpo (o que ainda não é nada); ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradora dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma definição diferencial dos usos legítimos dos corpos, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero – e em particular todas as virtualidades biologicamente inscritas no “perverso polimorfo” que, se dermos crédito a Freud, toda criança é – para produzir este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina.¹⁰⁷

Poder simbólico, portanto, pode ser entendido como a capacidade que um indivíduo ou grupo tem de sobrepor sua vontade à de outros. Na esfera social, tal capacidade adquire uma dimensão de mobilização de recursos diversos, tanto materiais como imateriais, que resulta no fenômeno de dominação e exclusão ou forja relações de solidariedade. Tal capacidade implica elos entre atores que possuem objetivos contraditórios ou convergentes, mas que interagem nos processos sociais. Portanto, o poder simbólico depende do consentimento arbitrário de quem o sofre, firmando-se, assim, somente por meio consenso. Logo, a sobreposição de uma vontade só é possível dentro de relações mutuamente favoráveis aos atores envolvidos, visto que,

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder, só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e de modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico, que especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração que garante uma verdade transsubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia.¹⁰⁸

¹⁰⁷ BOURDIEU, P. A dominação masculina. Op. cit., p. 33.

¹⁰⁸ Id. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 15.

Pode-se entender, assim, que o poder assume uma dimensão inescapavelmente relacional, mobilizando diversos capitais para materialização das relações de desigualdades. Nessa visão, o poder não é totalizado por normas e regras, mas capitalizado nas unidades menores de estruturas fixas.

Para Rene Rémond, essa noção de poder fragmentado “e a extensão de sua aplicação desencadearam sua diluição”, visto que com isso perde-se a dimensão política que estrutura os setores da vida social.

Tudo seria relação de poder, no ensino, na família, nas relações interpessoais. Seriam então escola e a família sociedades políticas, e os conflitos de que são teatro conflitos políticos? Só é político a relação com o poder na sociedade global: aquela que constitui a totalidade dos indivíduos que habitam um espaço delimitado por fronteiras que chamamos precisamente de políticas.¹⁰⁹

Para esse autor, portanto, somente a esfera do político teria capacidade de impor valores, a partir de seus mecanismos de intervenção na vida social, como, por exemplo, as políticas públicas.

Roger Chartier¹¹⁰, por outro lado, discordando da ênfase dada às instâncias políticas por autores como Rémond, demonstrou as conexões entre as representações e o fenômeno de poder, visto que estas são modos de comunicação pelas quais o poder encontra sua expressão de intervenção na vida social, econômica, política e cultural, procurando, por meio da violência simbólica, estabelecer o monopólio da visão social e do determinismo de classe,

Por isso esta investigação sobre as sobre as representações supõe-nas n como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciada em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social — como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas —, muito pelo contrario, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais.¹¹¹

¹⁰⁹RÉMOND, R. (org.) Por uma história política. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996, p. 444.

¹¹⁰BORDIEU, P.; e CHARTIER, R. O Sociólogo e o Historiador. São Paulo: Autêntica, 2011.

¹¹¹CHARTIER, R. A História Cultural. Op. cit., p. 17.

Desse ponto de vista, o poder é entendido como processo em que as instituições sociais criam representações políticas, econômicas e culturais mediante normas e leis, que adquirem sentido na formação psicológica do sujeito. Neste sentido, devemos considerar ser inegável a importância que assume as representações das mídias para materialização do poder, visto que por via da produção de narrativas e imagens essa instituição aspira o consenso social. Um de nossos entrevistados, personal trainer, 28 anos, 1,73 m de altura e 75 kg detalhou esse poder que as representações midiáticas têm para influenciar o comportamento social. Para ele,

A gente fica muito ligado aos conceitos de nosso tempo. O que está na mídia. O que eles pregam como perfeito. Então a gente segue esses padrões ditados. Basicamente é isso, a gente fica preocupado com esse físico perfeito das revistas. Pratica atividade física, procura ficar sempre arrumadinho, são as vaidades que a gente tem para ficar dentro desse padrão de beleza da sociedade. Acho que as pessoas podem estar bem gordas, mas, estão indo contra os padrões da sociedade. Do meu ponto de vista há possibilidades das pessoas serem bonitas gordinhas. O problema é o que prega a sociedade. Eu já fui gordinho. Sentia muita vontade de emagrecer. Não que as pessoas implicassem comigo. Mas, não estava bem.¹¹²

Neste sentido, os sujeitos são motivados a submeter aos padrões estéticos das mídias como forma mais conveniente de aceitação em uma sociedade onde a aparência é explorada enquanto poder simbólico. Estas valorizações estéticas são lembradas pelos indivíduos, como destacou um dos entrevistados, que era advogado. 27 anos, 1,70 m de altura e 75 kg:

Já pensei muitas vezes em escrever para a revista *Men's Health*. Eu devia está lá! Eu perdi 16 quilos! Nossa mudei muito! Hoje existo. Quando você deixa de ser gordo, as mudanças são perceptíveis. Você passa a ser aceito pela sociedade. Veja. Faz cinco anos que trabalho no fórum. Acredita que outro dia a moça que trabalha lá também me perguntou quem eu era. Ela sabe quem eu sou. Mas, agora me dá atenção! Em parte porque passei a existir para ela, coisa que não acontecia quando não estava em forma. Na academia também é assim! Quando você está fora de forma ninguém quer saber de você. Os caras todos têm preconceitos. Acham que academia não é lugar para gordo. Nem dão papo. Mas, não é só na academia. Parece que quando se está gordo não se tem lugar. Ninguém gosta de gordo. Colocam apelidos, tecem comentários que doem muito. Não há danos morais que consigam apagar as marcas que ficam das risadas que sofremos ao

¹¹²Entrevista 3: Graduado em Educação Física. 28 anos, 1,73 m de altura e 75 kg. Data: 16/7/2013.

longo dos anos. Mas, é isso que ajuda a termos força de vontade para ir à academia todo dia. Porque se dependesse das pessoas que estão lá você não iria. O olhar é sempre o mesmo: Aqui não é seu lugar! Não adianta malhar! Você nunca vai emagrecer. Fora aqueles comentários: Para que você vai à academia? Está jogando dinheiro fora! Tem que ter muita força de vontade mesmo. Pois todos os dias as pessoas te olham, como se aquele espaço não fosse para você. Mas, quando você emagrece tudo muda! Começa na academia. Até a moça da recepção te nota. Os caras puxam papo. E, no dia a dia, você pode entrar em qualquer loja que é bem atendido. Se sentar, as pessoas não ficam te olhando como se a cadeira fosse quebrar. É muito bom ter um corpo de revista. Você passa a existir socialmente. Você é aceito! Não adianta falar que é só coisa da mídia. Gosto muito de História. Leio Muito! Sei que o Foucault acha que é coisa da mídia. Que ela está me disciplinando. Não o que importa?¹¹³

Desse modo, o poder age na sociedade por meio da aceitação de linguagens e símbolos de sedução que compõe as representações. Por meio de sofisticadas tecnologias, as mídias alteram e mantem o consenso social, influenciando a ação dos receptores mediante a dominação de classe, raça e gênero. Acerca da mídia, perguntamos: O que são mídias? Como nelas o corpo é exposto?

Mídias

Numa definição canônica, mídias referem-se ao conjunto de empresas e instituições voltadas para a comunicação e produção de cultura, tais como revistas, jornais, televisões, rádios, cinemas, computadores, videogames, celulares e tablets. A grande influência dessas no cotidiano se faz por meio de circulações de mensagens que visam alterar hábitos, aumentar o consumo, vender e comprar. Ou seja, visa consumir o tempo e/ou dinheiro, sendo um instrumento de “dominação”, na medida em que seus discursos são dotados de conteúdos que buscam moldar a opinião da sociedade na sua totalidade.¹¹⁴

Segundo Adorno e Horkheimer as mídias estão voltadas para o lucro direto ou indireto, atuando na economia autonomizada a partir da produção e distribuição de bens de entretenimentos, lazeres e culturas, podendo ser chamada de indústria cultural. Esta opera no mundo social a partir da criação de um imaginário fantasmagórico que transforma os sentimentos humanos em material de consumo, provocando mudanças no

¹¹³ Entrevista 19: Advogado. Funcionário Público. 27 anos, 1,70 de altura e 75 kg. Data: 28/10/2013.

¹¹⁴ ADORNO, T.W. Escritos sociológicos. Obra completa, 8: Madrid, Akal, 2004.

comportamento subjetivo dos receptores, o que pode gerar uma postura conformista e “submissa”. Isso acontece porque diariamente os consumidores consomem ideias veiculadas pelas mídias, muitas vezes sem dialogar com os conteúdos recebidos. Assim, as mídias têm o poder de estimular a tomada de decisão dos receptores, criando a dependência com o consumo de símbolos de permanente estado de gozo, como objetos e serviços de mercado. Para que essa produção e distribuição de bens e serviços se efetivem, a indústria cultural se vale da sublimação e de estímulos de necessidades, desejos, satisfações, onipotências, negações e cisões; criando no indivíduo a “ilusão” de autonomia de pensamento, criação e confrontação. Dentro dessa visão, o apelo das mídias está associado ao consumo, visto como uma ação sem responsabilidade social que busca fazer dos receptores seres passivos aos intensos prazeres imediatos gerados pela posse de objetos. Com isso, “o sujeito já reduz este a si; o sujeito devora o objeto ao esquecer o quanto ele mesmo é objeto”.¹¹⁵

Nesta visão, portanto, as mídias estão associadas aos poderes materiais e simbólicos que tem por função impor não só o consumo de bens e serviços, mas também modelos comportamentais. Neste sentido, Nelly de Carvalho buscou esmiuçar quais são as estratégias usadas pela publicidade para interferir na estrutura do pensamento e fazer com os objetos virtuais mencionados nos comerciais criem laços afetivos com o consumidor, a ponto do mesmo necessitar emocionalmente da presença física desses bens. Um desses recursos é a linguagem de sedução e persuasão, que são “[...] recursos estilísticos e argumentativos da linguagem cotidiana [...] voltada para informar e manipular. Falar é argumentar, é tentar impor”¹¹⁶, produtos, estilos de vida e ideias, criando “[...] um mundo perfeito e ideal, verdadeira ilha da deusa Calipso, que acolheu Ulisses em sua Odisséia – sem guerras, fome, deterioração ou subdesenvolvimento”.¹¹⁷

Embora muitas mensagens das mídias busquem automatizar e seduzir o público mostrando apenas o que é sublime, os receptores não aceitam as mensagens de modo submisso, ao contrário, deixam se manipular como forma de racionalidade, visto que só se apropriam das representações que consideram essenciais e significativos. Assim

¹¹⁵ADORNO, T.W. Kulturkritik und Gesellschaft I; Prismen; Ohne Leitbild. Frankfurt am Main/Berlin: Suhrkamp/Directmedia, 1986/2003. (Digitale Bibliothek Band 97). 1986, p. 183.

¹¹⁶CARVALHO, N. Publicidade: a linguagem da sedução. São Paulo, Ática, 1996, p. 9.

¹¹⁷Ibid, p. 11.

sendo, não podemos desconsiderar que os receptores possuem papéis meramente passivos na interpretação da realidade em que vivem.

Todavia, as mídias se firmam em meio a uma estrutura dinâmica de vínculos afetivos que envolvem relações de trocas com seus receptores, que se deixam manipular pelas forças apelativas dos meios de comunicação. Neste caso, o poder das mídias, apesar de público, não é imposto aos indivíduos, mas resultado de intensas negociações com os agentes, que escolhem para si as mensagens que legitimam como realidade social. Por isso, devemos compreender que as mídias só apresentam mensagens que são aceitas socialmente pela realidade cultural na qual ela se insere, o que faz delas tônica das “Culturas das Mídias”.

Segundo Lúcia Santaella, a mídia imprime, regula e negocia seu poder porque é resultado de fluxos de mudanças sociais e históricas, que resulta em uma complexidade de produção de cultura. Desse modo, cultura e comunicação são indissociáveis nas sociedades após a Revolução Industrial (Séc. XIX). Portanto, com as mudanças significativas ocorridas das multiplicações das tecnologias, que produziu em muitos a ideia de democracia dos bens culturais, temos a “Culturas das Mídias”, uma circularidade entre as culturas erudita, massa e a popular, que resultou num hibridismo de linguagens nos meios de comunicação.¹¹⁸

Santaella pontua que durante muito tempo a cultura era dualizada entre a popular, ligada aos “subalternos”, e a erudita, ligada às classes dominantes. Mas, após a intensificação do “[...] saber técnico, um conhecimento científico acerca de habilidades técnicas específicas”, a cultura erudita sofreu abalos com uma “[...] intersemioticidade dos meios de massa colocava-se em agudo contraste com a pureza estética que era típica das ‘belas artes’, especialmente da pintura e da escultura”, pois a possibilidade de reprodução, gerada pelo avanço tecnológico, transformou a cultura em mercadoria, regida pelo preço, anulando, assim, o aspecto de raridade dos bens culturais das “elites”, numa “globalização”, em que os “populares” tiveram acesso aos bens “culturais” pelas cópias.¹¹⁹

Temos, assim, com o surgimento das tecnologias de comunicação uma vertente que considera as “Mídias”, a cultura de massa, caracterizada pelas produções repetitivas de conteúdos simples, que não demanda interpretações ou reflexões exaustivas dos

¹¹⁸SANTAELLA, L. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

¹¹⁹Id. Semiótica aplicada. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005 p. 12.

receptores. Com isso, os indivíduos são limitados pela padronização da repetição e reprodução, sem discutir ou transformar os conjuntos de bens culturais vistos como globais, numa ideia de hegemonização cultural das classes.¹²⁰

Entretanto, a hegemonia da cultura de massa entrou em crise com a personalização da informação e da comunicação. Isso ocorreu quando as mídias, separadas em múltiplos aparelhos tecnológicos, passaram a penetrar no cotidiano dos indivíduos, inclusive nos ambientes domésticos, tais como os videoclipes, videogame e a TV a cabo, que possibilitaram aos receptores filtrarem as informações que queriam receber dos meios midiáticos. Temos, assim, a cultura das mídias, um processo em que os receptores “escolhem” as informações. Isso preparou o caminho para a cibercultura, ou seja, a cultura digital, virtual, do computador. Mas, a cultura das mídias,

[...] não se confunde nem com a cultura de massas, de um lado, nem com a cultura virtual ou cibercultura de outro. É, isto sim, uma cultura intermediária, situada entre ambas. Quer dizer, a cultura virtual não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais a que chamo de “cultura das mídias”. Esses processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura virtual ora em curso.¹²¹

Para Santaella, entre a cultura de massa e a cibercultura tivemos um espaço intermediário denominado de cultura das mídias. Entretanto, apesar da cibercultura estar na superfície, não significa que as demais deixaram de existir. Ao contrário, elas se transformaram e se multiplicaram na chamada “Culturas das Mídias”, onde cada uma tem um interesse específico, sem com isso perder o diálogo com as demais.

Enfim, longe de estar emergindo como um reino de algum modo inocente, o ciberespaço e suas experiências virtuais vêm sendo produzidos pelo capitalismo contemporâneo e estão necessariamente impregnados das formas culturais e paradigmas que são próprias do capitalismo contemporâneo e estão necessariamente impregnados das formas culturais e paradigmáticas que são próprias do capitalismo global. O ciberespaço, por isso mesmo, está longe de inaugurar uma nova era emancipadora. Embora a internet esteja revolucionando o modo como levamos nossas vidas, trata-se de uma revolução que em nada modifica a identidade e natureza do montante cada vez mais

¹²⁰SANTAELLA, L. Culturas e artes do pós-humano. Op. cit.

¹²¹SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista Famecos. Porto Alegre, nº 22, dezembro, 2003. p. 24.

exclusivo e minoritário daqueles que detêm as riquezas e continuam no poder.¹²²

Desse modo, as mídias se integram ao “[...] influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica [...]”¹²³ em um processo dinâmico de comunicação e integração das múltiplas dimensões sociais. Logo, as mensagens das mídias só se tornam generalizadas quando incorporadas enquanto realidade coletiva.

Segundo Quevedo, para que os discursos das mídias sejam generalizados como senso comum, é necessário que estejam diariamente publicados, notificados e comentados. Com frequência, isso ocorre com as imagens corporais usadas nos anúncios de moda, indústria da beleza e saúde, como mecanismo para interferir nos valores e gerar consenso sobre o estilo de vida de uma época.¹²⁴ Esse aspecto é evidenciado no depoimento de um dos entrevistados, estudante do curso de Engenharia Ambiental, 23 anos, 1,83 m de altura e 78 kg:

Em termos de corpo, mais ou menos, o padrão que a gente receber é o que está na mídia todo dia. Aquele corpo de revista mesmo! Um corpo gordo ou muito magro não é bem aceito. Assim como se a pessoa tiver uma cor de pele alterada. Acredito que seja pelo próprio fato de se estar propenso a doenças, como colesterol, hipertensão, um câncer, tanto outras. Também tem a questão psicológica. Você vê toda hora as pessoas postando fotos no facebook sem camisa, com o corpo todo sarado e [se você não tem um corpo visto como ideal] você se olha e não se aceita de jeito nenhum. Entra em depressão! As pessoas não podem ser muito magras ou gordas! Tem que ter medidas aproximadamente adequadas. Tipo, pernas grossas, com desenhos, cerca quantidade de bumbum, não muito braço, tórax relativamente grande, mas, não muito também, não muito braço, porque também muito grande não é legal. Já me preocupei muito com meu corpo. Ser aquele cara *Men's Health*. Eu sempre me achei magro. Ai, eu acho assim, tinha que ganhar mais corpo. Eu estava uns três quilos abaixo do peso que eu teria estar. Agora eu estou um quilo abaixo. Mas, deixei de me preocupar. Hoje estou namorando, então não tenho que me preocupar tanto assim com o corpo. Só com o cabelo mesmo.¹²⁵

O que se percebe, a partir dessa fala, é que as representações corporais produzidas pelas mídias são apropriadas e significadas em múltiplos contextos como forma sintética de marcar o indivíduo, que é definido pelo formato da pele, corpo e

¹²²SANTAELLA, L. Culturas e artes do pós-humano. Op. cit., p. 75. (Grifo nosso).

¹²³GINZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 13.

¹²⁴QUEVEDO, M. O Corpo da Mídia e o Corpo do Homem. O Estado de São Paulo, 13 fev. 2003.

¹²⁵Entrevista 16: Estudante do curso de Engenharia Ambiental, 23 anos, 1,83 m de altura e 78 kg Data: 16/9/2013.

estrutura óssea. Isso, porque, a verdade das mídias “é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”.¹²⁶ Ademais, os avanços das técnicas modernas das ciências contribuem com essa realidade, fazendo com que o corpo, por meio de cirurgias plásticas, lipoaspiração e outras técnicas corporais, seja modificado conforme o estilo de vida e aspirações do indivíduo. Fato que nos remete a algumas questões, como: O que é o corpo afinal? E algo que nascemos? Algo definitivo? É performativo? Sociabilizado mediante ações, gestos, comportamentos e moda? O que o gênero tem a ver com o corpo?

Corpo

O corpo é um sistema formado pela junção de elementos químicos, como carbono, nitrogênio, oxigênio, enxofre e fósforo, que reagem compondo as células, que agrupam-se em tecidos, formando os órgãos, responsáveis pelas atividades de manutenção da vida¹²⁷, como captar energia, movimentar os músculos, cicatrizar a pele e regular a temperatura adequada à existência humana.¹²⁸ Presente em todos os lugares, ocupando espaço, sendo visto apreciado e copiado, ele está atrelado à essência do ser, pois nele “[...] estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”.¹²⁹

Apesar disso, durante muito tempo, talvez milênios, o corpo foi visto pelos discursos dominantes como simples invólucro da alma, um abrigo do espírito. No ocidente medieval, por exemplo, ele era controlado pela Igreja Católica nas práticas e nos gestos humanos, nas tensões entre o bem e o mal, entre a sobrevivência da espécie e a luxúria, entre a preservação da alma e a prostituição.¹³⁰ Demoramos muito para tratá-lo enquanto objeto de “propriedade” individual. Somente com o Renascimento cultural italiano que ele veio a ser dessacralizado, dissecado e estudado pela medicina.¹³¹ Hoje,

¹²⁶FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Op. cit., p. 12.

¹²⁷LIMA, P. W. (org.). *Lipídios e exercícios: aspectos fisiológicos e do treinamento*. São Paulo: Phpte Editora, 2009.

¹²⁸WEN, cl. *Ambiente computacional de apoio à prática clínica*. Faculdade de medicina, USP, 2000.

¹²⁹DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 1995, p. 105.

¹³⁰LE GOFF, J.; TRUONG, N. *História do Corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

¹³¹CORBAIN, A; COURTINE, J-J, VIGARELLO, G.. *História do Corpo. Da Revolução à Grande Guerra*. Volume I. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

apesar do grande volume de informações sobre ele, tal conhecimento não é suficiente para entendermos os diferentes tratamentos sociais com o mesmo, como as práticas que levam os pés das chinesas a serem manipulados para ficarem pequenos, ou os alongamentos dos pescoços com argolas por mulheres na Tailândia.¹³²

Ao depararmos com essas questões sociais que modificam a anatomia do corpo, nos certificamos que ele não se reduz ao biológico, mas é produzido pela cultura, movido pelas emoções, desejos e pensamentos.¹³³ Logo, devemos considerar que ele conjuga múltiplas facetas da existência, como biológica, psicológica, inter-relacional² e social, numa abrangência que vai da circulação sanguínea ao equilíbrio psíquico, para adequação ao universo do trabalho ou simplesmente dominar as habilidades de comunicar e entender os códigos sociais.¹³⁴

Neste sentido, David Le Breton afirma que o corpo é um rascunho das relações humanas, que demonstra todos os sentimentos, evidenciando as emoções, quando se está triste ou alegre. Ao mesmo tempo ele é

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. Procurando entender esse lugar que constitui o âmago da relação do homem com o mundo, a sociologia está diante de um imenso campo de estudo. Aplicada ao corpo, dedica-se ao inventário e à compreensão das lógicas sociais e culturais que envolvem a extensão e os movimentos do homem.¹³⁵

Desse modo, os corpos são locais de investimentos de significados que transcendem as funções biológicas, veículos de inúmeros valores, meios de comunicações, suportes culturais e das identidades, que conferem margem de autonomia aos indivíduos, em meio “[...] a perda da legitimidade dos pontos de referências, dos sentidos e dos valores e sua equivalência geral em uma sociedade em que tudo é provisório [...]”.¹³⁶ Daí a importância que ele tem nas representações construídas em

¹³²MAUSS, M. Op. cit., p. 215.

¹³³Ibid, p. 2013.

¹³⁴LE BRETON, D. A sociologia do corpo. Op. cit, p. 10.

¹³⁵Ibid, p. 7.

¹³⁶LE BRETON, D. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. 3ª ed., Campinas, Papirus, p. 92.

sociedade, visto ser um notável signo de poder, sob o qual “[...] a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos”.¹³⁷

Partindo dessa constatação, quando lançarmos um olhar sobre as representações atuais sobre o corpo masculino, podemos inferir ser recorrente sua associação com músculos inflados, como mencionado na *Men's Health* e também ilustrado por um dos nossos informantes, técnico de informática, 25 anos, 1, 80 m de altura e 83 kg (Figura 2).



Figura 2. Desenho corporal feito em 12/07/2013

¹³⁷MAUSS, M. Op. cit., p. 12.

Fonte: Entrevistado 1: (Técnico de Informática, 25 anos, 1, 80 m de altura e 83 kg).

Essa imagem explana preocupações masculinas com o corpo com ombros fortes, peitos e braços inflados, e abdômen evidenciando os seis músculos. Este tipo de adaptação discursiva faz parte de um conjunto maior de representações que buscam naturalizar entre os homens as preocupações com o corpo esteticamente definido por exercícios de contra resistência, popularmente conhecido como musculação, como narrado por um estudante de educação física, 23 anos, 1,84 m de altura e 90 kg:

O corpo musculoso é bonito e saudável dependendo do caminho que você usou para alcançar esse corpo. Você pode conhecer várias pessoas que têm o corpo todo imenso, com os músculos todos definidos, e, assim, esteticamente bonito, mas, só que, esse corpo não funciona bem, por conta do uso de anabolizante ou suplementação exagerada. É preciso adotar métodos saudáveis. Adotar a musculação como estilo de vida. Cuidar da alimentação. Comer de três em três horas. Evitar açúcares e gorduras saturadas. Tomar muita água. Você vai controlando o seu dia a dia para ter melhores resultados na musculação. Eu me considero sendo assim. A musculação para mim é um meio de vida. Eu cuido da minha alimentação, do meu sono, da quantidade de água que eu bebo.¹³⁸

O relato desse informante evidencia que a hipertrofia do corpo masculino, além de uma questão de estética, é garantia de felicidade e sucesso. Por isso, muitos estão dispostos a grandes sacrifícios para conquistar formas parecidas, até mesmo com o uso de anabolizantes ou suplementos alimentares, mesmo que venha a afetar a saúde. Como pode ser identificado na narrativa de um estudante de administração, 20 anos, 1, 76 m de altura e 83 kg:

Para um cara ser bonito ele tem que ter um corpo definido, uma musculatura bem definida. Muitas vezes malhar, praticar esportes, lutas, não é suficiente. Muitas vezes temos que recorrer a outros meios. A genética conta muito. Mas, para quem não tem um porte já definido é preciso usar suplementos. Já usei vários tipos e garanto que vale a pena. Alguns caras usam bombas, eu nunca usei. Mas, cada um sabe o que faz. Tudo é valido para ficar bem. Cada um sabe de si.¹³⁹

¹³⁸Entrevista 9: Estudante de Educação Física, física, 23 anos, 1, 84 m de altura e 90 kg. Data: 3/9/2013.

¹³⁹Entrevista 5: Estudante de Administração, 19 anos, 1, 74 m de altura e 89 kg. Data: 16/7/2013.

Historicamente, podemos situar a busca por um corpo musculoso dentro de um processo temporal de nível médio¹⁴⁰, iniciado no ano de 1940. Momento em que foi publicada, no Canadá e Estados Unidos, a primeira revista mensal dedicado ao autocuidado masculino, chamada de *Your Physique*, em mais ou menos 20 páginas, na qual Joe Weide descrevia um conjunto de técnicas tidas como capazes de inflarem os músculos esqueléticos, ao ponto de incutir medo em brigões.¹⁴¹

Logo no primeiro número de *Your Physique*, escrito em 1940, o autor defendia que para que os músculos crescessem era preciso contrações musculares opostas à força da gravidade, gerada pela compressão de duas barras de ferros-velhos e/ou eixos de carros. Era recomendada a execução desse processo em duas ou três sessões diárias, com séries de três ou quatro repetições. Além de uma dieta bem estruturada para compensar os gastos enérgicos, potencializar as execuções dos exercícios e o ganho de massa magra, composta basicamente por alimentos como frutas, aveia e proteínas. Acreditava-se, também, que o consumo de cigarro e álcool era prejudicial ao equilíbrio e saúde do corpo, por isso dever-se-ia evita-los.¹⁴²

Mais tarde, a referida revista defendia que para efeitos imediatos e resultados eficazes em curto espaço de tempo, durante a realização das atividades físicas era necessário o uso de equipamentos de ginástica, como cadeiras extensoras e Smith. Tais produtos começaram a serem fabricados pelos irmãos Weider no quintal de casa em Montreal e comercializados por correspondência, por meio do endereço disponibilizado no fim dos exemplares do já referido magazine.¹⁴³ Em 1950, esses equipamentos ganharam espaço na televisão norte Americana, durante o famoso programa de

¹⁴⁰ Para Braudel, o balizamento da dimensão que “decompõe o tempo decorrido” reflete diretamente na abordagem da problemática. Em outras palavras: “Todo o trabalho histórico decompõe o tempo passado e escolhe as suas realidades cronológicas, segundo preferências e exclusões mais ou menos conscientes. A história tradicional, atenta ao tempo breve, ao indivíduo e ao acontecimento, habituou-se desde há muito à sua narração precipitada, dramática, de pouco fôlego. A nova história económica e social coloca no primeiro plano da sua investigação a oscilação cíclica e aposta na sua duração”. A partir dessa afirmação de Braudel, sabemos que as escolhas dos marcos temporais são balizadas a partir das questões a ser investigadas. Algumas são localizáveis na “massa de fatos miúdos”. Outras exigem a conexão entre o evento e as massas sociais. São, pois, as problemáticas que ultrapassam a duração da vivência dos homens e que se tornam coerentes na longa duração. Nessa perspectiva, portanto, a definição do recorte temporal não decorre da escolha do objeto, mas, sim, da perspectiva da escala de pesquisa (BRAUDEL, F. *História e Ciências Sociais*. 4ª Edição, Lisboa, Editorial Presença, 1982, p. 9).

¹⁴¹ *Your Physique Magazine*. August, 1961.

¹⁴² *Your Physique Magazine*. August, 1961.

¹⁴³ *Your Physique Magazine*. January, 1948.

entretenimento de Jack Lannane, no qual, mulheres seminuas apareciam fazendo demonstrações de como se exercitar nos aparelhos.¹⁴⁴

Com o avanço do tempo, apareceu uma linha ampla desses equipamentos, como o pulôver e o puxador, inventados por Arthur Jones, autor, também, do treinamento de alta intensidade (HIT), publicado na *Your Physique Magazine*, que possibilitava o aproveitamento máximo dos pesos durante a execução diária de exercícios anaeróbicos. Jones também foi treinador e responsável por lançar nas mídias norte-americanas os primeiros ídolos fisiculturista, como Casey Viator, Mike Mentzer, Sergio Olivar e Dorian Yater.¹⁴⁵

Não demorou muito para que os corpos musculosos dos fisiculturistas se popularizassem entre o público masculino. Nas praias, por exemplo, os grandões apareciam exibindo os corpos marcados pelo levantamento de peso. Entre eles estava um adolescente de descendência russa e leitor da revista *Your Physique*, chamado Joseph Gold que, em 1965, teve a ideia de reunir em um galpão localizado em Vinice Beach, em Los Angeles, um conjunto de equipamentos de ginástica. Esse local, de nome *Gold's Gym*, foi considerado a primeira ginástica de nossa época.¹⁴⁶

Em 1953, *Your Physique*, até então única revista dedicada exclusivamente ao universo masculino, passou a disputar mercado com o lançamento nas bancas de Chicago de uma edição com o nome do carro Playboy, usado por Hefner para definir um estilo de vida masculino baseado na informação jornalística. Devido ao apelo erótico, essa revista passou a ser comentada como o magazine masculino mais vendido. O que fez com que a revista *Your Physique* fosse reformulada, principalmente em seus aspectos gráficos, para seduzir os leitores. Com isso, em 1968, passou a se chamar *Muscle Builder*, num novo formato de trazia edições com um número maior de páginas e fotos coloridas, mesclando informações desportivas com reportagens jornalísticas. Manteve-se, no entanto, o princípio de capa, sempre com um homem seminua. Mas, em 1982, esse formato sofreu novas reformulações, e a *Muscle Builder* passou a ser denominada *Muscle & Fitness*, deixando, em parte, de ser destinada exclusivamente ao público masculino fisiculturista, incorporando a Mulher enquanto leitora.¹⁴⁷ Que também passou a ser usada nas capas exibindo formas corporais avantajadas.

¹⁴⁴Your Physique Magazine. Setembro, 1950.

¹⁴⁵Your Physique Magazine. April, 1959.

¹⁴⁶Magazine Cover Muscle Builder. November, 1970.

¹⁴⁷Super Treino. 2010, nº 47, Editoria Multiesportes, Dezembro, p. 39-40.

Mais tarde, com a produção cinematográfica de Hollywood de fins dos anos de 1980, as figuras de homens fisiculturistas das capas das revistas *Mucle* e *Ftinesse* passaram a ser exibidas em filmes de ação, principalmente Arnold Schwarzenegger, que foi quem mais ocupou as capas das edições dessa revista, aparecia seminu nos filmes, evidenciando a região abdominal, peitoral e braçal, como símbolos de beleza e erotismos masculinos. Sendo um dos principais ídolos dos praticantes de musculação daquela época.

Mesmo com a popularização em Hollywood dos modelos fisiculturistas, *Mucle* e *Ftinesses* não conseguiu se firmar como principal revista masculina. Em fins dos anos de 1980, a *Playboy* ainda era considerada a revista masculina mais vendida no mundo, com edições em 33 países. Interessada nesse mercado, a *Radele Magazines International* encarregou ao jornalista Mark Bricklin a tarefa de criar uma revista mensal para disputar esse seguimento. Para isso, ele recuperou a ideia central da *Your Physique*, de ser “uma revista feita para usar”, e propôs a *Men’s Health*, lançada em 1987, trazendo reportagens jornalísticas sobre sexo, relacionamento, profissão, humor, saúde do corpo e bem-estar para o público masculino.¹⁴⁸

Após 18 anos, a *Men’s Health* chegou ao Brasil, a partir da parceria firmada entre a Editora Abril e a *Rodale Magazines Internacional*. A primeira edição foi lançada nas bancas em 28 de abril de 2006, com uma tiragem de cem mil exemplares e o lema de “viver melhor é fácil”, “autoridade científica sem autoritarismo” e o “prazer de ser homem”, que segundo os idealizadores são os diferenciais da revista em relação a *Playboy*, “revista de entretenimento voltada para um público bem sucedido e confiante de sua masculinidade”, e *Vip*, voltada “para o cara mais jovem e descolado”.¹⁴⁹

Como relata o diretor da redação Airton Seligman, a revista é dirigida a homens de 18 a 40 anos, de comportamento tipicamente urbano, sendo que os temas mais abordados são fitness, saúde, nutrição, sexo, relacionamento, carreira e estilo. As representações construídas tentam dar conta das novidades e de um passado que se dissipa em meio às mudanças de comportamentos de uma sociedade onde o corpo converte-se em símbolo de sensualidade, sexualidade e beleza masculina:

¹⁴⁸ Ibid.

¹⁴⁹ CENTENARO, Gisele. De olho numa vida melhor (entrevista com Airton Seligman, redator-chefe de *Men’s Health*). 21/03/2006. <<http://www.portaldapropaganda.com/vitrine/portal/2006/03/0034?data=2006/03>>.

Seu plano felex. FORÇA, MÚSCULO GRANDES OU QUEIMA DE GORDURA. PARA CADA UMA DESSAS METAS, ESTE ÚNICO TREINO SERVE. Não, você não precisa de programas diferentes, nem muito longos, para aumentar a força, turbinar os músculos do corpo inteiro e incinerar banha.¹⁵⁰

Observa-se, assim, que o corpo musculoso é representado na revista *Men's Health* como lugar de conquista individual. Estes discursos estendem-se das metrópoles às pequenas cidades, onde a revista faz parte do cotidiano de muitos homens. O leitor e estudante de direito, de 24 anos, 1,72 m de altura e 78 kg, por exemplo, em entrevista concedida para esta pesquisa, afirma a importância que esse meio de comunicação tem na construção de sua autoimagem:

Eu era 15 kg mais gordo. Nessa época os modelos da *Men's Health* me afetavam de alguma forma. As capas me diziam que eu tinha que melhorar isso e aquilo no meu corpo. Perder barriga por exemplo. Por mais que você tente demonstrar que você não tá nem aí para o corpo desses modelos, você fica pensando. Você vai pensar que poderia ser mais feliz se fosse igual. Eu me sentia incomodado com aqueles corpos, lindos, maravilhosos. Eles me incomodavam pro bem ou pro mal. Mas, me fizeram pensar no meu corpo. Como não estava bem gordinho, resolvi pegar pesado na academia e mudar. Eu faço academia desde meus 17 anos. Mais peguei mais pesado nos últimos dois anos e meio [...] A revista *Men's Health* é isso aí. Tem homens lindos, maravilhosos. Eu acho que é isso mesmo, uma revista que tem um estereótipo de corpo e lá dentro tem exercícios e alimentação, tudo para você fazer para atingir esse corpo. Nem sempre você vai conseguir atingir. Você lê ou não lê. Se você não consegue ser igual você fica deprimido. Mas, se você consegue, todo mundo elogia.¹⁵¹

De acordo com esse relato, a revista *Men's Health*, enquanto meio de comunicação, estimula a prevalência de um padrão de beleza masculina, revestido por uma linguagem que focaliza o corpo como capital físico, simbólico e social, um elemento central da construção da identidade ambivalente de gênero. Evidencia-se nessa fala, portanto, como na revista o corpo “sadio” e “belo” aparece como doutrinador das diferenças percebíveis entre os sexos, por meio de modelos de identificação de hábitos, costumes e comportamento masculino, que aparece como uma questão de livre escolha dos leitores. Ao mesmo tempo, esse corpo “lean muscle diet”¹⁵², pode ser entendido como composição de uma aparência legitimadora do sujeito.

¹⁵⁰ *Men's Health*. 2012. n° 72, Editora Abril, abril, p. 28.

¹⁵¹ Entrevista 4: Estudante de direito, de 24 anos, 1,72 m de altura e 78 kg. 15/7/2013.

¹⁵² Corpo magro. *Men's Health*– EUA, 2010, p. 1.

Assim sendo, os corpos são performativos, formados por significados e efeitos de sentidos sob os quais se materializam as experiências sociais, em outros termos, são significados, resinificados e questionados por normas sociais que agem como uma espécie de segunda natureza para que os sujeitos construam a imagem de si a ser sociabilizada. Portanto, cada sujeito expõe sua personalidade por manifestações, atos e gestos teatralizados, ou seja, performativos, em que “não apenas diz como deseja ser visto, como também constrói em si uma autoimagem que o significa para ele”.¹⁵³ É como afirmou Judith Butler, a performance é uma prática que confere sentido a subjetividade, por meio de inscrições sociais, em que “certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do ‘real’ e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem sucedida”.¹⁵⁴

Compreendemos, assim, que as performances são organizações da aparência como, escolha do vestuário, cabelo bem penteado, a barba aparada, corpo musculoso, entre outras características, usadas pelos sujeitos para marcar e expressar sua existência corporal, o que envolve intrinsecamente relações de poder, significadas por práticas e normas sexuais de gênero. De tal modo, as formas corporais podem assumir valores distintos ao variar de um gênero a outro. Em alguns casos, atuam como símbolos que valorizam as identidades subjetivas ou pontam a inadequação da imagem corporal, como acontece com os corpos musculosos usados para retratar o gênero feminino, como mostra a figura 3:

¹⁵³SANT’ANA, D. Op. cit., p. 20.

¹⁵⁴BULTER, J. Op. cit., p. 58.



Figura 3.Loucademia MH

Fonte. *Men's Health* (nº 83, março de 2013, p. 122).

Essa figura de 270 por 215 milímetros, publicada na página 122, seção Na Ponta do Lápis, da edição de março de 2013 da revista *Men's Health*, trata-se de uma mulher adulta, em pé, com o corpo ligeiramente perfilado, mantendo o olhar fixo em um ponto que não nos é possível identificar. A pele é clara, com marcas acentuadas de expressão, rosto quadricular, testa alta e queixo largo, com sobrelhas acentuadas e olheiras profundas. O nariz é longo, com narinas afiladas. Os olhos são azuis e estão abertos e os lábios carnudos. Também podemos identificar que ela está usando um vestido com corte longo em tom de vermelho, com brilhos, em um cenário bem simples, composto apenas por um painel azul.

No exame da fotografia citada, também podemos perceber que as formas corporais da modelo estão em evidencia, com os bíceps e tríceps inflados, trapézio largo e costa volumosa. Dados que são relevantes quando pensamos as motivações da equipe

editorial para a realização e publicação dessa representação. Podemos pensar essa imagem a partir do seguinte relato:

As vezes a academia pode fazer você ficar com o abdome dolorido, mas de tanto rir. Pelo menos é o que nossos leitores garantem... O xaveco sem futuro. Perguntamos aos leitores qual cantada na academia tem tudo para dar errado. As campeãs? Com a namorada do professor de jiu-jitsu. Com a moça que pega mais peso que ele.¹⁵⁵

É provável que essa fotografia tenha sido usada para elaboração de uma imagem oposta ao que equipe editorial pensa sobre a anatomia feminina, visto que simbolicamente expressa uma mulher que culturalmente não é feminina ou sensual, como se esses estereótipos fossem parte da natureza biológica de gênero. É importante mencionar como o vestido ficou inadequado à figura. Se ela tivesse de roupa de academia, não ficava estranho. Veja-se, assim, algumas contradições na imagem: a cara romântica, uma pose que mistura um jeito romântico com a pose que destaca os músculos. Foi uma imagem criada exatamente para debochar, para mostrar a inadequação dessa mulher toda musculosa, em contraste com as figuras femininas apresentadas com frequências ao longo das edições. Essa imagem a torna negativa, na medida em que mostra um corpo masculinizado, musculoso. Desse modo, essa representação compartilhada pela equipe editorial e seus leitores fundamenta-se na cultura patriarcal e ajuda a produzir o corpo “abjeto” como forma de diferenciar e excluir socialmente os sujeitos pelo modo que organizam suas aparências. Além disso, ao demonstrar as formas corporais que consideradas negativas, a equipe editorial age pedagogicamente na regulação sexual, condenando à morte simbólica corpos que não se adequam as normas de gênero. Assim, a Figura 5 expressa, em forma metafórica, à intenção de tornar o corpo sexuado como corpo “abjeto”, ou seja, aquele que não se encaixa na estrutura binária “homem-mulher”.¹⁵⁶

Neste sentido, Ruth Sabat afirma que a publicidade é um artefato entrelaçado às interações culturais; utilizado como recurso de poder na construção das representações que buscam normatizar e hegemonizar as identidades entre os sujeitos que influenciam cada situação histórica. Isso porque, por meio da produção de valores e saberes, as

¹⁵⁵ *Men's Health*. 2013. nº 83, Editora Abril, Março, p. 122.

¹⁵⁶ BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

mídias procuram regular as condutas e a personalidade dos indivíduos por meio de uma pedagogia radicada na tradição cultural. Entretanto, a autora defende que não devemos,

[...] compreender a mensagem linguística como fixadora [o que] significa que ela desempenhe efetivamente esta função; afinal a presença do texto ou da legenda não anula toda a rede de significados culturais que a leitora e o leitor trazem consigo, impedindo-a/o de fazer inferências que podem ir além da tentativa de fixar sentido pela palavra. Ao mesmo tempo, aceitar a possibilidade de que a palavra pode fixar os significados de uma imagem é afirmar que há entre elas uma relação direta de correspondência, ou seja, é afirmar ser possível através de palavras traduzir uma imagem em todas as suas dimensões. Sendo texto e imagem linguagens diferentes, a única relação possível entre eles é de articulação, de complemento ou de justaposição, mas nunca de substituição.¹⁵⁷

Certo é que essas representações corporais são citadas, repetidas e generalizadas enquanto ideais de beleza, saúde e sensualidade. Sendo um tipo de diferenciação de gênero. Desse modo,

Pode-se começar a pensar o gênero a partir de uma visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma “tecnologia social”; desta forma, propor-se ia também o gênero, como representação e auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como as práticas de vida cotidiana. Poderíamos dizer que, assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas nas palavras de Foucault, “O conjunto de efeitos produzidos em corpo, comportamentos e relações sociais”, por meio do desdobramento de “uma complexa tecnologia política”¹⁵⁸

Sendo assim, não nos é suficiente identificar “[...] como se dividiam os papéis entre os sexos; é preciso perceber as relações que se estabeleciam e que os determinavam”.¹⁵⁹ É o que propomos no próximo capítulo.

¹⁵⁷SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. Estudos feministas, 2º. Semestre, 2001, p.13.

¹⁵⁸ LAURET, T. Op. Cit, p. 208

¹⁵⁹PEDRO, J. M. Relações de gênero na pesquisa histórica. Revista Catarinense de História. n. 2. 1994, p. 42.

CAPÍTULO III

Gênero e Poder na Revista *Men's Health*

Após a leitura de nosso material empírico fizemos a seleção e transcrição de narrativas e imagens que circularam como maior frequência por meio da revista *Men's Health*. Desse procedimento chegamos ao número de três imagens de capas nas quais foram estampadas um casal heterossexual, que nos permite discutir como as composições dessas representações são carregadas de discursos que visam estruturar as típicas relações de gênero, ou seja, aquelas construídas como base nos desejos sexuais entre seres de características físicas distintas, um comportamento tido como adequado à natureza.

Nessa perspectiva, há nas edições dessa revista uma identificação dos modelos que pondera, a partir dos aspetos biológicos, desconsiderando nas identidades de gêneros os fatores psicológicos e/ou sociológicos. A vinculação entre as estruturas biológicas dos corpos e os padrões que oferecem modelos e referências das diferenças dos gêneros pode ser mapeada na capa da revista publicada em setembro de 2012 (Figura 4).



Figura 4. Capa da revista Men's Health em setembro de 2012

Fonte: *Men's Health* (nº 77, setembro de 2012, p. 1).

A busca de aproximação do comportamento dos gêneros adequado à natureza dos corpos fica explícita na fotografia usada na capa da edição 77. Nela, temos duas imagens adultas, sendo uma a de um homem, posicionado atrás de uma mulher, ambos de pé, em posição ligeiramente frontal, dispostos como se evadissem para a esquerda do plano.

A figura feminina está no primeiro plano da cena, tendo a mão direita na cabeça e a esquerda estendida, com ligeira flexão para cima; as mãos são estreitas e os dedos finos, com unhas longas e tingidas. O sorriso é largo e alinhado, como se estivesse em

êxtase. O rosto é afilado e anguloso. As sobrancelhas são finas, o nariz é pequeno, os lábios carnudos e as maçãs do rosto salientes. Os olhos estão ligeiramente abertos e realçam o gozo expresso no semblante. A pele é bronzeada, tonificada e lisa, sem sinais expressivos de idade. Os cabelos são lisos, castanhos e longos, com algumas luzes. O corpo magro e os seios fartos estão envolvidos pela grande mão direita do modelo. Ela também usa apenas um biquíni em tecido imitando a pele de uma onça e deixa mostrar um corpo magro e sem excesso de gordura.

Já a figura masculina está posicionada no segundo plano da cena. Ela está envolvendo a figura feminina, tendo a mão direita segurando os seios da modelo, com os dedos abertos. A mão esquerda, larga e os dedos finos, estão segurando a modelo pelo quadril. O braço direito encontra-se flexionado no plano inferior, envolvendo a modelo de cima para baixo. Já o esquerdo está um pouco flexionado, numa atitude que deixa evidente os bíceps inflados. O modelo olha para o rosto da figura feminina, enquanto esboça um sorriso discreto, como se a seduzisse. Seu rosto é oval e alongado. A testa é alta, e o queixo é pequeno. Suas sobrancelhas são acentuadas e feitas. O nariz é longo e com narinas afiladas. A barba realça a serenidade do semblante. A pele é clara e ligeiramente bronzeada. Os cabelos são curtos, lisos e castanhos. O corpo está em evidência, mostrando o peitoral desenhado por exercícios físicos e os braços torneados, sem hipertrofia excessiva. Ao fundo das figuras não há elementos que complete a cena, deixando apenas a trama galante em evidência.

Esta fotografia aponta a dicotomia homem e mulher, numa relação em que há “naturalmente” entre esses a sedução e a atração. Isso se baseia na dicotomia corporal dos indivíduos, em que as mulheres têm corpos magros, com seios e quadris fartos, narizes pequenos, lábios carnudos, cabelos longos e rostos tingidos por cosméticos, oposto a esses traços, os homens são retratados com corpos musculosos e fortes, cabelos curtos, narizes grandes, rostos longos e afilados, com barbas ou não e sem sinais de maquiagens. Esse tipo de representação é reflexo de uma sociedade culturalmente carregada de crenças numa essência inata do indivíduo, que considera que existe uma especificidade biológica capaz de unir todos os representantes de um mesmo sexo em uma identidade masculina ou feminina.

Esses discursos reduzem as identidades de gênero aos aspetos físicos, como se a sensação de ser homem ou mulher fosse determinada pela bagagem biológica. Tudo se resume, ao fato de o indivíduo nascer com um pênis ou uma vagina, tendo a

predisposição genética para ser heterossexual, homossexual ou bissexual. Assim, a sensação de ser homem ou mulher é determinada pela atividade biológica do ser humano, que desde a gestação recebe na região cerebral do hipotálamo uma conformação masculina ou feminina devido à quantidade de hormônio secretado do ovário ou testículo do embrião, que posteriormente regula o comportamento de gênero. Nessa abordagem, até os dois anos de idade os indivíduos entendem-se como meninos ou meninas, sendo que na puberdade a orientação sexual passa a ser definida pelos seres desajustados de um subconjunto modelar do sexo.¹⁶⁰

Existe também outra abordagem sobre a identidade de gênero que valoriza os aspectos sociais expressos por meio da cultura. Nesta visão, os indivíduos, após nascerem, são identificados pela genitália externa. Posteriormente recebem uma certidão que os definem enquanto masculinos ou femininos. A partir daí, os meninos e meninas são tratados pelos familiares e conhecidos enquanto machos ou fêmeas. A eles são ensinados os códigos sociais de como se comportarem enquanto homens ou mulheres, os significados dos corpos; como trata-los e se expressarem socialmente. Ou seja, aprendem, a partir da cultura, as formas de se comportarem. Dessa forma, as identidades de gênero são construídas pelos códigos sociais, num processo em que os meninos aprendem a serem machos, masculinos, homens; e, as meninas fêmeas, femininas, mulheres.¹⁶¹

Esse tipo de identificação social aceita somente dois modelos de comportamento de gênero: masculino ou feminino. Por meio desses os indivíduos se expressam enquanto filhos, irmãos, namorados, amigos, profissionais, etc. Nessa visão, um indivíduo independentemente de seu corpo revelar seus sentimentos de gênero, ele será classificado e tratado socialmente pelas características físicas. Um travesti, por exemplo, independentemente de seus sentimentos de identificações enquanto homem ou mulher constará em seus documentos apenas o gênero, visto que a orientação sexual (heterossexual, homossexual ou bissexual) só é relevante no âmbito privado. Desse modo, o gênero não é tratado enquanto consonância da sexualidade, mas, enquanto categoria construída historicamente pela cultura.¹⁶²

No que tange a orientação sexual, acredita-se que existe um comportamento de ordem psicológica. Teóricos inspirados em Freud defendem que a mesma independe da

¹⁶⁰HERCULANO HOUZEL, S. O cérebro em transformação. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

¹⁶¹BEAUVOIR, S. Op. cit.

¹⁶²BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Op. cit.

identidade de gênero, resulta de uma relação triangular com o pai e com a mãe, denominado de “Complexo de Édipo”. Segundo essa teoria, em torno dos seis anos de idade as crianças apetezem de uma rivalidade com a figura do mesmo sexo, com isso, há um processo de ordem inconsciente e contínuo que define no cérebro da criança a orientação sexual, que vem a tona na adolescência. Nessa fase da vida, os indivíduos passam por vivências que definirão sua orientação heterossexual, homossexual ou bissexual.¹⁶³

Apesar de a orientação sexual ser a expressão do psiquismo dos indivíduos, as desconfianças sobre essa ordem psicológica são tratadas em coletividade enquanto classificação de lugar. Na adolescência, por exemplo, alguns homens são classificados como homossexuais afeminados ou femininos, levando em consideração apenas os corpos e os comportamentos sociais, desconsiderando nesse processo as vivências e as implicações dos desejos psíquicos. Segundo estudos realizados por Richard Green, essas classificações são equivocadas, pois em sua investigação realizada junto a adolescentes afeminados, constatou que 1/3 deles revelou-se, na idade adulta, como heterossexual.¹⁶⁴

Dessa forma, apesar das identidades de gêneros serem baseadas nos aspectos físicos dos órgãos genitais, referindo-se aos modos como os indivíduos são inseridos na sociedade, e a sexualidade aos modos como os seres vivenciam seus desejos sexuais, ambas se conectam na produção de discursos normativos do feminino e masculino. Baseando-se na superfície dos corpos, são construídos discursos que universalizam as identidades, sem considerar a “diferença dentro da diferença”.¹⁶⁵ O gênero enquanto saber teórico não deve, portanto, ser tratado meramente “[...] como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”. Mas, como “[...] aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”.¹⁶⁶

Partindo-se desta constatação, as interpenetrações entre as narrativas e imagens da revista *Men's Health* nos permitem pensar o gênero sob a dupla modulação definida

¹⁶³MASTERS, W.H.; JOHNSON, V.E. A conduta sexual humana. 4ª ed, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.

¹⁶⁴GREEN, R. The sissyboy syndrome and the development of homosexuality. In: ISAY, R. A. Torna-se gay. Editora GLS, 1988.

¹⁶⁵SAMARA, E.M; SOHIET, R.; MATOS, M.I.S. Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo, Educ, 1997, p. 46.

¹⁶⁶BUTLER, J. Op. cit., p. 25.

por Joan Scott¹⁶⁷: A primeira refere-se às diferenças percebidas entre os sexos, ou seja, de criar estereótipos culturais sobre os papéis de homens como quem domina. Já a segunda, refere-se à forma primária de dar significado as relações de poder, de criar um discurso segundo o qual os corpos masculinos musculosos servem como prova de virilidade, fazendo com denominações como “fraco”, “gordo”, “afeminado” e outros sinônimos sejam dirigidas como insultos para esse público.

Mulheres

Segundo Joan Scott, enquanto um campo de conhecimento, o gênero debruça-se sobre os discursos que arquitetam as identidades do feminino e do masculino. Estas são apresentadas como essência inata determinada pela natureza, como se fossem homogêneas e os indivíduos não tivessem história. Daí a necessidade de entendermos o gênero enquanto forma de significar as relações de poder entre os sexos, no qual as informações devem ser pensadas de forma relacional, em que um conhecimento sobre os homens não pode ser escrito sem levar em conta a mulher, articulando suas contradições e identidades.

Os estudos acadêmicos sobre as mulheres emergiram acompanhando as reivindicações políticas dos movimentos feministas. O marco é a *Déclaration des Droits de la Femme et de la Citoyenne*, texto escrito na França em 1791 por Olímpia de Gouges.¹⁶⁸ No entanto, essas abordagens só ganharam fôlego no século XX, com o advento de um movimento iniciado nos Estados Unidos e que se espalhou pelo ocidente nos anos de 1960.¹⁶⁹ Por meio desse, as mulheres reivindicavam direitos e emancipação em sentido pleno, como igualdade enquanto força de trabalho e disposição sobre seus corpos. Propendiam, assim, romper com estereótipos culturais machistas construídos ao longo de séculos, que afirmavam que o destino das “boas mulheres” era o casamento, o cuidado com os filhos, com o marido e o lar. Contrariamente, o destino daquelas que

¹⁶⁷SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Op. cit.

¹⁶⁸Id, *A cidadã paradoxal: as feministas e os direitos do homem*. Trad. de Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002. p.27-155.

¹⁶⁹SOIHET, R. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, C.; VAINFAS, R. (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275.

não tivessem uma postura submissa, as “más mulheres”, era a prostituição. Em ambos os casos, o destino das mulheres era servir aos homens.¹⁷⁰

Por meio de estudos, nos quais coexistiam interesses científicos e políticos, as feministas, como Simone de Beauvoir, buscavam transformar a sociedade, denunciando a dominação econômica exercida sobre as mulheres pelo “primeiro sexo” e pela família, traduzida num sentimento de inferioridade do segundo sexo. Acreditava-se, assim, que por meio da ciência conseguir-se-ia fazer valer direitos, espaços sociais, profissionais e políticos para as mulheres. Elas também procuravam a liberdade sexual dos corpos, em consonância com o avanço das tecnologias que lançava naquela época a pílula anticoncepcional. Deste modo, procuravam “[...] impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente”.¹⁷¹

Vinculado a esses estudos internacionais, Ismênia de Lima Martins¹⁷², Miriam Moreira Leite¹⁷³, Maria Odila Silva Dias¹⁷⁴ e Maria Beatriz Nizza da Silva¹⁷⁵ foram algumas das pioneiras nos estudos sobre mulheres no Brasil. Por meio de um conhecimento histórico acompanharam as reivindicações sociais das feministas, colocando em xeque a interferência da cultura patriarcal nos papéis desempenhados pelas mulheres na estruturação do poder, circulação de riquezas e povoamento de nosso país.

Nas décadas de 1980, teve início um processo de revisão dos estudos das mulheres, a partir de análises preocupadas em definir o conceito gênero. Obras pioneiras como as de Teresita Barbieri traçaram as posições teóricas e conceituais que tornaram esse conceito referência de pesquisa na literatura internacional. Segundo essa autora, quando foi instituído o patriarcado, os laços afetivos entre homens e mulheres passaram a envolver relações de poder, daí a importância de se investigar empiricamente as estruturas que introjetaram nos indivíduos as desigualdades como sendo naturais aos

¹⁷⁰DEL PRIORE, M. A mulher na história do Brasil. São Paulo: Contexto, 1992, p.13.

¹⁷¹SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Op. cit., p. 73.

¹⁷²MARTINS, I.L.; BRENES, A.C. As mulheres médicas nas entrelinhas do centenário da faculdade de medicina da UFMG. Niterói: EdUFF, 2011.

¹⁷³LEITE, M. L.M.; MOTT, M.L.; APPENZELLER, B. K.. A Mulher no Rio de Janeiro no Século XIX. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.

¹⁷⁴SILVA DIAS, M. O. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX: Ana Gertudes de Jesus. São Paulo:, Brasiliense, 1984

¹⁷⁵NIZZA SILVA, M.B. História da família no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

sexos. Neste sentido, o gênero articula-se como mecanismo afirmativo e de conformação das relações entre homens e mulheres.¹⁷⁶

As historiadoras Michelle Perrot¹⁷⁷ e Natalie Davis¹⁷⁸ também foram responsáveis por significativa produção acadêmica de mudança no panorama de estudos sobre as mulheres. Embaladas pelas reflexões de Michel Foucault sobre a microfísica do poder, estes estudos salientaram para os significados marginais do sexo feminino no passado histórico.

Esta renovação encontrou eco em um artigo escrito, na segunda metade dos anos de 1980, pela historiadora estadunidense Joan Wallach Scott, cujas perspectivas metodológicas inovadoras tornaram-se importante marco para os estudos acadêmicos. Gênero, uma categoria útil de análise histórica provocou verdadeira revolução nas interpretações das relações entre homens e mulheres ao conceituar gênero enquanto categoria de análise das desigualdades e das hierarquias sociais construídas historicamente sobre as diferenças percebíveis entre sexos. “O gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminidade”.¹⁷⁹

Foi a partir da obra de Scott que a influência da renovação acadêmica sobre gênero, que há muito dominava os estudos na Europa, se tornou parâmetro, tanto metodológico como conceitual para os pesquisadores brasileiros. Tal revisionismo não significou apenas uma adaptação das análises internacionais à nossa realidade, mas permitiu a releitura das relações de poder fundadas sobre sexo a luz das especificidades. Buscou-se, assim, a partir do que era específico nas regiões, as estruturas que caracterizam as relações afetivas e de poder entre homens e mulheres na sociedade brasileira.

Os estudos de Júnia Ferreira Furtado também proporcionaram ricas contribuições à renovação dos estudos das mulheres no Brasil e em Portugal. Ao estudar a inserção de Chica da Silva na sociedade mineira do século XVIII, a autora descortinou vários fatores sociais, culturais e religiosos que determinaram os lugares de inferioridades ocupados pelas mulheres na sociedade colonial. Ela observa que essas carregavam estigma do gênero feminino, que ampliavam a marginalidade quando conjugado com a cor e a condição de ex-escravas. Por isso, na maioria das vezes, as

¹⁷⁶BARBIERI, T. *Mujeres y vida cotidiana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

¹⁷⁷PERROT, M. *As mulheres ou o silêncio na história*. São Paulo: Edusc, 2005.

¹⁷⁸DAVIS, N.Z.; FEIST, H. *Nas margens : três mulheres do século XVII*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

¹⁷⁹SCOTT, J. Op cit., p. 75.

mulheres só desfrutavam de respeitos sociais e riquezas materiais ao lado de homens brancos importantes.¹⁸⁰

O estudo de Rachel Soihet também se destaca como relevante para a compreensão dos aspetos de poder entre os sexos. A partir de uma investigação sobre a versão popular do carnaval carioca ocorridos entre 1890 e 1945, a autora buscou compreender as formas de resistência dos populares e a busca de expressão cultural através das escolas de sambas frente aos grupos hegemônicos da primeira republica. Empiricamente pode-se evidenciar que o corpo feminino durante as manifestações era exaltado como expressão de beleza, o que inspirava desejos e prazeres sexuais. Ele também era lugar de violências físicas, como espancamento e estupros, e simbólicas, o que igualmente gerava a idealização das mulheres como submissa, o que contribuía para manter as desigualdades e trazer à tona a violência nas relações de gêneros.¹⁸¹

A imagem cultural e histórica de inferioridade do feminino é explicitada ainda hoje em muitos discursos, como nos produzidos pela revista *Men's Health*, que ao longo das reportagens procuram reforçar o estigma da mulher como feita para servir ao homem. Podemos evidenciar tal característica em uma imagem usada para estampar a matéria assinada por Natália Chagas, em que a mulher foi retratada em postura submissa e acomodada (Figura 7):

A estampa de aproximadamente 275 milímetros de comprimento e 390 milímetros de largura foi publicada na edição de número 71, em março de 2012. Nela temos a imagem de uma mulher adulta, de pele branca, levemente bronzeada, olhos azuis e cabelos loiros. O corpo seminu revela formas físicas socialmente atribuídas à beleza feminina, tais como corpo magro, seios e quadril fartos. A modelo está deitada, em uma pose sexualmente cordata, meiga, ferosa e esfuziante, como se olhasse diretamente para o leitor, tentando seduzi-lo para uma relação sexual, entretanto, mostra-se em uma condição de passividade. O cenário da fotografia é simples, composto por uma cama coberta por uma colcha de veludo cotelê em tom castanho claro.

¹⁸⁰FURTADO, J. F. Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito. São Paulo: Cia das letras, 2003.

¹⁸¹SHOIHET, R. A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

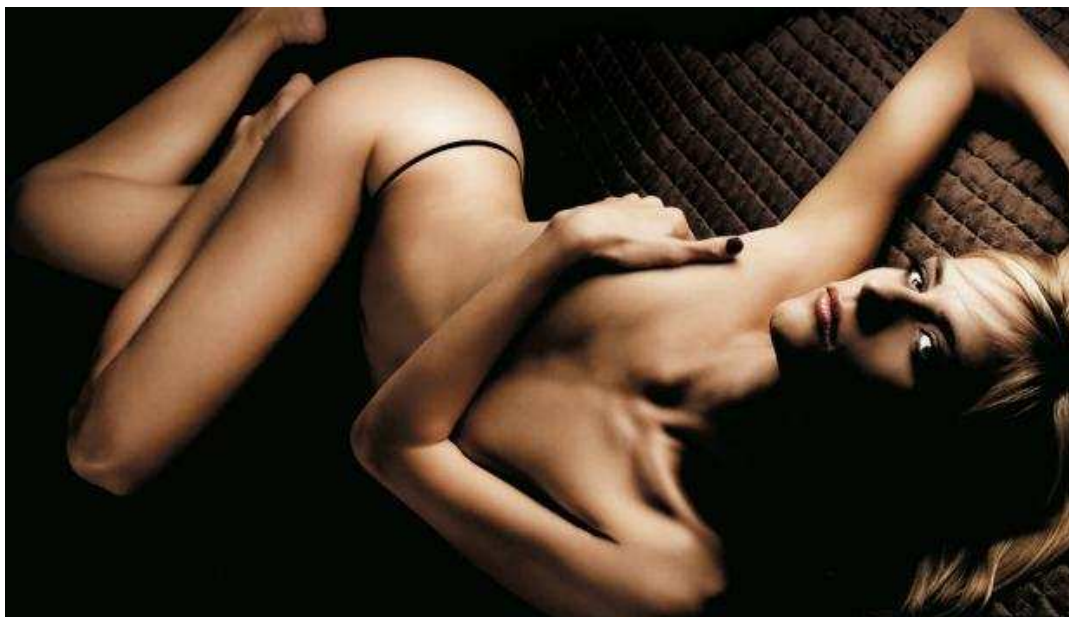


Figura 5. Fotografia publicada na reportagem Mixer editado por Theresa Dino

Fonte: *Men's Health* (nº 71, março de 2012, p. 22-23).

Essa imagem proporciona o ensejo dos editores em descrever a expressão sexual das mulheres como passiva, ao permitir ser possuída e penetrada. O corpo feminino torna-se, assim, lócus do erotismo masculino, um objeto feito para servir, ser controlado e dominado pelo homem, que no âmbito da sexualidade é aquele que penetra e controla o prazer desse corpo através do falo. Isso coincide com a postura acomodada da mulher durante o coito, expressa na estampa (Figura 5).

Ao representar a contunda da mulher na prática sexual como passiva e acomodada, os editores reforçam a dicotomia sexual ativo e passivo, segundo a qual o papel de ativo pertence ao macho, que controla, domina e tem o poder, enquanto a passividade é atribuída à fêmea, que se deixa agradar, deve obedecer e, subjetivamente, ocupa um lugar classificado culturalmente como de “desvalor”. Assim, nas relações entre os gêneros, a figura masculina aparece como quem faz a ação da conquista, envolvendo a mulher. Esta, por sua vez, apenas expressa a satisfação por meio dos gestos. A busca de aproximação das imagens dos homens com uma masculinidade na qual as ações dos mesmos são descritas como mais ativas é evidente na figura 3. Nela, a mulher é apresentada como um ser passivo, cujo corpo é desejado, olhado, admirado, cortejado e surpreendido pelo sexo oposto que, sendo o sexo ativo, é quem se aproxima

da figura cobiçada e a toma para si. A figura feminina só responde com um sorriso, aceitando a iniciativa masculina.

Esta relação de sedução e conquista entre homem e mulher fica evidente, inclusive, na linguagem coloquial utilizada nos textos da seção Pergunte à vizinha. Na edição 67, publicada em novembro de 2011, o leitor Eduardo Alves relatou que usava de galanteios para conquistar uma mulher:

Pergunta do Leitor: Cá, saí com uma garota e fiz questão de pagar. Ela se ofendeu, deu piti, mas cedeu. Aí deu chilique quando abri a porta do carro. Então cansei, e ela resolveu ser carinhosa. Qual é? Como vai ser na cama? Resposta da colunista: Ou uma loucura ou um porre. Eduzinho, você cheio de educação pra dar e ela fazendo pouco caso? Ou ela é bipolar ou gosta de mind games, aquele joguinho barato de sedução, tipo gato e rato. Na cama pode ser a mesma coisa: você vai fazendo os desejos dela, enquanto ela dá seus pitizinhos, até que cheguem ao gran finale. Se ela não chegar? Mande-a brincar de Camille Paglia com qualquer outro.¹⁸²

A forma como o leitor iniciou sua pergunta remete às configurações tradicionais dos relacionamentos heterossexuais, nos quais os homens são galantes e procuram aproximar-se das mulheres a partir de pequenos cortejos. Ao mesmo tempo, a mulher é vista como objeto de desejos sexuais, uma coisa. Por isso, o leitor assumiu no relato a iniciativa da ação e, por meio de gestos, procurou agradar a personagem com a qual ele tentava interagir, colocando-se numa posição de sedutor. Porém, a figura feminina não se mostrou receptiva à ação masculina, sendo essa postura censurada pela colunista da *Men's Health*. A mulher, ao agir de forma voluntária contra a sedução do homem, foi vista pela colunista como anormal, “frígida” e cheia de “histeria”, dando a entender que, nas relações heterossexuais, são os homens que devem exercer o papel de sedutor na trama, enquanto as mulheres respondem à aceitação. Isto também pode ser visto na pergunta do leitor paulista Renan Madureira:

Pergunta do Leitor: Rezoca, qual o melhor jeito de chegar junto de uma garota no bar? Resposta da colunista: Primeiro, querido, saque se ela está acompanhada – há tanta mulher no mundo, para que brigar, certo? Se o caminho estiver livre, comece com o olhar. Teve retorno? Fique nessa troca por um tempo: esse clima misterioso despertará nosso interesse! Quando a garota levantar para ir ao banheiro ou pedir algo no balcão, aproxime-se. Puxe conversa sobre amenidades, sem pretensão. Muita sede ao pote pode fazê-la não levar você a sério. Peça uma dica de bebida, comente o som... Mostre interesse às respostas dela e encerre a conversa perguntando o telefone, em vez de

¹⁸² *Men's Health*. 2011. nº 67, Editora Abril, Novembro, p. 24.

atacá-la. Assim, você vira uma exceção, o que pode multiplicar seu charme. No próximo encontro, o gol é 100% certo.¹⁸³

Como podemos perceber, o leitor procura elementos para ser um homem sedutor. Para isso, a colunista em tom de intimidade o aconselha a criar um “jogo” de sensualidade, conquista e atração, no qual ele deveria aproximar-se da mulher desejada de forma lenta, mas sempre tomando a iniciativa. Primeiramente, o leitor deveria olhar a mulher, admirando-a e desejando-a. Posteriormente, ele deveria aproximar-se como quem faz um cortejo, sorrindo, puxando conversa e ouvindo-a. Por fim, o homem vai embora, criando um clima de expectativa para o gênero feminino. Mais uma vez, a mulher é posta em uma posição de receptividade, como alguém que espera a iniciativa e aceita o galanteio masculino, ficando ansiosa pelo retorno do parceiro. Nesta lógica, a revista reitera que são os homens os responsáveis pela condução das relações entre os gêneros, colocando as mulheres numa postura de submissão e acomodação durante as relações heteroeróticas.

Esses aspectos evidenciam que a revista *Men's Health* representa a mulher como um corpo feito para proporcionar o prazer sexual. Por isso, ao longo das reportagens há constantemente usos de imagens para despertar o erotismo e a expressão de virilidade. Tais como as seguintes figuras:



Figura 6. Derrape nas cursas

Fonte: *Men's Health* (2012, nº 70, p. 86-87).

¹⁸³ *Men's Health*. 2012. nº 76, Editora Abril, Agosto, p. 44.



Figura 7. Conquiste o peito dela

Fonte: *Men's Health* (2012, nº 70, p.90).

Essas duas estampas mostram como o corpo feminino é tratado como objeto de interesses eróticos dos homens. Os leitores são motivados pela equipe editorial a controlar e dominar a figura feminina para satisfazer seus desejos, conquistando o prazer individual e deixando de lado a satisfação mútua. Isso fica explícito nos relatos de vários leitores, que apresentam a sexualidade como algo exclusivamente físico como, por exemplo, fez o pernambucano Edlima, que expôs sua experiência de namorar por três anos com uma mulher que não dava a mesma importância à vida sexual como ele:

Leitor: Vizi, namoro há três anos, mas ela acha que o sexo não é tão importante. Há pouco passamos 20 dias na seca. O que faço?
Colunista: Tem uma coisa que você não pode esquecer sobre as mulheres: para nós, em geral, sexo está ligado a afeto. Vai que, independente de curtir você na cama, ela não esteja 100 % feliz com o restante da relação? Aí é birra na certa. Ou seja, problemas na transa. Em resumo, há garotas que dão uma desencanada do sexo se não se sentem atraentes. A solução é ler a MH e pôr em prática as dicas para levantar a moral da namorada. Caso não funcione, caia fora. Se a coisa está assim no namoro, imagina no casamento!¹⁸⁴

¹⁸⁴ *Men's Health*. 2012. nº 72, Editora Abril, Abril, p. 53.

Aqui o leitor é tratado como dominado pelas necessidades fisiológicas, constantemente vistas como momento crucial de instauração do ser homem, em que este está propenso a valorizar as experiências físicas. Já o feminino é apresentado como um público que geralmente pensa o sexo de forma romântica, como forma de construir e solidificar afetos. O relato do leitor André Bortoli Bebes, de Foz do Iguaçu (PR), mostra esse aspecto:

Leitor: Carol, minha namorada é mais nova e virgem. Toda vez que vai rolar, ela desiste. Como convenço de que isso é inevitável?

Colunista: Cada mulher tem um tempo para começar a transar. Dependendo de como ela se vê, a importância que dá ao sexo, ao amor, ao corpo... Há também a questão da segurança: a primeira vez é sempre especial, pede romance e confiança. Talvez você esteja muito fissurado no rala e rola e não consiga passar a ideia de que a ama de paixão. Reserve um hotel na serra, com ambiente à meia luz, diga que você é louco por ela e mande bem nas preliminares quer testar sua pegada? Leia vai ficar Aí parado? (pág. 70). Se ainda assim resistir – e você a amar –, espere. Se não, pule fora cisque em outra freguesia.¹⁸⁵

Como se observa, o ato sexual é visto como forma contínua do homem provar sua virilidade. Em relação à mulher, o sexo envolve afetos e tensões. De um lado, é a forma de satisfação amorosa que está em jogo, pois o parceiro a deve fazê-la feliz. De outro, está o medo do sentimento de rejeição, por ser vista como sexualmente ativa, fogosa e parceira de vários homens, além da possibilidade de insucesso na vida sexual, que pode acarretar a perda do parceiro.

Ao longo das edições analisadas também observamos que as reportagens reforçam a centralidade das relações heteroeróticas, nas quais os homens devem ser sedutores e sexualmente ativos. Em nenhuma revista analisada houve referência ao homoerotismo masculino. Em todos os números da revista, a narrativa construída era sobre o erotismo masculino focado nas formas corporais femininas. Os homens eram apresentados como quem controlava e dominava as relações. Também era comum o uso de imagens de parte do corpo feminino (Figuras 5, 6 e 7) para incentivar uma personalidade de gênero masculino na qual a satisfação está em controlar, através de seu falo, o prazer do sexo oposto, como evidencia a edição nº 65, de Setembro de 2011, p. 48: “Caia de boca! Não é o tamanho do seu amigão a maior reclamação das mulheres

¹⁸⁵ *Men's Health*. 2012. nº 72, Editora Abril, Abril, p. 53.

em consultórios de terapeuta sexuais. Sabem o que elas querem? Beijar muito e sem pressa.”

Enquanto os homens são representados como quem tem o poder nas relações de gêneros, a mulher é destacada como apenas um objeto de prazer que, subjetivamente, ocupa o segundo plano na afinidade, alguém que tem desejos, mas não os revela, por procurar agradar e obedecer a seu parceiro, esperando que este descubra formas de acariciá-las, como fica evidente também no artigo Romance na firma? Vale o risco! De autoria de Jane Porte, Nathan Fernandes e Eric Ogden, publicado na seção MH ação, em fevereiro de 2013:

Sexo no trabalho. O ambiente legal para se dar bem (MH, 2013, nº 82, p. 1). Esqueça o bar. Você está rodeado de mulheres desejáveis cinco dias por semana. São suas colegas de trabalho – e uma delas pode ser sua cara-metade. Saiba agir para se dar bem nessa. (MH, 2013, nº 82, p. 44). Fique ligado: a pessoa que namora um superior goza de menos confiança dos outros e eles mentem para ela com maior frequência do que para quem saí com alguém da mesma posição [...] As pessoas muitas vezes pensam que quem namora o/a chefe tem acesso privilegiado a informações e é protegido.¹⁸⁶

Por meio desse trecho podemos evidenciar que os editores da revista outorgam aos homens uma espécie de supremacia de sexualidade. Como se confirma também no artigo de Bettina Von Suster:

“Você é quem manda”. Tem muita mulher moderna que curte ser dominada na cama, sem tantas gentilezas. Conheça-a melhor e calibre sua pegada! Existe um tipo de mulher, no qual me encaixo, que gosta de pegada. Pegada, literalmente. Pense no homem de neandertal arrastando a fêmea para dentro da caverna e você saca o jeitão do approach que preenche sonhos de donzela como eu. Há alguns bons anos, quando me iniciava sexualmente, tive um cara assim. Dava ordens no meu ouvido, puxava o cabelo, mordida a nuca – claro, sem machucar; não defendo os exageros, os excessos. Nunca me recuperei de tamanho êxtase.¹⁸⁷

A violência masculina, como arrastar “a fêmea para dentro da caverna”, é reconhecida publicamente como símbolo de interesses amorosos, como se esse contato físico direto de dominação concretizasse a satisfação dos desejos libidinosos considerados normais como “sonhos de donzela”. A violência contra o corpo feminino

¹⁸⁶ *Men's Health*. 2013. nº 82, Editora Abril, Fevereiro, p. 47.

¹⁸⁷ *Men's Health*. 2012. nº 77, Editora Abril, Setembro, p. 112.

é, assim, entendida como expressão de virilidade, uma espécie de marca de propriedade aplicada às mulheres. Como se estas tivessem como objeto de amor e de desejos sexuais “ser dominada na cama, sem tantas gentilezas”, por homens primitivos. “claro, sem machucar; não defendo os exageros, os excessos”. Percebe-se, assim, que esse discurso serve como mecanismo social de controle dos gêneros. Segundo Pierre Bourdieu essa dominação se expressa por “[...] esquemas de pensamentos, de aplicação universal”, construídas no centro das trocas simbólicas, o que exerce controles tanto sobre as mulheres, quanto nos homens, em um processo contínuo de materialização de disputas de poder com base nos corpos.¹⁸⁸ No entanto,

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino de posse, com dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como se dá nas relações homossexuais, a reciprocidade é possível, os laços entre sexualidade e o poder se desvelam da maneira particular clara, e as posições e os papéis assumidos nas relações sexuais [...]”.¹⁸⁹

Quando Bourdieu afirma que a dominação masculina é construída por relações mutuamente favoráveis ao dominador e ao dominado, que envolve troca de signos linguísticos e outros signos, não está afirmando que as mulheres e, ou, homossexuais gostam de ser domados por conta da influência do ambiente. O fato é que através de sistemas culturais há naturalização de discursos que legitimam, em determinado território, a violência masculina como necessária ao comportamento humano, o que corporifica as disputas de poder entre os gêneros, vitimando tanto as mulheres quanto os homens, que passam a ser “cobrados” por ações rígidas e inflexíveis consigo e com as outras pessoas nos acontecimentos triviais. Isso se evidencia no trecho de um artigo escrito por Thaís Ferreira:

Você é um Pau-mandado? Às vezes, o homem faz coisa demais pela parceira e não saca que, assim, podem acabar com ele, a relação, o sexo... Veja os maiores sinais e dê off no piloto automático. “Como quiser, linda”. É o que você costuma responder à sua musa na hora do sexo, de pesar a trip do feriadão, de parar de beber na festa, ou nessas

¹⁸⁸ BOURDIEU, P.. A dominação masculina. Op. cit., p. 17

¹⁸⁹ Ibid, p. 24.

situações todas e em outras mais? Isso parece confortável: você ganha menos coisa para resolver, agradar e evitar conflitos com ela, certo? [...] Gera frustração em você, nela e no casamento, namoro ou caso. Autorizar suas vontades a ir com alta frequência para segundo plano baixa sua autoestima, ainda que não note.¹⁹⁰

Esses discursos trazem a ideia de que as mulheres não podem ser protagonistas sociais ativas, mas um corpo para servir ao homem. No entanto, essa dominação só pode ver feita pela conquista, como se evidência no seguinte diálogo:

Leitor: Totem Gil, percebi que procuro a mulher ideal pelo corpo (seios, cintura, cabelo...) e não deixo levar pelo lado sentimental. Isso é normal? Totem Gil: Não. Normalmente temos um lado carnal e um emocional, que andam juntos. Claro, quando a testosterona bate no ouvido e você é solteiro (e bem apresentado), a rotatividade fica tão alta que não dá tempo de se envolver. Mas um dia a casa cai, meu velho. Vai ter aquela delícia que, além da chave de pernas, vai dar uma chave do coração de tirar o fôlego. E aí a coisa fica preta.¹⁹¹

Neste relato o leitor afirma que é dominado pelos desejos e prazeres sexuais proporcionados pelos corpos femininos. Comportamento tratado pelo colunista da revista como normal e positivo. No entanto ele alerta ao leitor que a conquista amorosa não é para todos os homens, só para os que têm um corpo “em forma”, pois “[...] se você não malha, acredite, esses convites vão diminuir. As mulheres sabem que uma barriga gigante não é apenas feia: prejudica o cara na cama e detona a carreira e a saúde”.¹⁹²

Podemos inferir, portanto, que nas reportagens os homens são valorizados por dominar, controlar e exercer o poder sobre as mulheres a partir do consentimento, gerado pela sedução e atração. Nesse jogo o corpo musculoso é tratado como meio que viabiliza o sucesso com as mulheres, pois ele é representado como “[...] o corpo que elas curtem [...]”.¹⁹³ Portanto, cabe pensarmos que corpo é esse.

Homens

¹⁹⁰ *Men's Health*. 2012. nº 74, Editora Abril, Junho, p. 48.

¹⁹¹ *Men's Health*. 2009. nº 36, Editora Abril, Abril, p. 19.

¹⁹² *Men's Health*. 2011. nº 65, Editora Abril, Setembro, p. 22.

¹⁹³ *Men's Health*. 2012. nº 72, Editora Abril, Abril, p. 12.

A fotografia (Figura 8) do leitor Bruno Bueno foi publicada em outubro de 2011, traz à tona alguns elementos que nos ajudam a entender as representações masculinas veiculadas pela revista *Men's Health*.



Figura 8. Cara da capa

Fonte: *Men's Health* (2011, nº 66, p.60-61).

Nesta fotografia temos uma imagem masculina valorada como positiva. Segundo os produtores da revista, esse leitor carioca de 21 anos “é o cara”, “[...] com um perfil que resume o ideal de bem estar da MH [...]”. Isso porque o mesmo é excessivamente

preocupado com a aparência corporal, dedica grande parte de sua rotina aos cuidados pessoais a partir de práticas de atividades físicas, como artes marciais, remo, natação, squash, musculação, surfe, corrida e dança de salão, atividades constantemente associadas ao emblema de bem-estar, por isso, ele afirma que: “um dia a dia com exercício e equilíbrio ajuda a ter mais disposição em tudo, do estudo ao sexo”.¹⁹⁴

Esta estampa está revestida de valores sociais que normatizam os afetos. Resume o que a sociedade espera que um homem adulto seja, independente daquilo que cada indivíduo realmente é. Ela diz aos leitores que um corpo definido por várias sessões diárias de atividades aeróbica e anaeróbica, conjugadas com regulações da alimentação são sinônimos de beleza, saúde e sucesso.

Ao nos depararmos com essa fotografia corporal masculina, podemos constatar que a equipe editorial da revista *Men's Health* associa a sensação de ser homem à composição da aparência física. De modo geral, essa visão corrobora os argumentos de Judith Butler, quando afirma que as identidades de gêneros são construídas por meio das composições das superfícies dos corpos. Para ela as identidades de gênero são manifestadas socialmente por,

Atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos.¹⁹⁵

Assim, as imagens corporais possibilitam que se façam inferências sobre o comportamento de gênero (masculino e feminino), que não está obrigatoriamente ligado à orientação sexual (heterossexual, homossexual ou bissexual). Por isso, desde que os representantes do sexo masculino começam a reconhecer suas formas corporais, muitos sofrem emocionalmente rejeições por não pertencerem a determinados grupos sociais. É comum, também, alguns sofrerem por serem alvos de piadas e preconceitos, que associam a orientação sexual à aparência do corpo. Por exemplo, um leitor e estudante de Educação Física de 23 anos, 1,84 m e 90 kg, em entrevista concedida na cidade de Viçosa/MG em 18/7/2013, relata que na adolescência era “[...] muito magro. Pele e

¹⁹⁴*Men's Health*. 2011. nº 66, Editora Abril, Outubro, p. 60.

¹⁹⁵BUTLER, J. Op. cit., p. 164

osso!” na escola e na rua onde morava “[...] as pessoas ficavam me chamando de gay. Me colocavam apelidos que me faziam me sentir mal [...]”.¹⁹⁶

Assim como esse leitor, muitos outros vivem constantes transtornos com seus corpos, sua anatomia, sua cor e textura da pele, que muitas vezes determinam as formas como cada indivíduo se relaciona com o outro.

A rejeição de determinadas formas corporais faz com que muitos desejem assemelhar-se aos modelos que estampam as capas de revistas, onde as fotografias procuram inibir, controlar e educar o sexo masculino. Nas capas da revista *Men's Health*, por exemplo, os modelos são dispostos de modo a seduzir e persuadir o leitor. Por meio delas muitos são informados sobre os valores sociais que afirmam que não basta aos homens desejarem e amarem mulheres, para que sejam tidos como masculinos; é necessário desenvolver uma imagem física que demonstre um corpo firme, musculoso e tônico, longe de qualquer marca de passividade, tais como relaxamento ou moleza.

Neste sentido, o técnico de informática, Heron Loureiro da Silva, 30 anos, 1, 83 m e 87 kg, por exemplo, afirmou que “tinha vergonha de sair na rua e tomava remédio para pressão alta, ansiedade e depressão”. Sua esposa estava infeliz em vê-lo sem confiança em si. “Então resolvi fazer algo por nós”. Entrou na academia de musculação e com nove meses perdeu 42 kg. “Foi uma questão de disciplina e força de vontade. Eu sabia que todo sacrifício de levantar mais cedo seria revertido em benefícios para meu corpo e minha saúde”.¹⁹⁷

O relato desses leitores, somado a muitos outros, nos conduz aos aspectos estruturais do corpo masculino representado nas edições dessa revista. Mas, para compreender como esses depoimentos se inscrevem “[...] à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo, normais”, é importante voltarmos à atenção para os detalhes visuais propostos pela revista que traduz o corpo socialmente valorizado (Figura 9).¹⁹⁸

¹⁹⁶Entrevista 9: Estudante de Educação Física, física, 23 anos, 1, 84 m de altura e 90 kg. Data: 3/9/2013.

¹⁹⁷*Men's Health*, 2011. n° 65, Editora Abril, Setembro, p. 28.

¹⁹⁸LEVI, G. Usos da biografia Op. cit, p. 76.



Figura 9. Capa da revista *Men's Health* em junho de 2012

Fonte: *Men's Health* (nº 74, junho de 2012, p. 1).

A fotografia da capa da revista *Men's Health*, da edição de número de 74, publicada em junho de 2012, faz parte de um conjunto maior de documentos que nos permitem evidenciar o tipo de retrato corporal que é representado nas edições da revista. Nela, temos uma imagem masculina adulta, posicionada em um painel branco, com o nome da revista na cor vermelho bordô. O modelo está em pé, disposto frontal, na esquerda do plano, olhando diretamente para o observador, e esboça gestos de intensa satisfação, com um sorriso largo.

A figura em tela tem a pele clara, tonificada e lisa, ligeiramente bronzeada, sem sinais expressivos de idade. Os cabelos são lisos, castanhos e com corte vintage, um visual “arrumadinho” pelo uso de gel para destacar o topete. O rosto é oval e alongado, com testa alta, queixo pequeno e sobrancelhas bem acentuadas e feitas. O nariz é longo, com narinas afiladas. Os olhos são castanhos e estão abertos. Os lábios são finos. Os dentes são brancos e alinhados. Já a barba por fazer realça a seriedade do semblante.

Para evidenciar formas corporais construídas por intermédio de exercícios de musculação e alimentação “regulada”, o modelo foi fotografado usando apenas uma calça jeans, em tom escuro, dispensando o uso de camisa, adereços nos braços, cabelos, pernas ou orelhas. Este retrato corporal deixa ver o peitoral desenhado, os bíceps e tríceps inflados, o trapézio largo e o abdome com os seis músculos marcados.

A composição dessa estampa segue o princípio das capas das demais edições, nas quais os modelos possuem formas corporais, tonalidade de pele, faces, orelhas, bocas e nariz parecidos, cuja identidade masculina é expressa na aparência. Essa anatomia apresenta proporção e regularidade entre o tórax, cintura e braços musculosos, tidos como protótipo da perfeição masculina. Assim, a equipe editorial recorre a esse tipo de estampa para construir uma identidade para o gênero masculino, baseada no corpo “[...] magro, bonito, bronzeado!”¹⁹⁹ como forma de convidar aos leitores a construir formas corporais parecidas.

Estes emblemas de felicidade e sucesso são construídos pela mídia e incorporados ao cotidiano como referências das imagens corpóreas, estilos de vida e identidades masculinas. Eles também são os instrumentos de trabalhos de modelos, que cuidam de suas formas físicas para obter ganhos materiais e simbólicos. Desse modo, essas estampas que estão atreladas aos ganhos de capitais, ao serem exibidas nas capas das revistas, tornam-se os fetiches de muitos receptores, que as interpretam como a possibilidade de arrumar empregos melhores, salários maiores, famas e sucessos, como se percebe no texto escrito pelos redatores Bruno Acioli, Dan Jones e Michael Easter:

Tenha um corpo de sucesso. Turbine seu shape com sacadas das estrelas da TV, do cinema e da música para manter a forma física. Celebidades devem ter cuidado contínuo com o físico. Afinal, esses caras usam o corpo como ferramenta de trabalho e precisam estar com o shape trincado para aparecer bem nas telas, em fotos, suportar o ritmo puxando de gravações ou ficar horas cantando e dançando em

¹⁹⁹FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Op. cit., p. 83.

cima do palco. Também por tudo isso, a rotina de exercícios deles não pode ser maçante – ou falta energia na hora de pegar pesado no batente. Notou algo em comum entre eles e você, que passa pelo menos oito horas no escritório e ainda tem pique para malhar?²⁰⁰

As imagens produzidas pela revista *Men's Health* são revestidas de valores baseado na superfície dos corpos, apontando a luta para se ter um corpo socialmente valorizado, com uma vitória a ser alcançada. A carta do editor da edição de número 78, de 2012, detalhou esse tipo de conquista:

A aparência dos vencedores. Nunca tivemos tantas soluções para melhorar o visual. E nunca você teve tantos motivos para aproveitá-las [...]. Aqui está mais uma providencia Especial de Cuidados Pessoais, serviço masculino no qual a MEN'S HEALTH foi pioneira no Brasil [...]. Subir na vida está mais difícil. Sim, as mulheres vêm disputando os melhores postos de trabalho e tomando posições de chefia que tradicionalmente eram masculinas. Isto é ótimo para o mundo. Mas ruim para seu salário. No atual caos do mercado de trabalho, elas têm vantagens competitivas naturais: têm mais poder de comunicação e se adaptam mais facilmente do que nós. A questão: vai chegar molambento naquela entrevista de emprego? Acha que só boas ideias sustentam uma promoção? Um tapa na fachada aumenta suas chances.²⁰¹

As preocupações com a autoimagem não é tratada meramente como a personalidade de homens que se cuidam pelos prazeres de assemelhar-se aos padrões de beleza, mas, como as demandas do mercado de trabalho, ocorridas após a entrada das mulheres como concorrentes nos postos antes ocupados somente por homens recebem destaque. Nestas tensões de gênero, as mulheres seriam favorecidas pelos cuidados físicos, o que contribui para que os homens também passassem a cuidar das imagens, para competir de forma igual no mercado de trabalho, como evidencia o excerto a seguir:

Tenha a fachada que impressiona o chefe e garanta seu emprego. O mercado é competitivo. E você precisa mais do que um bom currículo e uma carta de indicação para ganhar um trabalho ou permanecer na vaga [...]. Se os empregadores ficarem em dúvida entre dois candidatos com experiências parecidas, eles vão escolher o que tiver a melhor aparência, sem dúvida.²⁰²

²⁰⁰ *Men's Health*. 2012. nº 80, Editora Abril, Dezembro, p. 74.

²⁰¹ *Men's Health*. 2012. nº 78, Editora Abril, Outubro, p. 11.

²⁰² *Men's Health*. 2012. nº 76, Editora Abril, Agosto, p. 124.

O mercado de trabalho é apresentado como local onde há uma “seleção natural” pela imagem, onde há determinação de padrões físicos de aceitação, em que homens com formas corporais consideradas “perfeitas” são bem sucedidos profissionalmente e financeiramente. Rituais de fazer as unhas, arrumar os cabelos, ou seja, cuidar do corpo aparece como exigências profissionais. Nas palavras do editor da redação:

Sete anos atrás, a perspectiva de informar gente que cuidava do corpo estava contaminada de preconceitos. “Corpo”, para alguns brothers, era papo de caras que espumavam vaidade pelas orelhas, gente brega, com uma perspectiva de vida desequilibrada, para dizer no mínimo. [...] nossa missão de deixar você mais preparado para a pauleira do mundo contemporâneo [...] queremos que você [seja] mais atraente visualmente, mais senhor de sua autoestima, com mais ferramentas para o sucesso profissional, sexual e social. Vamos em frente, pessoal.²⁰³

Ao mesmo tempo, a revista destaca que só é feio quem quer, pois existem recursos para os indivíduos moldarem-se aos padrões sociais, tais como pintar os cabelos, praticar musculação, usar cremes e mudar a alimentação. Os que fogem aos cuidados com o corpo são tratados como relaxados, pois todos arrumar tempo para os autocuidados, além de ter “músculos grandes em 15 minutos”, como afirma a reportagem de Selene Yeager:

Sem tempo para se exercitar? Essa desculpa já não vale mais. É hora de crescer a jato! Vamos transformar seu corpo em 15 minutos. Não tem esse tempo sobrando? Então esqueça um pouco o Facebook, tome banho mais rápido e levante assim que o despertador tocar. Pronto, você achou a brecha de que precisa.²⁰⁴

Assim sendo, qualquer homem pode ser o “cara da capa”, desde que disponha de esforços para acabar com qualquer sinal de “imperfeição” que se disponha. Para isso, é preciso autocontrole para buscar o aperfeiçoamento físico, construindo um corpo firme, forte, tônico e musculoso, como aconselham Ryan Thompson e Danilo Saraiva em artigo publicado na edição de número 41:

Olá, meu nome é EGOÍSMO e estou aqui para ajudar a mim mesmo. Você quer ganhar mais dinheiro e mais mulheres do que sempre sonhou? Fácil. Pense primeiro em você. Um pouco de egoísmo vai torna-lo um cara melhor [...] Agora que você já sabe como ganhar

²⁰³ *Men's Health*. 2013. nº 84, Editora Abril, Abril, p. 12.

²⁰⁴ *Men's Health*. 2011. nº 67, Editora Abril, Novembro, p. 52.

mais dinheiro e conquistar mulheres, está na hora de diminuir a pança frequentando a academia. Aqui começa o caminho das pedras: resistir em dar mole para aquela gostosa que malha no mesmo horário pode ajudar você construir um corpo melhor.²⁰⁵

Nesta lógica, combater a gordura e flacidez é um investimento do indivíduo, com questão de disciplina e autocuidado. Não aceitar esse modelo é quase uma morte simbólica, porque, mesmo que se tenha sucesso profissional e familiar, os que não têm formas corporais semelhantes aos modelos são visto como infratores dessa ética. A pergunta do leitor Diogo, por exemplo, foi ironizada pela colunista Carol Toledo por acreditar que “gordurinhas” abdominais são atraentes:

Leitor: Querida vizinha, as mulheres gostam ou não de barriguinha de chope? E de tatuagem?

Colunista: Se liga, Diogo! Quem em sã consciência curte uma pança? Nós podemos, com o tempo, criar um vínculo com seus pneus e, eventualmente, até fazer um carinho neles, mas gostar com força não acontece jamais! Quanto às tatuagens, depende da garota. Algumas curtem um dragão nas costas do parceiro, outras têm verdadeiro asco.²⁰⁶

Desse modo, as formas corporais assumem importante lugar na afirmação da identidade dos indivíduos. Elas servem como modelo heteronormativo a ser copiado, modificando a vida, as mentalidades e as atitudes de muitos homens. Sendo o corpo apresentado como garantia de sucesso social, financeiro e sexual, muitos estão dispostos a sacrifícios para assemelhem-se aos modelos das capas. Mas como chegar lá?

²⁰⁵ *Men's Health*. 2009. n° 41, Editora Abril, Setembro, p. 69-71.

²⁰⁶ *Men's Health*. 2012. n° 74, Editora Abril, Junho, p. 21.

CAPÍTULO IV

Corpo e Autocuidado Masculino

Por meio de um estudo da revista *Men's Health* é possível identificar valores, crenças e hábitos de uma masculinidade que compara o corpo aos imperativos de saúde, juventude, sedução e vitalidade. Veja-se:

A aparência dos vencedores. Nunca tivemos tantas soluções para melhorar o visual. E nunca você teve tantos motivos para aproveitá-las [...] Em meio século, a expectativa de vida do homem brasileiro cresceu 22 anos. Atingiremos em média cerca de 70 anos, contra 48 anos em 1960. O que isso quer dizer? Que o velho de ontem é só o cara mais experiente de hoje [...] Subir na vida está mais difícil. Sim as mulheres veem disputando os melhores postos de trabalho e tomando posições de chefia que tradicionalmente eram masculinas. Isso é ótimo para o mundo. Mas ruim para seu salário [...] Acha que só boas ideias sustentam uma promoção? Um tapa na fachada aumenta suas chances. Estamos superexpostos. Ao sol. Ao escrutínio público nas redes sociais. Às avaliações profissionais – seu concorrente ou emprego de hoje vive Cingapura, no vale do silício, no México ... Ao crivo feminino, cada vez mais criterioso. Então você vai querer aparecer com cara de acabado, vai? A indústria está a nosso favor. Durante anos, a masculinidade foi identificada com uma vida espartana e prazeres brancos. Comer iguarias era coisa de quem usava babados nas mangas. Cuidar do corpo, uma atitude feminina. Cremes? Só quando a pele rachava ou você se enchia de bolhas de sol. A indústria de cosmético, claro, era voltada para as mulheres, vaidosas por natureza. Só que o mercado uma hora precisa se expandir. A solução? Óbvio, atacar o universo masculino. Resultado: nunca vimos tanta solução legal, feita com base na científica e focada nas características do macho. Agora diz, você vai se aproveitar dessa fornada, não? A gente gosta de sexo. Cheers.²⁰⁷

Isso faz com que a velhice, obesidade, anorexia e bulimia sejam destacadas de forma negativa, como se fossem punições aos indivíduos pelas transgressões das práticas sociais de cuidados corporais, como atividades físicas regulares, dietas adequadas, usos de cosméticos, cirurgias estéticas e tratamentos não cirúrgicos que prometem alcançar formas magras, fortes, tônicas e bronzeadas, prolongar a juventude,

²⁰⁷ *Men's Health*. 2012, nº 78, Editora Abril, Outubro, p. 11.

evitar o envelhecimento e fixar uma aparência de acordo com os padrões culturais ocidentais dominantes.

Com isso, os corpos são tratados como suportes individuais, maleáveis às vontades, modismos e desejos. Entretanto, não podemos ignorar que ao modelar as aparências, os sujeitos não estão apenas sendo influenciados pela sociedade, pelos desejos de assemelhar-se aos padrões culturais, mas, se descobrindo como pertencente a um lugar privilegiado, marcado por distinções, dominações e controles, que geram sensações prazerosas. Assim, os sujeitos constroem racionalidades em que não são somente um corpo de revista que lhes importa, mas as autoridades que se encontram escritas sobre tais restos, que “[...] dá rosto ao indivíduo”.²⁰⁸

Torne-se Irresistível. Aumente seu poder de sedução cuidado de 5 detalhes aos quais você nunca dá bola.. mas que elas observam direto. Você está sarado e com a pele bronzeada. Difícil encontrar garotas que não goste desse conjunto. Não é à toa que, nesta época do ano, seu poder de atração aumenta. Só que isso pode ir por água abaixo se você descuidar dos detalhes – nós, mulheres, estamos sempre atentas a eles. Há gosto para tudo, está certo. Mas, no geral, mulher curte mesmo é macho cheiroso, de unhas limpas e curtas, pele macia, com pelos aparados e cabelos limpos. Chulé, mau hálito, perebas e coisa do gênero detonam sua conquista.²⁰⁹

Tal discurso sinaliza para o fato de que as representações construídas pela equipe editorial são instrumentos para forjar entre os leitores uma identidade masculina associada à imagem do homem “mais atraente visualmente, mais senhor de sua autoestima, com mais ferramentas para o sucesso profissional, sexual e social”.²¹⁰ Por isso, para termos acesso aos modos como diferentes grupos sociais utilizam-se da imagem do corpo “musculoso” para criar um imaginário em relação à condição masculina de poder, é necessário analisar as estratégias e táticas “[...] que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável em um ‘ambiente’”.²¹¹ Para isso, optamos por mapear os discursos de alguns leitores da revista, publicados na seção Mixer.

²⁰⁸ LE BRETON, D. Rostros: Ensayo de Antropologia. Buenos Aires: Letra Viva, 2010, p. 31.

²⁰⁹ Men's Health. 2013, nº 82, Editora Abril, Fevereiro, p. 102.

²¹⁰ Men's Health. 2013, nº 84, Editora Abril, Abril, p. 12.

²¹¹ CERTEAU, M. et al. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 46

Dito isto, discute-se aqui os dilemas das identidades do corpo masculino na modernidade, tais como os costumes e os cuidados apresentados como essenciais às condutas, bem como encarar as transgressões a essas normas.

Ser belo!

A beleza está ligada a vários fatores que não nos permite explicar racionalmente o que nos faz escolher certas coisas e não outras como belas. Com isso, ela não é um valor absoluto, mas um atributo que varia conforme os fatores culturais, temporais e individuais, logo ela sempre é relativa e arbitrária, parte de uma memória coletiva que a interpreta como valor positivo, tais como bondade e justiça.²¹²

Para Umberto Eco, a beleza é um elemento cultural que se liga de modo indissociável a ideia de verdade. Isso significa que socialmente se classifica como belo o que é considerado como bom, perfeito ou até mesmo divino. Por isso, ela não é somente uma questão de gosto, mas a ação política e social das criações de modelos de classificação dos lugares de poder. Tais modelos só encontram sentidos na comparação com o que se estabelece como feio. Portanto, beleza é um valor social dialético, construído na dualidade, entre beleza versus feiura.²¹³

Desmond Morris, por sua vez, afirma que a beleza é uma característica de busca universal, em que cada cultura cria uma noção de belo. Logo, os padrões de beleza são construções coletivas locais, estabelecidas pela cultura, pelo momento histórico e transmitidos de modos pedagógicos. Através destes aspectos, a beleza pode ser entendida como comportamento social de classificação e separação de coisas, sentimentos ou pessoas como bens raros, sendo esse aspecto de raridade responsável por fazer com que a beleza provoque intensa atração e emoções nos indivíduos.²¹⁴

Dito isso, entende-se, portanto, que a beleza envolve um valor cultural de “[...] produção de poder (que, algumas vezes têm a função de interditar), das produções de saber (as quais, frequentemente, fazem circular erros ou desconhecimentos sistemáticos) [...]”²¹⁵, por isso ela tem “[...] faces diversas segundo o período”.²¹⁶ Entretanto, esses

²¹² ECO, U. (org.). História da Beleza. Rio de Janeiro: Record, 2010.

²¹³ Ibid, p. 12.

²¹⁴ MORRIS, D. Adorno do corpo. São Paulo: Circulo de Livro, 1977.

²¹⁵ FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Op. cit., p. 17.

²¹⁶ ECO, U. Op. cit., p. 14.

padrões variam amplamente num mesmo período e espaço delimitado, pois as circunscrições culturais não atingem a totalidade da sociedade. Portanto, devemos considerar que a beleza está ligada as experiências cotidianas, aos valores sociais objetivos e subjetivos.

Partindo-se dessa constatação, delimitamos a nossa análise aos discursos da beleza veiculados pela revista *Men's Health*. Nessa mapeamos algumas mensagens que afirmam que ser belo não é só um atributo natural, mas uma conquista do indivíduo por meio de cuidados diários, mudanças de estilo e comportamento. Isso ecoa no cotidiano como ideia de que a beleza não é determinada pelo biológico, mas resultado de pequenas intervenções estéticas, tais como uso de cosméticos, mudança de alimentação, práticas de atividades físicas ou mesmo procedimentos cirúrgicos que prometem eliminar qualquer sinal de imperfeição humana. Esse discurso pode ser exemplificado pela seguinte escrita:

Barbeie, esfolie. E... parta para o abraço! Questionamos mais de 8500 leitores das *Men's Health* de quatro continentes e consultamos marcas e especialistas sobre cuidados pessoais. Aqui está tudo o que você precisa para ficar bonito. Cuidar da aparência é um hábito que varia de cultura para cultura [...] Mas uma coisa é comum a todos: boa aparência reflete confiança, atratividade, profissionalismo e saúde geral.²¹⁷

Assim sendo, nas edições da revista *Men's Health*, a beleza é entendida como cuidados pessoais, atributo positivo que se liga de maneira indissociável a “[...] confiança, atratividade, profissionalismo e saúde geral”²¹⁸, sendo um elemento central da vida social, capaz de abrir portas, possibilitar melhores condições financeiras ou mesmo um relacionamento amoroso ideal.

Para sustentar esse discurso, a equipe editorial constrói representações da condição masculina como de seres vaidosos, imersos em preocupações com a autoimagem. Esta deve ser socializada por meio de um “look imbatível! No trabalho, na sedução, na praia, todo dia [...] a melhor fachada”.²¹⁹ Esse discurso aparece em várias matérias, nas quais são abordados assuntos sobre moda, exercícios físicos de modelamento dos corpos, dicas de cuidados com os cabelos e a barba, com a pele saudável e sem excesso de pelos.

²¹⁷ Men's Health, nº75, julho de 2012, p. 120.

²¹⁸ Men's Health, nº75, julho de 2012, p. 120.

²¹⁹ Men's Health, nº 78, outubro de 2012, p. 91

Esse discurso de vaidade estimula aos leitores a alcançarem padrões de comportamento voltados para um estilo de vida, no qual a vaidade e o estar em moda são itens fundamentais do consumo e constituição da masculinidade moderna. Um desses elementos refere-se ao modo de vestir:

Relax! 125 ideias para se destacar na temporada da sedução! Aqui estão as peças mais confortáveis das principais tendências da vez – safári, náutico, havaiano, étnico, militar e praia vintage.²²⁰

Entre no linho! De uma maneira dispendiosa, roupas de linho deixam você alinhado para qualquer ocasião no verão. Elegância as 4 peças que vão fazer a diferença no seus look.²²¹

Percebe-se, nesses escritos, uma classificação do vestuário como universo de valores masculinos. Note-se que ao dissertar sobre as peças de roupas, as reportagens não destacaram a funcionalidade ou a praticidade das peças, mas dos sentimentos positivos que as mesmas irão causar nos proprietários, principalmente o destaque que os indivíduos ao vestirem-se nos conformes da moda irão receber na conquista amorosa, profissional e social. Logo, no discurso dos editores, o vestuário tem a função de melhorar as imagens dos homens, para que os mesmos alcancem “padrões” de um estilo de vida tido como moderno e atraente. Veja-se a figura:

²²⁰ *Men's Health*, nº 79, novembro de 2012, p. 114.

²²¹ *Men's Health*, nº 68, dezembro de 2011, p. 132

pedagógico que associa os trajes aos benefícios das imagens dos indivíduos. Por isso, a revista orienta aos leitores sobre a importância que o vestuário tem na construção de uma masculinidade bem aceita, alertando aos leitores sobre como uma simples calça pode causar problemas:

Saída do mundo do rock, a proposta é ficar cada vez mais justa. A calça skinny é sempre uma boa pedida para quem é magro e está em forma – desde que não tenha pernas grossas. Alguns roqueiros usam e usavam-na dobrada para cima (vire apenas uma vez). Mas, se preferir, deixe um pouco enrugada para dar volume e charme na peça. Afinal, uma skinny lisa é **feminina pacas** – o enrugado dá um toque roque and roll.²²²

Desse modo, o vestuário é entendido como ideal de que viabiliza vários benefícios sociais, tais como mais chances de sucessos profissionais e amorosos. Logo, vestir-se em moda é uma postura política, na qual o correto é usar trajes específicos ao gênero, peças que não coloquem em dúvida a imagem masculina, que de forma direta deve refletir confiança, dominação e heterossexualidade. Sendo assim, os leitores não são incentivados a uma postura meramente consumista, mas são motivados a construir imagens que demarquem o poder masculino.

Além do vestuário, a revista orienta os leitores sobre os cuidados com a pele, para prolongar as imagens sem sinais expressivos da idade:

Seja como um bom vinho. Nós da MH, ainda não descobrimos como parar o tempo. Mas, com as ferramentas certas, dá para driblar alguns efeitos ou aprender a conviver com eles numa boa mudança [...] Aos 20 anos. Seu maior problema é a oleosidade. Use um produto de limpeza mais adstringente para evitar espinhas. Mas, não exagere na dose para não estimular o efeito rebote – quando a pele fica ressecada e passa a compensar. Se quiser começar a prevenir sinais da idade, aposte em anti-idade leve e com antioxidantes. Esses ativos combatem os radicais livres responsáveis pelo envelhecimento precoce da pele. Aos 30 anos. Pequenos sinais começam a aparecer, principalmente ao redor dos olhos. Está na hora de escolher um produto (leve) para usar de manhã e à noite que estimule a síntese de colágeno [...] Aos 40 anos. Comece a investir mais nos anti-idades. Você precisa combater radicais livres e também estimular a produção de colágeno ao mesmo tempo. E tenha disciplina para usar manhã e à noite. Se ainda não tem um dermatologista parceiro, está na hora. É como no treino – com o acompanhamento de quem entende do assunto, os resultados vêm muito mais rápido²²³

²²² Men's Health, nº 65, janeiro de 2011, p. 129. Grifo nosso.

²²³ Men's Health, nº 72, abril de 2012, p. 78-79.

O indivíduo é, assim, aconselhado a vários esforços para conquistar a saúde e bem estar do corpo, prolongando o ar de juventude e dissolvendo a velhice, um dos grandes medos da sociedade contemporânea.

E se você não envelhecesse?

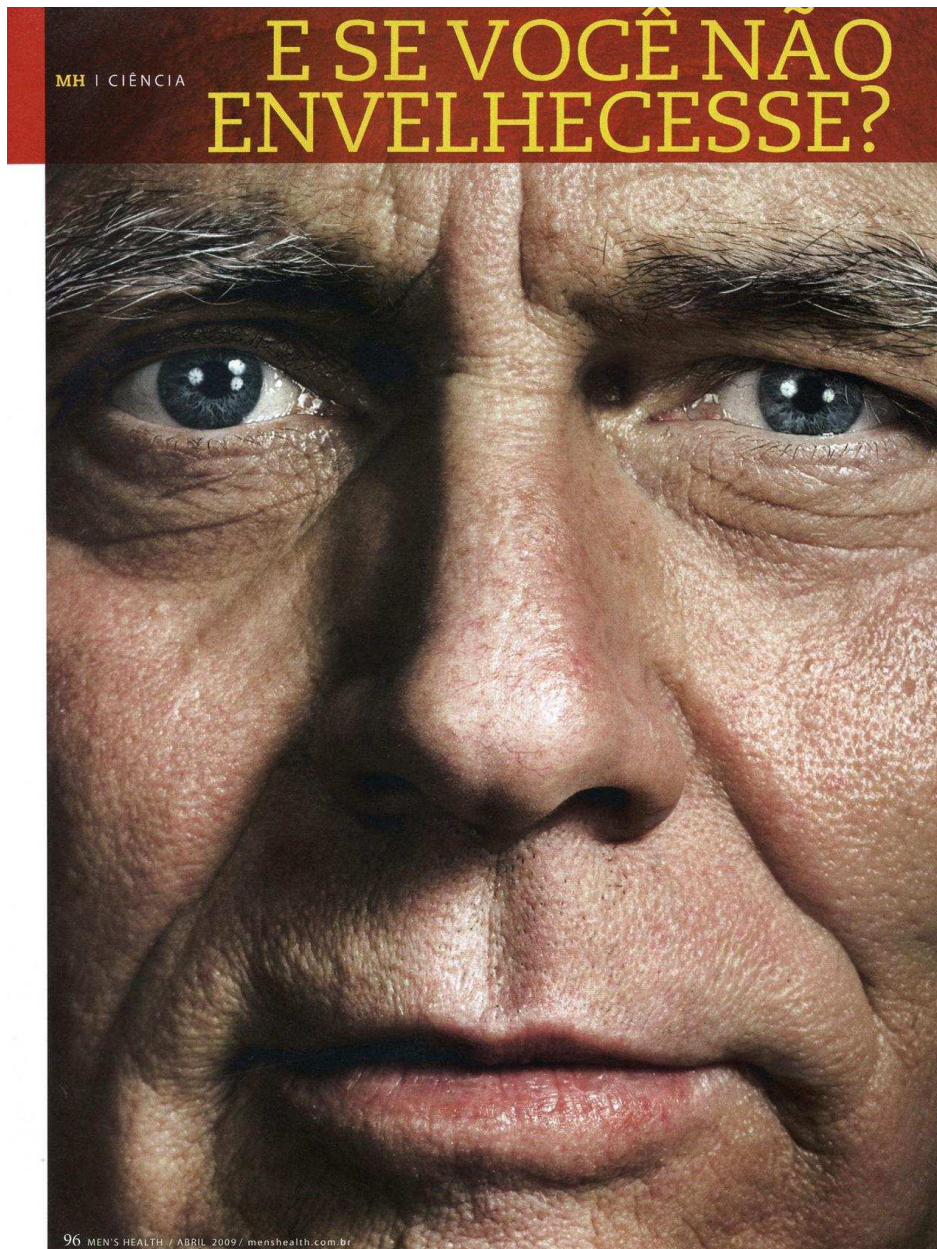


Figura 11. Men's Health Ciência

Fonte: *Men's Health* (nº 36, junho de 2009, p. 91).

A imagem publicada na edição de número 36 da revista *Men's Health* (figura 13) refere-se ao processo biológico lento de modificação progressiva e irreversível relacionado ao cessamento das atividades bioquímicas de reproduções das células somáticas do corpo chamado de envelhecimento.²²⁴

As consequências físicas estão associadas à perda da velocidade, raciocínio, visão, paladar, massa muscular e dos aspectos estéticos da pele, com o surgimento de rugas e manchas. Sinais dos anos percebidos socialmente por estigmas negativos, como doença, precariedade, fracasso e indisciplina do indivíduo que, segundo os discursos médicos e do marketing, devem preservar ao máximo a juventude, através de cuidados com a alimentação, agilidade física e do raciocínio, para retardar e esconder os sinais cronológicos e, assim, “viver a melhor idade” numa sociedade que trata o envelhecimento enquanto fatalidade ao corpo.²²⁵ Esses valores são visíveis no seguinte discurso:

Vença a força do tempo. Eis os mais novos segredos da ciência para você ganhar juventude com o passar dos anos. Não é só as mulheres que entram em conflitos com o envelhecimento pelo que vê no espelho. Exemplo: os truques de penteado de Donald Trump, apresentador da versão americana do programa o Aprendiz, que foi um sucesso para esconder fios ralos no cocuruto são fontes de humor na mídia americana. O jogador de basquete LeBron James, que defende o Miami Heat na NBA, nos Estados Unidos, já lamentou no Twiter o aumento das entradas na cabeça.²²⁶

O processo histórico que veio desencadear esses valores da juventude encontra suas origens no desenvolvimento urbano dos Estados Unidos após a guerra civil, que ocorreu entre 1861 e 1865. Nesse momento, devido à modernização, foi possível instaurar-se a chamada “cultura do corpo”, baseada na autodisciplina, vida mais saudável, menos sedentarismo e competição. Nova maneira de conceber a corporalidade, que teve por base moral os valores religiosos protestantes, especialmente dos calvinistas, que após serem perseguidos pelas políticas do governo da Rainha Isabel (1750) deixaram a Inglaterra para povoarem o norte da América, espaço que se tornou

²²⁴BRASIL. Envelhecendo em um Brasil mais Velho: Implicações do Envelhecimento Populacional sobre Crescimento Econômico, Redução da Pobreza, Finanças Públicas, Prestação de Serviços. Brasília, 2011.

²²⁵SANT'ANA, D. B. de. (org.). Política do corpo: elementos para a história das práticas corporais. Trad. Mariluce Moura. São Paulo: Libertade, 1995.

²²⁶*Men's Health*, 2012, nº 80, Editora Abril, Fevereiro, p. 56.

propício para o pensamento crítico dos dogmas católicos e desenvolvimento da ética puritana, baseada no êxito econômico como bênçãos de Deus, isto é, a racionalidade da organização do trabalho como forma de conquistar riquezas.²²⁷

Segundo Weber, as convicções religiosas desses puritanos influenciaram a conduta humana no moderno sistema econômico capitalista, por conceber enquanto graças divinas a acumulação de capital e o lucro advindos do trabalho. O que contribuiu para a disciplina do corpo enquanto força motriz para um sistema de massa baseada no progresso, individualismo e educação moral de vida pessoal e familiar rígida dedicada ao trabalho enquanto vontade de Deus, cujas recompensas propiciam o consumo e o acúmulo de bens.²²⁸

Por meio desses valores religiosos, o corpo disciplinado para o trabalho passou a envolver uma busca individual para alcançar a purificação do espírito. Ao lado desses, os discursos médicos ganharam visibilidade para legitimá-lo a partir da ideia que qualquer intervenção cirúrgica pode ser feita para desenvolver a saúde e o prazer. Atividades físicas regulares e cuidados na alimentação também passaram a serem recomendados enquanto medidas de saúde, necessárias para prolongar a força do corpo para o trabalho:

Escolha a atividade física ideal para você e tenha um corpo forte e saudável após os 40 anos. Sim, você sabe cuidar do corpo e a importância que isso tem para sua saúde. O que esta reportagem pretende é que você, tendo menos ou mais de 40, fique no seu bem-estar na maturidade. A partir da meia-idade (dos 40 anos 60 anos), o homem começa a sofrer com perda muscular, força e resistência física, o aumento da gordura corporal e a queda do nível hormonal (principalmente de testosterona). Tudo isso, aliado a má alimentação e estresse, aumenta o risco de você contrair doenças cardiovasculares, câncer, depressão, osteoporose, obesidade, diabetes. E uma das melhores formas de combater todos esses males é a prática de atividades físicas.²²⁹

Nesta sociedade, baseada em valores comerciais, morais, religiosos e científicos do corpo enquanto instrumento de trabalho, racionalidades e lucros, é que ter formas físicas jovens, ou seja, o corpo apto para o trabalho industrial, passou a ser significado enquanto sinônimo de beleza, sedução e vitalidade. Preservar o máximo essas

²²⁷ Ibid.

²²⁸ WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

²²⁹ *Men's Health*, 2012, nº 80, Editora Abril, Dezembro p. 80.

características passou a ser visto enquanto meio de conquistar a saúde e o bem estar necessários para desfrutar de um envelhecimento saudável. Por isso, negar e/ou minimizar seus efeitos negativos, são tratados enquanto esforços individuais para dissolver os sinais de velhice, que devem ser escondidos, principalmente dos outros, para não se incorrer em riscos de rejeições sociais.²³⁰ Discursos que aparecem com frequências a partir de conselhos divulgados na revista, como o a seguir:

Viva (Quase) para sempre. Onze estratégias – cinco vinhos – para você ganhar longevidade. Nossa fonte da juventude: os sujeitos que veem dando rasteira na senhora foice há 90 anos ou mais. Viver mais tempo e com qualidade é fácil: desde já beba bons tintos, tire sonecas, saia mais com os amigos invista em viagens e estude alguma coisa.²³¹

Conquistar a saúde e o bem estar implica, assim, em esforços para dissolver o envelhecimento biológico. O que gera consequências psicológicas, como o medo de envelhecer, que é uma realidade inevitável, mas tratado como fatalidade. Por isso, esconder esses sinais da idade, como rugas, envelhecimento da pele, diminuição da elasticidade, viço, são alvos do autocuidado para negar a morte simbólica.

Penso! Logo emagreço!

Na atualidade, um dos dilemas corporais enfrentados pelos homens refere-se ao ganho de peso excessivo. Fato tratado socialmente como indisciplina e falta de força de vontade, como mostra o relato do leitor Alexandre D'Aquino, empresário de 39 anos, 1,85 m de altura e 87 kg. Ele assegura que estava pesando 104 kg devido a uma mistura de indisciplina alimentar com atividades físicas sem foco. Mas, ao ser rejeitado nas práticas de Kitesurfing pelo sobrepeso tomou consciência das limitações impostas pela sociedade as suas formas físicas. Foi então que resolveu mudar. Para isso encontrou nas páginas da *Men's Health* e nas orientações de um profissional da Educação física inspirações para eliminar da sua alimentação frituras, doces e refrigerantes, além de reservar na sua agenda um horário para malhar na academia pelo menos três dias na semana. O resultado foi à perda de 17 quilos em apenas dois meses.²³²

²³⁰ WOLF, N. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

²³¹ *Men's Health*. 2011. n° 67, Editora Abril, Novembro, p. 58.

²³² *Men's Health*. 2007. n° 13, Editora Abril, Maio, p. 32.

O analista de sistema Tadeu Aparecido, de 28 anos e 1,87 m de altura, vivenciou uma experiência semelhante de confronto com o próprio corpo, conta que “depois de uma ida ao Shopping, me olhei no espelho e percebi como eu realmente estava gordo”. Ao admitir estar com excesso de peso tomou atitude de mudar sua imagem. Para isso deixou a casa dos pais e passou a se dedicar a atividades físicas. Com isso, em apenas dois meses perdeu dois quilos. Como os resultados ainda não eram satisfatórios resolveu seguir as orientações da revista *Men's Health* de diminuir a alimentação, substituir alimentos industriais por outros integrais e mais leves, incorporar verduras, legumes e água ao cardápio diário. Seguindo esses conselhos, em apenas uma semana perdeu três quilos, até que chegou a menos 20 quilos. Alcançou, assim, uma imagem positiva de si: “Estou muito feliz com meu corpo. E o melhor é que isso reflete na minha vida pessoal, profissional e social”.²³³

Já Cristiano Vasconcelos, advoga de 42 anos, 1,75 m de altura e 93 kg, por sua vez, conta que após o casamento engordou ao ponto de parar no hospital. Antes de se casar, ele jogava futebol todos os dias, praticava e atividades físicas regulares. Após o casamento teve que aumentar o ritmo do trabalho, para garantir o sustento da mulher e dos filhos. Não teve mais tempo para dedicar-se aos cuidados de si. Além disso, passou a comer mais, porque “minha ex-mulher é descendente de italianos. Se você não come tudo, faz uma desfeita”. O resultado disso foi: “Perdi o controle: Só pensava em trabalhar, comia muito mal e fumava três maços de cigarros por dia. Quase dobrei de tamanho”. Foi só com o divórcio e a distância dos filhos que mudou seus hábitos alimentares e começou a caminhar. Cortou os exageros na alimentação, incluiu frutas e verduras e passou a pedalar na bicicleta entre oito e dez quilômetros todos os dias. No começo ele afirma que foi “muito ridicularizado, mas usei isso como combustível”. Após três anos perdeu 50 quilos, “quem me encontra acha que eu fiz a cirurgia de redução de estômago. Mas a verdade é que ressuscitei”.²³⁴

Esses depoimentos mostram que são os indivíduos que optam por modificarem suas formas físicas. As razões são diversas, mas sempre relacionadas a eventos específicos de consciência de seus corpos enquanto “negativos” e “distorcidos” dentro de padrões culturais dominantes.

²³³ *Men's Health*. 2008, n° 24, Editora Abril, Abril, p. 22.

²³⁴ *Men's Health*. 2008, n° 25, Editora Abril, Abril, p. 32.

Entre os leitores que narram suas trajetórias em busca de corpos parecidos com os dos modelos da capa da revista está Antônio Sinderlê, de 1,70 m de altura. Ele narrou que aos 29 anos estava pesando 105 kg; isso fez com que ele vivesse o momento mais angustiante de sua vida: “em casa, com a esposa, eu também ficava sem graça com aquela minha barriga caída”, diz o leitor. Isto era resultado da vida de indisciplina que ele levava, pois, “no tempo livre, eu jogava videogame sentado no sofá”, “no almoço, lotava o prato sem critério. No jantar x-tudo”.²³⁵

O homem “gordo” é visto pela revista como alguém descomprometido, alguém que não está preocupado com a saúde, pois a revista entende que ser gordo é uma questão de escolha, já que, através do controle e autocontrole é possível se enquadrar nos padrões corporais aceitáveis. Nesta lógica, o homem é responsável por conquistar um corpo magro e forte. Basta que os indivíduos criem estratégias para internalizar um padrão de corpo, como fez o leitor Antônio Sinderlê, que enfatizou, em sua narrativa, os muitos esforços em termos de atividades físicas e adequações alimentares para se enquadrar à aparência da revista: “quando o personal me apresentou a *Men’s Health*, eu disse que sairia nela um dia: não podia deixar a peteca cair.”²³⁶

Já o advogado paulista Francisco Verrone, 28 anos, 1,73 m, 64 kg, relatou que o peso de 90 kg o incomodava, fazia o sentir-se “doente”, pois “subir alguns lances de escada já me deixava ofegante”. Por isso, “resolvi consultar um médico”, que atestou que a imagem refletia os altos níveis de colesterol e triglicérides. Temendo, portanto, pela saúde física o mesmo decidiu emagrecer. Para isso, ele procurou uma nutricionista, que o ajudou “[...] a ter uma alimentação mais regrada, sem passar vontade”, a partir de concelhos para “[...] evitar fritura e limitar a quantidade de doces e bebidas alcoólicas”. Ele também passou a praticar exercícios aeróbicos: “no início, corria dois minutos e caminhava quatro, até completar 20 minutos”; “aos poucos aumentei o tempo que corria até 5 km sem andar”. O resultado foi que ele perdeu 26 quilos em um ano, numa conquista na qual “só vontade não basta para ter qualidade de vida. É preciso dedicação e esforços”. Além disso, o leitor enfatizou a importância dos personagens que dividia os cenários cotidianos nessa mudança de aparência física: “a mudança de hábitos de minha namorada contribuiu bastante para eu alcançar meu objetivo”.²³⁷

²³⁵ *Men’s Health*, 2012, nº 71, p. 31.

²³⁶ *Men’s Health*, 2012, nº 71, p. 31.

²³⁷ *Men’s Health*, 2013, nº 82, p. 19.

Podemos perceber que, no estatuto de masculinidade da *Men's Health*, os indivíduos são medidos por um corpo que tem de ser “magro, ágil e musculoso”.²³⁸ Estas são as condições para que os leitores sejam reconhecidos como semelhantes aos modelos da revista, como se o que mais interessasse nos homens fosse o tamanho dos músculos. Essa “cultura do corpo é uma das formas essenciais de compromisso estabelecido pela ética puritana com as necessidades de uma sociedade de consumo de massa”.²³⁹

Isso, também, fica evidente na narrativa de Guilherme Casais de Oliveira, mineiro de Belo Horizonte, 30 anos, 1,76 m de altura, 78 kg, que fez “[...] faculdade de educação física, mas só cuidava do corpo dos outros, não importava com o meu”. Mesmo consciente dos alimentos “adequados” para manter a “saúde”, sua alimentação diária era composta por doces em abundâncias, frituras e massas, “saía do trabalho com tanta fome que uma lata de leite condensado era pouca”. O resultado foi que o personal trainer se sentia acima do peso e doente, “ficava resfriado à toa”. Por isso, ele procurou mudar seu cotidiano: “a determinação para mudar teve que vir de mim, não servia os outros falarem”. Consciente que sua imagem era socialmente vista como descuido e doença, Oliveira procurou mudar sua alimentação, passou a comer fast food com menor frequência e tratou de cuidar da alimentação dos pais, “[...] sempre apresento a eles as opções mais saudáveis na cozinha”. Além da alimentação para “restabelecer” a saúde, perder peso e aumentar a massa muscular, o leitor passou a se dedicar a uma série de exercícios físicos, “fazia spinning diariamente e mudava o treino toda semana para manter a queima calórica alta”. Com isso, entre janeiro e outubro de 2010, ele passou de 98 kg para 78 kg.²⁴⁰

Renan Silva, paulista, 28 anos, 1.80 m de altura, 74kg, por sua vez, narrou que quando chegou aos 120 kg levou um susto quando subiu na balança. Foi então que resolveu mudar e decidiu que “[...] em dezembro iria me ver magro pela primeira vez”. Para isso, ele mudou a alimentação, optando por alimentos integrais, passou a comer a cada três horas e evitar os fast foods. Sua estratégia foi preparar em casa seus lanches e refeições e levar na mochila. Além de regular a alimentação, ele passou a fazer atividades físicas na esteira, “minha meta era completar 5 km sem caminhar, não

²³⁸ *Men's Health*, 2009, nº 41, p. 1.

²³⁹ SANT'ANA, D.B. de. 1995. Política do corpo: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo, Estação Liberdade, p. 102.

²⁴⁰ *Men's Health*, 2012, p. 34.

importava o tempo”, “meu objetivo agora é correr uma meia-maratona (21 km) até o meio do ano que vem”. Somava-se a essa rotina as práticas de musculação e “[...] treinos funcionais para fortalecer o abdome e evitar a flacidez”.²⁴¹

Já o leitor Renato, de 37 anos, 1,81 m de altura, 85 kg, expõe como o nascimento da filha Ágata o levou a uma percepção negativa do corpo. Com isso, ele afastou-se do meio social, vivia em uma tristeza profunda, não conseguia nem trabalho, porque não se encaixava no padrão físico masculino aceito. Até que tomou consciência e procurou suplantar sua imagem de 110 quilos:

Eu precisava ganhar dinheiro, e ficar outro dia em casa saíria caro. Tinha que cuidar de mim e de minha imagem [...] minha esposa e a *Men's Health* foram essenciais: me incentivaram muito [...] fazia esteira e/ou elíptico – totalizando uma hora de aeróbica – e musculação na sequência, isso quatro vezes por semana [...] com a mudança no corpo, consegui voltar a trabalhar de cabeça erguida.²⁴²

Outro leitor que narrou sua história na revista foi Daniel Takara Gomes, de 30 anos, 1,80 m de altura, 84 kg que aponta os dilemas de alteração da sua imagem por causa de alguns eventos externos. O leitor diz: “Sempre fui magro, fiz esporte, competi em natação.” Mas após se formar em estatística e entrar no mercado de trabalho, “[...] faltou tempo para exercitar”. Com isso, ele se tornou motivo de piada dos amigos, que ironizavam sua aparência posicionando-o como inferior. Para retornar à imagem anterior, ele fez o seguinte trajeto:

Incrementei minhas séries com dicas, por exemplo, da reportagem A nova cara da flexão (*Men's Health* abril 2007) [...] três refeições maiores e três lanches – com bolacha integral, fruta, sementes oleaginosas [...] antes da comida eu comia muito chocolate diariamente. Mudei para só um tablete ao dia e do tipo amargo (rico em antioxidante). Junto, tomo suco para saciar a vontade [...] não cortei nada da alimentação.²⁴³

Como esse leitor, muitos outros começaram seus depoimentos relembando momentos passados, quando tinham imagens socialmente aceitas, mas determinados fatos em suas vidas alteraram esse físico, desencadeando problemas em seus relacionamentos com os corpos, criando neles sentimentos de rejeições, por serem

²⁴¹ *Men's Health*, 2012, nº 78, p. 30.

²⁴² *Men's Health*, 2012, nº 69, p. 22.

²⁴³ *Men's Health*, 2011, nº 65, p. 40.

motivos de piadas de amigos e familiares. Por isso, eles travaram uma batalha para reconquistar o físico de antes. Nessa dinâmica, a revista demarca dois espaços: os que são detentores de um corpo magro, definidos e musculosos como aceitos, enquanto os indivíduos que não apresentam essa imagem são vistos como fracassados.

Podemos mapear essa questão na narrativa do funcionário público Afonso Júnior, de 26 anos, 1,74 m e 77 kg. Ele relatou que praticava esporte, principalmente o jiu-jítsu, mas ia para encontrar amigos e se divertir. Se sentisse preguiça, ele faltava. Ele também não regulava a alimentação, “comia sem pensar. Refri, açúcar, fritura”. O resultado não foi outro, ele chegou a pesar 97 kg. Com isso, sua imagem não era aceita no cotidiano, pois, como ele sempre foi magro, as pessoas não o reconheciam quando o encontrava. Por ter sua imagem “reprovada” socialmente, o leitor mudou sua rotina, passou a praticar musculação três vezes por semana, em dois grupos musculares por dia, além de treino aeróbico nos outros dois dias. Ele também mudou a alimentação, passou a fazer cinco refeições diárias e tirou do cardápio o açúcar e a gordura. O resultado desse conjunto de esforços foi a perda de 20 kg. Diante das mudanças, afirma que quem o viu gordo se choca. Por isso, enfatizou que “o segredo é saber que não tem segredo”.²⁴⁴

Os valores e signos disseminados pela revista *Men's Health*, evidenciam o quanto em nossa cultura há um controle das imagens. Os que não se adequam aos padrões são colocados de lado; por isso, os leitores aceitam os valores estéticos e se submetem aos mesmos, pois querem, nas relações com os outros, serem percebidos como bons ou iguais. De fato, a revista estabelece uma imagem de masculino a ser seguido (figura 6), mas o árbitro desta moral é o próprio leitor, que pode aderir a essas imagens ou reprimi-las, transformando esses modelos em inimigos a serem combatidos. Diante da coerção que há na imposição desses ícones de beleza questiona-se: Por que as pessoas se inclinam diante dessas imagens corporais?

Podemos compreender as atitudes desses homens quando analisamos suas falas dentro de um plano cultural. A imagem é, em certo sentido, um meio de impor o controle sobre eles, de silenciá-los, porque elas estão associadas a valores de vida, de felicidade e de saúde. Por meio delas podemos perceber a capilaridade do poder nas várias dimensões da vida social. Um poder que é simbólico, que “[...] é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já

²⁴⁴*Men's Health*, 2012, nº 73, p. 44.

existem”.²⁴⁵ Assim, a aparência revela o grau de sucesso de seu “proprietário”; por isso, a melhor forma de ser aceito socialmente é manter-se dentro dos conformes dos tipos ideais, já que aquele que não se enquadra aos esquemas corporais muitas vezes se sente rejeitados dos grupos sociais.

Magro é seu passado!

Tendo em vista que a revista apresenta imagens que aparentemente podem ser alcançadas, muitos são os homens que se tornam “obcecados” pela forma física. Eles aceitam ser constantemente medidos, verificando o quanto sobra e o quanto falta de componente estético para serem socialmente aceitos em seus grupos de referência: trabalho, família, amigos e amores. Exemplo disso é Rogério Bruglia, de 30 anos, 1,77 m de altura, 76 kg, que passou a adolescência toda sem se preocupar com a aparência e: “vivia em simbiose com o videogame.” Ele era magrelo e não se importava, mas chegou o momento em que sua imagem foi reprovada socialmente. Ele narra: “Meu corpo franzino me deixava sem moral com as garotas [...] quando uma garota tocou meu ombro ela disse ‘nossa, parece esqueleto!’”. Sofrendo por não ter sua imagem aceita, a solução do leitor foi se silenciar, para não ser tachado de figura anormal, e tornar-se obcecado por alcançar o corpo socialmente valorizado:

Vi um monte de gente forte e eu, magrelo, desanimei [...] Aí, passei a me informar sobre resultados do treino e conhecimento, banquei a persistência [...] lia muito a revista inglesa. Com o lançamento da brasileira, em 2006, peguei firme [...] ia malhar seis ou sete dias por semana [...] prezo pelo equilíbrio [...] no supermercado comecei a olhar a tabela nutricional dos produtos. Aquelas com muita gordura, e/ou muito sódio, deixava lá [...] equilíbrio é fundamental à saúde física, mental e à beleza [...] me sinto saudável e bonito.²⁴⁶

Pode-se observar que a beleza do corpo é associada, pelo leitor, à saúde, e que ele está aberto à conquista do ideal corpóreo. Por isso, negar os modelos *Men's Health*, tão atraentes, é quase uma insuficiência moral e é visto como uma falta de disciplina, já que os argumentos da revista afirmam que ser bonito não é só uma vaidade, é também uma questão de saúde.

²⁴⁵BOURDIEU, P. 1990. Coisas ditas. São Paulo, Brasiliense, p. 167.

²⁴⁶*Men's Health*, nº 70, p. 22.

Como se percebe, a revista *Men's Health* tem certa reprovação não só aos homens gordos, como também os “magros”. Ela os critica por não aceitarem os conselhos que são oferecidos para terem músculos excessivos. Foi o que narrou Bruno Ryu Fujimoto, de 20 anos, 1,70 m, 63 kg. Segundo o leitor, ele era visto como doente, até pelos seus familiares, que lhe falavam: “meu filho, como esse braço está magrinho! Você deve estar com anemia.” Por ser tratado como doente, ele tomou a atitude de mudar sua imagem:

Pensei: se eu, um ectomorfo (pessoa que se esforça para ganhar peso muscular), enfrentar o desafio no inverno, nada mais impedirá essa transformação [...] passei a fazer seis refeições diárias, cheias de carboidratos, proteínas e fibras [...] tudo melhorou: a postura, o pique e a autoconfiança.²⁴⁷

Já Francisco Rafael Almeida, de 28 anos, 1,80 m e 76 kg, também se sentia magro. Ele narra que entrou na academia, mas só ia uma vez por semana. Com isso, aos 22 anos chegou a ficar desgostoso com a imagem franzina. Ele relata que ao comprar a segunda edição, ele já havia se tornado assinante da revista que o ajudou a melhorar a vida e a ganhar 10 kg de massa. Na percepção do leitor, “entrar em forma é reconhecer o valor da própria vida”.

Ganhei músculos e perdi as piadas sobre minhas costelas aparecendo [...] eu transformei num hábito sem férias; se não dá para ir à academia, adapto os exercícios [...] com a M. H. aprendi a variar exercícios, o que estimula [...] sabia que me empanturrar de pizza sempre não fazia bem [...] a M. H. me ensinou a montar o prato na hora certa [...] agora, por exemplo, consumo carboidrato antes e durante o treino. No final, só proteína [...] lendo a M. H. vi jeito de surpreender a mulher e manter o casamento muito bem [...] é ok sair da dieta de vez em quando.²⁴⁸

Já o gerente de compras Rafael Augusto Pereira, 29 anos, 1,81 m, 85 kg, contou que tinha uma performance franzina, com 61 kg. Isso porque ele “fazia só duas refeições ao dia”. Mas, ele não ligava para a aparência do corpo, até que nasceu a filha Clara. Nesta ocasião ele observou que sua esposa que sempre se cuidou, no pós-parto, pegou mais firme e “ficou um mulherão”. Isso contribuiu para que ele comprovasse que aos 27 anos ele não podia continuar magrelo. Por isso, ele procurou mudar sua imagem,

²⁴⁷*Men's Health* 2009, nº 37, p. 30.

²⁴⁸*Men's Health*, 2011, nº 68, p. 40.

construindo um corpo musculoso. Inicialmente, ele tentou comer mais, porém sentia ânsia, o que o levou a pensar que estava com alguma doença. Quando o médico confirmou que ele não estava doente, ele se esforçou para mudar e passou a fazer sete refeições diárias, incorporando suplementos de carboidratos e proteínas à alimentação, que passou de 900 a 4.400 kcal. Além disso, passou a praticar musculação. No início, sentia vergonha de pegar pouco peso na academia, mesmo assim, malhava de segunda a sexta, “se não dava para ir à academia, me inspirava na MH e me exercitava em casa, na praia, etc”. Com isso, ele conquistou 24 kg de músculo, sentindo-se realizado: “fiquei mais estiloso, até a relação com a mulher melhorou!”.²⁴⁹

Podemos observar, portanto, que dedicar-se à busca por um corpo parecido com as estampas da revista é uma tarefa árdua, uma educação dos homens, que são aconselhados a apagarem corpos “magros” ou “gordos” e se devotarem aos modelos da capa. Eles só transformam suas anatomias porque não são socialmente aceitos. Isso evidencia que os corpos não pertencem ao indivíduo, mas são de domínio social, que tratam as representações como formas de ação de uns sobre os outros.

²⁴⁹*Men's Health*, 2012, nº 72, p. 34.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando-se ao fim dessa reflexão cabe tecer algumas considerações acerca de nossa proposta de pesquisa, que foi, pois, a de discorrer sobre algumas das representações dos corpos masculinos presentes nas edições da revista *Men's Health*, que como destacamos são instrumentos de comunicações sociais, além, é claro, de mecanismos culturais hegemônicos que agem como dominações simbólicas. Esta impõe um conjunto de atos repetidos, invariáveis nas práticas sociais, com capacidade de formalizar rituais e costumes, que obrigam aos sujeitos a formarem novas redes de convenções disciplinares e rotinas na busca da estilização de seus corpos conforme os parâmetros dominantes de beleza.

Para entendermos os sentidos aos discursos dos editores da revista, cabe destacarmos os três tipos de dominação definidas por Max Weber, em clássico trabalho intitulado *Economia e Sociedade*: 1. A dominação legal que corresponde ao poder exercido através de regras sancionadas, o que assegura a autoridade de formas legais de exercícios de poder, como, por exemplo, na administração burocrática. 2. A dominação tradicional, por outro lado, é construída por relações de fidelidade e lealdade, como no sistema patriarcal, em que supostamente há reações de solidariedades entre senhor e prole. 3. Por fim, a dominação carismática corresponde à devoção afetiva ao dominador, que por sua vez, usa de racionalidade para criar e manifestar como legítimas suas formas de pensar. O carisma pessoal do dominador expressa um estilo arquitetônico de expressar-se na tentativa de estruturar as relações de modo artificial, sendo ele as referências dos costumes e das inovações do meio social.

Dentro dessa visão, portanto, entende-se o discurso *Men's Health* enquanto uma forma de dominação carismática, que se justifica pela existência do caráter exemplar que age coletivamente a partir de imagens e narrativas divulgadas nas edições enquanto ideias que afirma o corpo alter ego enquanto investimento a ser empreendido pelo sujeito para alcançar e garantir benefícios, materiais e simbólicos.

Desse modo, as ações coercitivas dessas representações operam sobre o corpo masculino, como se este fosse um espaço vazio, possível de terem as formas alteradas

conforme os significados construídos pelas relações visuais táteis dos indivíduos com a revista, o que gera uma constante busca por tornar reais as imagens corporais virtuais.

As imagens veiculadas nas capas da *Men's Health* procuram afirmar enquanto realidade psíquica e social a imagem do corpo masculino em forma de V, ou seja, tórax mais largo que a cintura, enquanto espaço de inteligibilidade, regulação e legitimação da identidade de gênero masculino. Como demonstrado ao longo da redação da revista, é pela força ilusionária de beleza, saúde e sucesso que revestem esse modelo corporal, que muitos receptores seguem os concelhos publicados nas edições da revista nos cuidados com a alimentação, exercícios físicos regulares e com a beleza, o que exigem muita dedicação na busca desse corpo fitness, uma performance que evidencia massa muscular bem considerável, músculos desenvolvidos e aparentes, mas sem exageros.

Nas entrevistas realizadas por essa pesquisa pode-se constatar que essa imagem corporal é extremamente valorizada no grupo de leitores, que atribuem a essas formas dois tipos de vantagens: Primeira, maiores chances de serem bem sucedidos financeiramente e amorosamente, pois acreditam que chamam a atenção da mulherada em vários locais, e por demonstrar saúde, está mais propensa à contratação de empresas, além de serem agradáveis visualmente no ambiente de trabalho, como afirma um de nossos entrevistados “todo mundo gosta de trabalhar com pessoas bonitas”.²⁵⁰ Já a outra vantagem apontada pelo grupo é a segurança emocional que esses corpos produzem. Por isso, da amostra de 19 leitores 18 deles revelaram que gostariam de parecer ou superar os modelos das capas da revista *Men's Health*. Apenas um dos entrevistados revelou que seu objetivo era ficar monstro igual o Huck”.²⁵¹

Tudo indica, portanto, que hoje em dia esse corpo fitness torna-se símbolo de identidade masculina, com isso, sua circulação através das mídias o torna ainda mais inteligível nas práticas sociais, ocupando lugar ontológico, ou seja, de regulação das instancias culturais sobre os corpos, visto que pelos discursos sociais impõe-se modelos que legitimam e normatizam as relações de gênero.

Também cabe ressaltar, que para assemelhar-se a esses padrões postos como indenitários dos homens, muitos modificam a rotina, numa racionalidade de atos que

²⁵⁰ Entrevistado 10: Contador, 32 anos, 1,60 m de altura e 68 kg Data: 10/9/2013

²⁵¹ Entrevistado 8: Engenheiro Agrônomo, 29 anos, 1,77 m de altura e 86 kg Data: 19/8/2013. Embora essa assertiva fosse bem interessante, não exploramos os sentidos da busca por esse tipo de corpo, por fugir dos objetivos desta pesquisa.

visam benefícios simbólicos. Mas, muitos não se dão conta de neuroses que isso podem gerar, arriscando até mesmo o bem estar físico em nome da aceitação social.

Não nos damos conta disso, mais o poder que os padrões corporais de beleza da revista *Men's Health* está mais presente em nosso cotidiano do que imaginamos. Até mesmo no contexto das pequenas cidades, como Viçosa-MG, temos elementos significativos narrados nas experiências de seus leitores que indicam uma busca incansável pelo corpo fitness. Neste sentido, os entrevistados declaram que gastam cerca de 40 minutos até uma hora e meia do dia em exercícios físicos na academia, consomem em média quatro produtos de suplementos alimentares, alteram a dieta diária, com o corte de açúcares e gorduras e acréscimos de carboidratos. Um de nossos entrevistados declarou que consumia diariamente 18 ovos e três quilos de batata doce, visando moldar sua aparência. É uma verdadeira neurose, como se as pessoas não pudessem ser felizes fora desses padrões corporais, e as pessoas tivessem sempre tendo que estar correndo atrás, na busca de uma identidade masculina pela estilização do corpo pela hipertrofia.

Conseqüentemente, as preocupações masculinas com suas imagens, obviamente, não é uma questão da personalidade, ou simples apêndice da dominação da mídia, mas resulta, em larga medida, da modalidade de afirmação da condição sexual, do modo como cada indivíduo entende e manipula as condições materiais, mentais e culturais que formam o poder político entre os gêneros. Logo, a revista *Men's Health*, pode ser entendida como importante segmento pedagógico de difusão de ideias de um tipo de masculinidade que assimila a condição de identidade aos corpos musculosos.

Cabe ressaltar que essas pedagogias naturalizam a oposição entre homens e mulheres, construindo estereótipos de que os homens pensam “em sexo 1237 vezes por dia”²⁵² e que as mulheres são simples objetos desses de interesses eróticos.

A partir da teoria de Michel Foucault, esse exemplo age como conversão de desejo em identidade determinada pelo sexo, o que revela preconceitos que merecem ser aprofundado nas lutas contra os modelos hegemônicos, não numa busca continua de explicar a dominação masculina, mas, em aclarar o que está por trás de vontade de saber que estruturam os valores sociais dos indivíduos, tornando possíveis as diferenças entre os sexos.

Diante do exposto e do grande volume de nossa documentação, portanto, a investigação realizada permitiu-nos apenas aclarar a importância dessa temática para os

²⁵²*Men's Health*. 2011. nº 67, Editora Abril, novembro, p. 60.

estudos de gênero, “uma opinião que desafia o que é dominante ortodoxo, que é contrária a tradição (literalmente: transgride a doxa). O paradoxo marca sua posição de enfrentamento a tradição, acentuando as diferenças entre ambos”.²⁵³

No entanto, se nosso trabalho teve um ponto de partida, diante do grande volume das investigações a serem realizadas, nos ressentimos em afirmar que não temos um ponto de chegada. Por isso, muitas questões ainda necessitam de aprofundamento de pesquisas para haver políticas de igualdade de gênero nas mídias, entre essas se cita:

- a) Dar voz aos corpos excluídos, problematizando-se como essas representações não atingem a totalidade da sociedade. Mas, se fecham em nichos de poder.
- b) Problematizar-se a vulnerabilidade linguística do corpo *Men's Health*. Visto que esse não é um espaço vazio, mas, especialmente localizado por marcas de linguagem que operam involuntariamente ao indivíduo em seu tempo, agindo e alterando a forma de pensar desses, por meio da relação visual, discursivas e táteis, que tomam historicidade na construção dessas representações.
- c) Aprofundar-se nas questões de classe e raça envolvidas na circulação dessas representações.

Essas questões incluem pesquisas que lidam com forma de intermediação de interesses entre atores, instituições sociais e o Estado. Discussão científica ampla, com múltiplas possibilidades metodológicas, merecem a atenção futura nos debates relacionados aos Cursos de Economia Doméstica.

²⁵³SCOTT, J. A cidadã Paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002, p. 28.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. Escritos sociológicos. Obra completa, 8. Madrid: Akal, 2004.
- ALMEIDA, M.V. de. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- ALVARENGA, M. Transtornos Alimentares. In: Hirschbruch, Márcia Dascal. & Carvalho, Juliana Ribeiro (Org.). Nutrição Esportiva: Uma Visão Prática. Barueri, Sp: Manole, 2002.
- BARROS, F. de. Elegância: como o homem deve se vestir. 3. ed. São Paulo: Negócio, 1997.
- BAUDELAIRE, J. Sobre A Modernidade. São Paulo: Paz E Terra, 1997.
- _____. Da Sedução. São Paulo: Papyrus, 2000.
- BELELI, I. Marcas da diferença da propaganda brasileira. Campinas, SP. Tese de Doutorado: UNICAMP, 2005.
- BENSTOCK, S. & FERRISS, S. Por dentro da moda. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- BERGER, M. Corpo e identidade feminina. São Paulo, SP. Tese de Doutorado: USP, 2006.
- BERNARD, B.. *L'assiette Et Miroir*. Toulouse, Privat, 1997.
- BETTI, M. A Janela De Vidro: Esporte, Televisão E Educação Física. Campinas: Papyrus, 1998.
- BODEI, R. G. De Las Pasiones – Miedo, Esperanza, Felicidad: Filosofía Y Uso Político. México: Fondo De Cultura Económica, 1995.

BOLLON, P. A Moral da Máscara: Merveilleux, Zazous, Dândis, Punks, Etc. Rio De Janeiro: Rocco, 1993.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1986.

Brasil, Império Do Bisturi, Veja, 10/01/2001.

BRAUNE, F. O Surrealismo e a Estética Fotográfica. Rio De Janeiro: 7 Letras, 2000.

BRITO, C. L. C. Consciência Corporal: Repensando A Educação Física. Rio De Janeiro: Sprint, 1996.

BRUNHS, H. T. O corpo contemporâneo. In: BRUNHS, Heloisa T. e GUTIERREZ, GustavoL. (org.). O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAILLOIS, R. Os jogos e os homens *a máscara e a vertigem* Lisboa, Portugal: Cotovia, 1990.

CAMPBELL, C. A ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro : Rocco, 2001.

CÂNDIDO, A. “A família brasielira”. SMITH, Lynn e MARCHANT, MARCHANT, Alexander (ed). Brasil: Potrait of half a continent, N.Y. The Driden Press 291-311 pp. 1951.

CHARTIER, R. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORBAIN, A; COURTINE, J-J, VIGARELLO, G.. História do Corpo. Da Revolução à Grande Guerra. Volume I. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DAOLIO, J.. Da cultura do corpo. Campinas: Papirus, 1995.

DEL PRIORE, M. Corpo a Corpo com a Mulher. São Paulo: Senac, 2000.

ECO, U. Storia della bellezza. S/d.

ELIAS, N. A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. A Sociedade dos Indivíduos. São Paulo: Zahar, 1994.

_____. O processo civilizador. São Paulo: Zahar, S/d.

FERREIRA, A.B. de H. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FICO, C. Além do Golpe: visões e conversões sobre 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FLOCKER, M. O metrossexual – guia de estilo: um manual para o homem moderno. Trad.Santiago Nazarian. São Paulo: Planeta, 2004.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FREYRE, G. Casa Grande e senzala. Rio de Janeiro:José Olympio, 1981.

GARBOGGINI-SIQUEIRA, F. B. O homem no espelho da publicidade: reflexão e refração da imagem masculina em comerciais de TV nos anos 90. São Paulo: ECA/USP, 1990.

GARCIA, W. O corpo contemporâneo: a imagem do metrosssexual no Brasil. Revista Virtual de Humanidades, 2004, 11:1-15.

GARCIA, Z. O homem no Espelho. Revista forbes Brasil, Editora JB AS, edição 82, fevereiro de 2004. Disponível em: <<http://forbesonline.com.br>>. Acesso em 21/05/2010.

GOLDENBERG, M. O corpo como capital. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2007.

HERCULANO, H. S. O cérebro em transformação. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO (IVC). 2007. Disponível em: www.ivcbrasil.org.br. Acesso em: 11/09/2012.

ISTO É. 2009. nº 2092, Editora Abril, 11 de dezembro de 2009.

JOHNSON, A.G. Dicionário de sociologia moderna. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

KOSSOY, B. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH, v. 25, n. 49, jan/jun, 2005.

KOWALSKI, M. Imagem Social do Corpo Esportivo. In. Futebol: a esportivização do brasileiro. Prelo. Parte II. 2008.

LE BRETON, D. 2007. A sociologia do corpo. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. 3ª ed., Campinas: Papyrus, 2008.

LE GOFF, J.; TRUONG, N. História do Corpo na Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEVI, G. Usos da biografia. In: M. de M. FERREIRA; J. AMADO (orgs.), Usos & abusos da História Oral. 5ª ed., Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes, 1976.

LIMA, P. W. (org.). Lipídios e exercícios: aspectos fisiológicos e do treinamento. São Paulo: Phpte Editora, 2009.

MACHADO, A. G; RIBEIRO, P., C., P. Anabolizantes e seus riscos. Adolescência & Saúde, 2004, 4: 20-22.

MACHADO, V. saúde da mulher e a virilidade masculina: imagens de corpo e gênero em anúncios de medicamentos - Florianópolis (1900-1930) <<http://nuevomundo.revues.org/4013?lang=pt>>. Acesso em 13/01/2013.

MALYSSE, S. Em busca dos (H) alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: M. GOLDENBERG (org.), Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MAUSS, M.. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MENESES, U. T. B. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História, 2003, vol.23, n.45, pp. 11-36. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>> Acesso em 14 jul. 2010.

NOVAES, J.V. Ser mulher, ser feia, ser excluída. In: PSICOLOGIA.COM.PT, p. 1-11 . Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0237.pdf>. Acesso em 20/03/2012.

PEDROSA, P. S. R. - "Eugenia: o pesadelo genético do Século XX. Parte I: o início".

MONTFORT Associação Cultural, disponível em: www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=ciencia&artigo=eugenial&lang=bra. Acesso em 13/01/2013.

PERROT, M. As mulheres ou o silêncio na história. São Paulo: EDUSC, 2005.

REPPOLD, C.T.; HUTZ, C.S. 2008. Investigação psicodiagnóstica de adolescentes: Encaminhamentos, queixas e instrumentos utilizados em clínicas-escolas. Avaliação Psicológica, 7(1): p. 85-91.

SANT'ANA, D.B. de (org.). Política do corpo: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTAELLA, L. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, 1995, n. 20(2): 71-100.

TRAVERSA, O. Cuerpos de Papel. Barcelona: Gedisa, 1997.

VIGARELLO, G.. História da Beleza. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WEN, cl. Ambiente computacional de apoio à prática clínica. Faculdade de medicina, USP, 2000.

WOLF, N. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Trad. Waldéa Barcellos. Riode Janeiro: Rocco, 1992.

FONTES PRIMÁRIAS

Men's Health. 2009. n° 36, Editora Abril, abril.

Men's Health. 2009. n° 37, Editora Abril, maio.

Men's Health. 2009. n° 41, Editora Abril, setembro.

Men's Health. 2011. n° 65, Editora Abril, setembro.

Men's Health. 2011. n° 66, Editora Abril, outubro.

Men's Health. 2011. n° 67, Editora Abril, novembro.

Men's Health. 2011. n° 68, Editora Abril, dezembro.

Men's Health. 2012. n° 69, Editora Abril, janeiro.

Men's Health. 2012. n° 70, Editora Abril, fevereiro.

Men's Health. 2012. n° 71, Editora Abril, março.

Men's Health. 2012. n° 72, Editora Abril, abril.

Men's Health. 2012. n° 73, Editora Abril, maio.

Men's Health. 2012. n° 74, Editora Abril, junho.

Men's Health. 2012. n° 75, Editora Abril, julho.

Men's Health. 2012. n° 76, Editora Abril, agosto.

Men's Health. 2012. n° 77, Editora Abril, setembro.

Men's Health. 2012. n° 78, Editora Abril, outubro.

Men's Health. 2012. n° 79, Editora Abril, novembro.

Men's Health. 2012. n° 80, Editora Abril, dezembro.

Men's Health. 2013. n° 81, Editora Abril, janeiro.

Men's Health. 2013. n° 82, Editora Abril, fevereiro.

APÊNDICES

1. Questionário de Entrevista

Qual sua idade atual

Entre 18 e 25 anos (inclusive).

(B) Entre 26 e 33 anos (inclusive).

(C) Entre 34 e 41 anos (inclusive).

(D) Entre 42 e 49 anos (inclusive).

(E) 50 anos ou mais

Como você se considera:

(A) Branco(a).

(B) Pardo(a).

(C) Preto(a).

(D) Amarelo(a).

(E) Indígena.

Qual seu estado civil?

(A) Solteiro(a).

(B) Casado(a) / mora com um(a) companheiro(a).

(C) Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a).

(D) Viúvo(a).

Onde e como você mora atualmente?

(A) Em casa ou apartamento, com minha família.

(B) Em casa ou apartamento, sozinho(a).

(C) Em quarto ou cômodo alugado, sozinho(a).

(D) Em habitação coletiva: hotel, hospedaria, quartel, pensionato, república etc.

(E) Outra situação.

Quem mora com você?

(A) Moro sozinho(a)

- (B) Pai e/ou mãe.
- (C) Esposo(a) / companheiro(a).
- (D) Filhos(as).
- (E) Irmãos(ãs).
- (F) Outros parentes, amigos(as) ou colegas.
- (G) Outra situação.

Quantas pessoas moram em sua casa? (Contando com seus pais, irmãos ou outras pessoas que moram em uma mesma casa).

- (A) Duas pessoas.
- (B) Três.
- (C) Quatro.
- (D) Cinco.
- (E) Mais de seis.
- (F) Moro sozinho(a).

16. Quantos(as) filhos(as) você tem?

- (A) Um(a).
- (B) Dois(duas).
- (C) Três.
- (D) Quatro ou mais.
- (E) Não tenho filhos(as).

Até quando você estudou?

- (A) Não estudou.
- (B) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).
- (C) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).
- (D) Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.
- (E) Ensino médio completo.
- (F) Ensino superior incompleto.
- (G) Ensino superior completo.
- (H) Pós-graduação.

Qual sua profissão:

Qual a sua renda mensal?

- (A) Até 1 salário mínimo (até R\$ 465,00 inclusive).
- (B) De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 465,00 até R\$ 930,00 inclusive).

- (C) De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 930,00 até R\$ 2.325,00 inclusive).
- (D) De 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 2.325,00 até R\$ 4.650,00 inclusive).
- (E) De 10 a 30 salários mínimos (de R\$ 4.650,00 até R\$ 13.950,00 inclusive).
- (F) De 30 a 50 salários mínimos (de R\$ 13.950,00 até R\$ 23.250,00 inclusive).
- (G) Mais de 50 salários mínimos (mais de R\$ 23.250,00).

1. Roteiro de Entrevista

1. Sobre a Academia

- 1.1 Desde quando você pratica atividades de musculação?
- 1.2 Qual a finalidade dessas práticas?
- 1.3 Porque você passou a praticar musculação?
- 1.4 Quais mudanças você notou desde que começou a praticar musculação?

2. Sobre padrões de saúde

- 2.1 O que é saúde para você?
- 2.2 Você se preocupa com a saúde?
- 2.3 O que você faz para isso?

3. Sobre beleza masculina

- 3.1 Para você, o que é a beleza?
- 3.2 O que você acha dos homens que se preocupa com a beleza?
- 3.3 Você se preocupa em ser bonito?
- 3.4 O que você faz para isso?
- 3.5 O que seria para você um metrossexual?
- 3.6 Você se considera um metrossexual? Explique?

4. Sobre corpo

- 4.1 O que é um corpo para você?
- 4.2 Você se preocupa com seu corpo? Em que sentido?
- 4.3 Você se preocupa em ter um corpo saudável? Por quê?
- 4.4 Você se preocupa em ter um corpo musculoso? Por quê?
- 4.5 Você acha que um corpo musculoso é bonito?
- 4.6 Por que homens procuram ter um corpo musculoso?
- 4.7 Você conhece o termo marombeiro? O que é?
- 4.8 Você se considera um marombeiro? Explique?

5. Sobre família

- 5.1 O que seus amigos e familiares falam de seu corpo?
- 5.2 O que eles acham de você praticar musculação?
- 5.3 Você dá atenção ao que eles falam do seu comportamento relativo a vir à academia? Explique?